AGOSTO

BIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

LOBÃO
COCTEAU TWINS
ROCKABILLY

GUNS N'ROSES
O PESO DA PLATINA SEGUNDO AXL

\+ RENATO RUSSO NA 'CABRA CEGA' + SONIC YOUTH + KID ABELHA
\+ 'AO VIVO': PIXIES • MARISA MONTE • SEPULTURA • STRAY CATS

M

MARISA MONTE
TOUR 89

MAIO	- Porto Alegre
JUNHO	- Salvador
	- Natal
	- Fortaleza
	- Recife
	- Aracajú
	- Belo Horizonte
JULHO	- Juiz de Fora
	- Campinas
AGOSTO	- Rio de Janeiro
	- Brasília
	- Goiânia
	- Blumenau
	- Joinvile
SETEMBRO	- Florianópolis
	- Curitiba
	- Vitória
	- São Paulo

Imperdível

MARISA MONTE

O DISCO DE PLATINA

350.000 cópias

EMI

O QUE É O QUE NÃO PODE SER

PAULO MIKLOS

Cenas de violência e tensão marcaram o show dos **Titãs** na Concha Acústica do TCA, em Salvador, no dia 28 de maio. Tudo começou com um vacilo dos produtores (Poladian/Gegê Produções), que insistiram na realização do show em local aberto, apesar das chuvas. Com apenas meia hora de show, a garra titânica naufragava frente a mais chuvas, teclados e amplificadores pifados. O público (cerca de cinco mil pessoas) começou a atirar pedras no palco, sendo rapidamente reprimido pela polícia — que chegou a dar tiros de escopeta para o alto.

Sérgio Garcia Soares / Azul

CAÇADA HUMANA

Ralph Tashjian é o primeiro promotor a ser condenado por *payola* (o nosso "jabá"), nos EUA. Tashjian confessou que oferecia drogas a radialistas para que tocassem determinados artistas. Mas sua prisão, na verdade, é apenas parte de um plano para apanhar **Joseph Isgro**, dono de um grande negócio envolvendo jabá, drogas e prostituição. Ele vem sendo caçado pela polícia há três anos.

AMARGO REGRESSO

Uma semana depois de conceder uma entrevista a José Emilio Rondeau (ver matéria nesta edição), **Lobão** era preso pela sexta (!!!) vez. Na sua chegada ao Brasil, no dia 7 de junho, o cantor foi imediatamente detido pela polícia, que o manteve preso durante oito horas. Motivo: Lobão, que cumpre pena de nove meses em prisão aberta, não tinha autorização para deixar o país.

Roberto Arruda / Azul

NICK CAVE GRAVA NO BRASIL

Ricardo Bezerra / Azul

"Não conseguimos nos recuperar do trauma de termos deixado o Brasil", confessou o australiano **Nick Cave** à nossa correspondente em Londres, Anamaria G. de Lemos. Para provar sua recente fixação pela nossa terrinha, Nick pretende gravar seu próximo LP em solo tropical, aportando por aqui em setembro, ao lado dos **Bad Seeds**. Enquanto isso não acontece, Nick pode ser ouvido em mais dois lançamentos: na trilha sonora de *Ghosts of the Civil Dead* (ao lado de Mick Harvey e Blixa Bargeld) e numa faixa de *The Bridge*, um disco em homenagem a **Neil Young**. As outras covers de Young ficam por conta de **Pixies**, **Sonic Youth** e **Butthole Surfers**, entre outros.

FLORES EM MANCHESTER

Uma banda fiel ao espírito incendiário do ro dos anos 60, que pode ser comparada com **Beatles**, **Pink Floyd** e **Love** (início de carreira), ou até mesmo **Jimi Hendrix**. É assim que a *Melody Maker* descreve a nova sensação inglesa: os **Stone Roses**. Formada há cinco anos em Manchester, a banda chegou ao primeiro lugar das paradas independentes (29.º na parada oficial) com seu disco de estréia, pelo selo Silvertone. Mas **Ian Brown** (vocais), que nega qualquer ligação com a "cena de Manchester", tem outras ambições: "Ficaremos desapontados se não chegarmos ao primeiro lugar ainda este ano. Esta é a hora certa".

Pete

A MORTE DE PETE DE FREITAS

A música pop perdeu um grande baterista. No dia 14 de junho, **Pete de Freitas** (Echo & The Bunnymen) morreu em conseqüência de um acidente entre sua moto e um carro, a caminho de Liverpool. Nos últimos tempos, Pete realizava as primeiras gravações com os ex-Bunnymen **Will Sergeant** (guitarra) e **Les Pattinson** (baixo), depois da saída de **Ian McCulloch** da banda. Pete — que tocou com o Echo no Brasil em 87 — tinha apenas 27 anos.

NAS TELAS

Bono foi convidado por **Jack Nicholson** para compor a trilha sonora da seqüência de *Chinatown*, mas ainda não deu resposta. A direção é do próprio Nicholson ⊗ *Do the Right Thing*, filme de **Spike Lee**, tem como música-tema "Fight the Power", do **Public Enemy** ⊗ A cantora **Tiffany** fará a voz de Judy no filme *Jetsons: the Movie!*, com lançamento previsto para o final do ano ⊗ **William Burroughs** contracena com **Matt Dillon** em *Drugstore Cowboy*, um filme sobre o uso das drogas nos anos 70 ⊗ **Frank Dileo**, ex-empresário de **Michael Jackson**, interpreta um mafioso no novo filme de **Martin Scorsese**, *Good Fellas* ⊗ **Yoko Ono** realizou um documentário para a TV japonesa sobre os "sem-casa" em Nova York: *Homeless* ⊗ **Paula Abdul**, a cantora que vem causando sensação nos Estados Unidos, será a responsável pela coreografia do filme *Evita*, de **Oliver Stone**.

TOM TOM CLUB ENTRE NÓS

Marcos Bonissoni / Azul

Tina Weymouth e **Chris Frantz** desembarcam neste mês por aqui para uma série de shows. A baixista e o baterista dos **Talking Heads** mostram o trabalho do **Tom Tom Club** nos dias 11, 12 e 13, no Projeto SP, e 15, no Rio (Canecão). Eles devem tocar faixas do seu mais recente LP, **Boom Boom Chic Boom Boom**, além de possíveis covers do **Velvet** e **Talking Heads** (ver *Ao Vivo*).

A PRISÃO DE IKE

Mais uma vez **Ike Turner** foi parar na cadeia, pelo motivo de sempre: posse de crack. A prisão ocorreu dias depois de uma entrevista à TV, onde Ike aconselhava os interessados em contatá-lo que procurassem a polícia: "Eles sempre sabem onde me encontrar."

DES

ROLAM AS PEDRAS

É um disco variado. Tem rocks, blues, baladas e algumas coisas estranhas, que não parecem totalmente com o velho som dos **Rolling Stones**." Foi assim que **Mick Jagger** definiu o novo trabalho composto em parceria com **Keith Richards**. O LP deve ser lançado em setembro, quando os Stones partem para sua turnê pelos Estados Unidos.

VINIL FRESCO

Já está pronto o quarto LP do **Jesus & Mary Chain.** O lançamento acontece em setembro ⊗ A Beggars Banquet acaba de lançar uma coletânea dupla do **Bauhaus,** comemorando aquele que teria sido o décimo aniversário da banda ⊗ **Michael Stipe,** vocalista do **R.E.M.,** canta ao lado de **Syd Straw (Golden Palominos)** em "Future Forties", faixa de *Surprise*, primeiro LP solo de Syd ⊗ *The Golden Wire* e o nome do novo LP do guitarrista **Andy Summers** (ex-**Police**) ⊗ **Roy Orbison** está de volta em uma coletânea de compactos. *The Singles Collection 1965 — 1973* traz também duas faixas inéditas.

POUCAS & BOAS I

O **Damned**, lembrado até hoje por ter sido a primeira banda britânica punk a lançar um LP, chegou ao fim. Eles se despedem do público inglês com uma série de shows com a formação original ⊗ **Terence Trent D'Arby** está sendo processado por Julian Subero (recentemente condenado a quatro anos de prisão por tráfico de cocaína). Ele alega não ter recebido por um contrato de três meses com o cantor ⊗ **Ian Gillan** (Deep Purple) excursionou recentemente pela Inglaterra tocando só covers de amigos blues.

PET SHOP BOYS EM SUPERPRODUÇÃO

Na sua primeira turnê na Inglaterra, os **Pet Shop Boys** não deixaram por menos: chamaram para a direção do show **Derek Jarman** (*Caravaggio*), que providenciou para os rapazes um filme de quarenta e cinco minutos, a ser projetado durante o espetáculo. **Neil Tennant** e **Chris Lowe** contam ainda com quatro backing vocals e um grupo de dançarinos americanos, além de uma banda com Courtney Pine (sax), Dany Cotsarings (percussão) e Pete Gleadalls (teclados).

O MÉDICO E O MONSTRO

O nariz de **Michael Jackson** foi arruinado." Com essa afirmação, o médico holandês Andrew Posma enterrou definitivamente os planos do cantor, que pretendia realizar a quinta (?!?) cirurgia no nariz. Segundo o médico, a operação seria "arriscada e inútil", já que seu rosto está irremediavelmente comprometido. Michael pode, ao menos, se consolar com a sua girafa, recém-adquirida de um zoológico em Kansas.

OUÇA ESSA

Pense em todo o dinheiro que é gasto tentando combater as drogas. Legalizem tudo. Acabem com o tabu e com o encanto delas."

Lou Reed, à *New Musical Express*

Morreu no dia 7 de junho, vítima de tumor cerebral, a cantora **Nara Leão.** Além da sua atuação decisiva para a bossa nova, a "musa" teve momentos marcantes na década de 60 — participando do espetáculo *Opinião*, de Augusto Boal, e na Tropicália, chegando a cantar em *Panis et Circensis*, o registro do movimento. Além disso, lançou nomes como Chico Buarque e Edu Lobo. Seu último disco, *Meus Sonhos Dourados*, saiu em 86. Ela tinha 47 anos.

A MORTE DO POETA

Paulo Leminski ficou conhecido pelo grande público quando **Caetano Veloso** musicou seu poema "Verdura", no LP *Outras Palavras*. Mas o poeta curitibano teve participação fundamental no movimento concretista, além de incluir em sua obra polêmica haicais, letras de música (tem parceria com **Moraes Moreira** e **A Cor do Som**, entre outros), romances e biografias (Trotsky e Jesus Cristo). Ele morreu no dia 7 de junho, vítima de cirrose hepática, aos 44 anos.

FALL DE DISCO NOVO

Pouco antes de chegar ao Brasil para duas únicas apresentações no Canecão (RJ, 18 e 19 de julho), o **Fall** lançava mais um LP, o último pelo selo independente Beggars Banquet. O décimo-sexto (?) LP do Fall chama-se *Seminal Live*.

VINIL FRESCO II

Sai este mês o novo LP do **INXS**, gravado em Hong Kong. Quem ouviu garante que o grupo mergulhou de cabeça no funk ⊗ **Sinead O'Connor** anda flertando com o heavy metal: recentemente, ela gravou algumas faixas com o **Anthrax** ⊗ O ex-produtor **Arthur Baker** decidiu assumir a frente e lançar seu próprio disco, chamado *Arthur Baker & The Backbeat Disciples*. Participam do disco **Jimi Somerville** (Communards), **Martin Fry** (ABC) e **Andy McCluskey** (OMD), entre outros.

DIREITOS HUMANOS JÁ!

Mostras de cinema e vídeo, palestras e shows comemoram neste mês em São Paulo o bicentenário da Declaração dos Direitos Humanos. Os filmes e vídeos estarão no Centro Cultural, enquanto os shows acontecem no Ibirapuera. Até o fechamento desta edição, esperava-se a confirmação dos nomes de **Caetano, Gil** e **Chico**, além de bandas de rock a definir.

O SELO DE PETER GABRIEL

Peter Gabriel realizou um velho sonho: a criação do selo Real World. Entre os primeiros lançamentos do selo de Gabriel estão a trilha sonora de *A Última Tentação de Cristo*, uma compilação de música tradicional (Egito, Senegal, Armênia, Turquia e Nova Guiné), um álbum de uma banda de dance music cubana e um LP de **Tabu Ley**, uma das maiores estrelas do Zaire. Gabriel está presente também em uma faixa do novo LP de **Youssou N'Dour**, *The Lion*, parcialmente gravado nos estúdios Real World.

VINIL FRESCO III

A banda americana **Dinosaur Jr.** lançou um compacto com uma cover de "Just Like Heaven", do **Cure** ⊗ Dois ex-**Frankie Goes to Hollywood** estão com discos solos na praça. **Holly Johnson** lança seu primeiro LP solo, *Blast*, enquanto **Paul Rutherford** antecipa um futuro LP com o compacto "I Want Your Love" ⊗ O ex-Orange Juice **Edwin Collins** está lançando seu primeiro solo: *Hope and Despair* ⊗ O **Wire** está lançando um LP ao vivo. Chama-se *It's Beginning to and Back Again*.

SEPULTURA NA MELODY MAKER

O quarteto mineiro **Sepultura** realizou o sonho de dezenas de roqueiros brasileiros — conseguir o aval do mercado exterior. *Beneath the Remains*, seu mais recente LP, lançado pelo selo Roadrunner na Europa e Estados Unidos, tem recebido uma acolhida fervorosa, tanto do público quanto da imprensa. Depois de percorrer as páginas da revista inglesa *Metal Force* — que colocou os garotos na capa em março —, e da *Kerrang* (também inglesa) — destaque na seção de lançamentos e matéria dupla na edição seguinte —, o Sepultura começou a tomar de assalto as paradas. No dia 27 de maio, a mesma *Kerrang* exibia *Beneath...* em primeiro lugar, destronando bandas como Metallica e Poison. Logo depois, seria a vez da parada independente do semanário inglês *Melody Maker*: no dia três de junho, eles ocupavam o nono lugar.

JOHNNY MARR FICA NO THE THE

Parei definitivamente com as participações nos discos de outras pessoas", declarou recentemente **Johnny Marr** (o segundo à esquerda). Depois de tocar com **Bryan Ferry, Talking Heads** e **Pretenders,** o ex-Smith afirma estar totalmente envolvido com o **The The,** que excursiona pela Inglaterra, após o lançamento do LP *Mind Bomb*.

O ANO DO JUKEBOX

No dia 23 de novembro, os Estados Unidos comemoram os 100 anos de jukebox. Cem anos depois, a maquininha musical é mais popular do que nunca.

POUCAS & BOAS II

Jon Bon Jovi casou-se no dia 29 de abril com a colegial Dorothea Hurley, na capela Graceland, Las Vegas ⊗ **Michael Jackson** pode adquirir os direitos autorais sobre todos os clássicos da Motown. Isso se ele comprar, de Berry Gordy Jr., a Jobete Music, atual detentora dos direitos ⊗ As grandes gravadoras estão em guerra. Elas disputam a compra da Island Records, que tem no seu cast o **U2** ⊗ **Frank Zappa** acaba de lançar uma autobiografia, escrita a quatro mãos com Peter Occhiogosso. Chama-se *The Real Frank Zappa Book*.

A IRMÃ SECRETA DE LENNON

A revelação foi feita por **Julia Baird** no recém-lançado *John Lennon, My Brother*. Segundo ela, John tem uma segunda irmã, doada ao nascer para um casal norueguês. Julia adiantou, porém, que não pretende procurar a irmã, que desconhece até hoje o ilustre parentesco. O livro, um relato da infância de John, tem prefácio de **Paul McCartney**.

HOLLYWOOD ROCK II

Foi confirmada oficialmente a realização do segundo *Hollywood Rock*. Até o fechamento desta edição, porém, apenas as datas estavam confirmadas: a primeira edição acontece nos dias 18, 19 e 20 e a segunda, dias 25, 26 e 27 de janeiro de 1990. Os locais (provavelmente Apoteose, no Rio, e Morumbi, em São Paulo) não foram confirmados. Quanto as atrações, as possibilidades são bem ecléticas, indo de **Rick Astley** a **Morrissey** (?). Aqui vai a lista completa dos artistas em negociação: R.E.M., INXS, Guns N'Roses, Pet Shop Boys, Fine Young Cannibals, Phil Collins, Midnight Oil, Bon Jovi, Tears for Fears, Elton John, Marillion, Julian Lennon, Boy George, Everything But the Girl, Terence Trent D'Arby, Tracy Chapman e Cult — além dos dois citados acima.

VINIL FRESCO IV

Já está pronto o segundo LP de **Ziggy Marley**, com produção de Chris Frantz e Tina Weymouth (Talking Heads, Tom Tom Club) ⊗ Os **Beastie Boys** estão de disco novo. Chama-se *Paul's Boutique* ⊗ *Beam Drive* é o nome do novo disco dos **Ramones** ⊗ **Malcolm McLaren** está de volta com um álbum que mistura Strauss e house music: *The Waltz: Darling* ⊗ O baixista **Jack Bruce** (ex-Cream), que vinha trabalhando com vários músicos de rock e jazz, está lançando um disco solo, produzido por Joe Blaney (Talk o Cheap).

LAR, DOCE LAR

Um grande centro de artes em Dublin é a mais recente realização do **U2** — que financiou o projeto, além de pressionar a Yamaha para que fornecesse instrumentos. Em seu regresso à terra natal, **Bono** aproveitou ainda para dar uma canja no show de **Bob Dylan**, cantando "Knocking on Heaven's Door" e "Maggie's Farm".

AGOSTO NO ROCK

3/08/63 — Os Beatles fazem sua última apresentação no Cavern Club
5/08/67 — O Pink Floyd lança seu primeiro LP, *The Piper at the Gates of Dawn*
8/08/87 — Johnny Marr anuncia sua saída dos Smiths
8/08/88 — O Jethro Tull encerra em São Paulo sua turnê de vinte anos de carreira
10/08/87 — O grupo alemão The Blech inicia turnê pelo Brasil
10/08/88 — O Harte 10 inicia turnê pelo Brasil
11/08/88 — O Zapp se apresenta em São Paulo
12/08/70 — Janis Joplin faz seu último concerto em Cambridge
12/08/88 — O Mighty Lemon Drops inicia sua turnê pelo Brasil
13/08/87 — O B.A.D. inicia turnê pelo Brasil
15/08/1877 — Thomas Edson realiza a primeira gravação sonora, com a música "Mary Had a Little Lamb"
15/08/69 — Começa o festival de Woodstock
16/08/77 — Morre Elvis Presley
27/08/67 — Morre Brian Epstein, empresário dos Beatles

ROCK IN MOSCOW

Acontece nos dias 12 e 13 deste mês, no Estádio Lenin o *Moscow Music and Peace Summit*, um festival reunindo **Bon Jovi, Motley Crue, Scorpions** e a banda soviética **Gorky,** entre outros. O evento vai ser acompanhado por um LP com covers de astros que tenham morrido em conseqüência do consumo de drogas ou álcool. A renda será revertida para a *Make a Difference Foundation*, uma associação americana anti-drogas. Quem também atravessou a cortina de ferro foi **Stevie Wonder,** com uma turnê pelas principais cidades polonesas. Stevie terá seu último LP, *Characters*, lançado na Polônia.

NIKE AIR. NÃO É APENAS UM TÊNIS. É UMA REVOLUÇÃO.

NIKE AIR

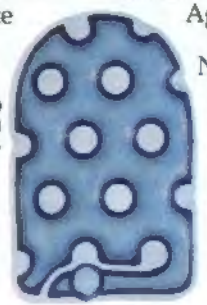
Antes de conquistar os atletas de todo o mundo, Nike Air é uma conquista da ciência.

Na prática do esporte, toda vez que o pé bate no chão, ocorre uma onda de choque.

Essa onda é transmitida ao esqueleto, prejudicando ossos e juntas do corpo.

Para eliminar esse problema, o laboratório Nike teve uma solução simples e ao mesmo tempo revolucionária.

Nike Air, patente mundial da Nike, tem uma almofada de gás comprimido dentro da palmilha.



EXCLUSIVO SISTEMA NIKE AIR.

Cada vez que o pé bate no chão, essa almofada se contrai e absorve o impacto, impedindo que a onda de choque se propague pelo corpo.

Esse é o efeito amortecedor de Nike Air.

Agora o efeito trampolim.

Quando a almofada do Nike Air se contrai, ela retém a energia do impacto.

E quando se expande, assim que o calcanhar sai do chão, a almofada devolve essa energia como força de impulsão para o movimento seguinte.

Nike Air, líder no ranking dos Estados Unidos, chega ao Brasil.

Nike Air Windrunner, para a prática do jogging.

Nike Air Conquest, para a prática do tênis.

Nike Air CrossTrainer, balanceado para uma combinação de esportes.

Nike Air. A partir de agora, quem não estiver com ele vai estar atrás dele.

NIKE AIR CONQUEST

NIKE AIR WINDRUNNER

NIKE AIR CROSSTRAINER

Para maiores informações, ligue a cobrar para SAC NIKE, tel.: (011) 571-1110.

A G O S T O 8 9

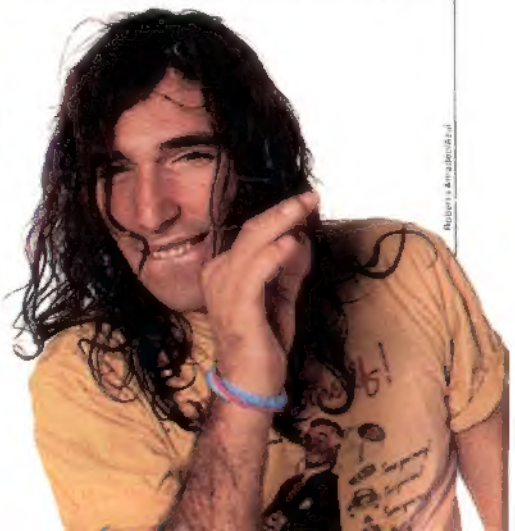
BIZZ

A partir de 81, quando Lee Ranaldo, Thurston Moore e Kim Gordon se encontraram em Nova York, a música pop se viu abalada por uma das maiores descargas de energia sonora da década. Com uma formação convencional — duas guitarras, baixo, bateria — o **Sonic Youth** revolucionou o conceito de guitar band, criando um som pesado e original, herdeiro direto do Velvet Underground e dos Stooges. No momento em que a banda americana aportava no Brasil — através de seu quarto LP, *Sister*, e uma possível turnê em solo tropical — Celso Pucci discou para Nova York e interrogou Lee Ranaldo, um dos responsáveis pelo ensurdecedor som de guitarra da banda. Lee abandonou seu ensimismo habitual e partiu para uma conversa amigável — onde declarou, entre outras coisas, sua paixão por Madonna, na pág. 34.

Roberto

Shirlei

Se é verdade que **Lobão** já garantiu um espaço no rock brasileiro, também é certo que **sua carreira sempre** teve que enfrentar vários acidentes de percurso, por causa de sua falta de sorte com a polícia e sua personalidade inconformista e irreverente. Por exemplo, a gravação de seu último LP exigiu uma saída clandestina do país e resultou em sua sexta prisão ao retornar ao Brasil. Lobão queria gravar com um dos produtores brasileiros mais respeitados, *Liminha*, que reside em Los Angeles. Em regime de prisão domiciliar, o cantor não podia deixar o país. Pois ele foi e, segundo José Emílio Rondeau, que ouviu o disco e conversou com a fera, os riscos valeram a pena. A história completa da aventura está na página 18.



Roberto Arruda/Divulgação

Algumas bandas são fáceis de entrevistar. Outras, quase impossíveis. É na segunda alternativa que se encontram os **Cocteau Twins**. Para Liz, Robin e Simon, as palavras são supérfluas; portanto, qualquer tentativa de falar sobre música é rigorosamente uma bobagem. Para Anamaria G. de Lemos, encarregada de cercar o trio escocês em seu novo estúdio, o sucesso foi uma surpresa. Apesar do silêncio em relação a determinadas questões — especialmente quando o assunto era o Brasil —, não foi difícil obter dados esclarecedores sobre uma das mais importantes bandas independentes do momento. Poucos meses após o lançamento de *Blue Bell Knoll*, seu quinto LP, eles já preparam o próximo vinil, sempre amparados por uma fórmula infalível: diversão + perfeccionismo. Na pág. 48.

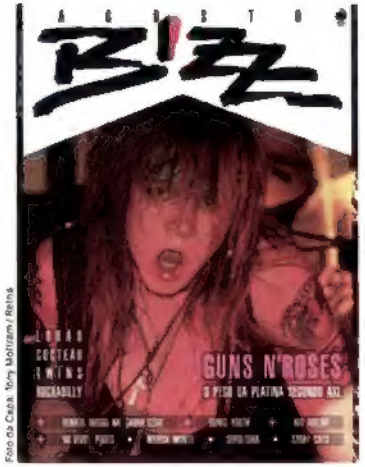


Foto da Capa: Tony Mottram / Retna

Som pesado, cabelos compridos, tumultos em estádios lotados, hotéis destruídos, prisões, envolvimentos com drogas, porres... O **Guns N'Roses**, uma banda de Los Angeles com menos de quatro anos de estrada, está revivendo o velho mito setentista de rock duro e agressivo, acompanhado de um estilo de vida igualmente selvagem. Com muito sucesso. Eles venderam mais de sete milhões de cópias de seu primeiro disco, *Appetite for Destruction*, e enchem os estádios por onde passam. O fenômeno não é isolado: a década de 80 viu o heavy metal — um dos gêneros mais execrados pela mídia e perseguidos pelos moralistas — e o hard rock renovarem seu vigor e se transformarem, contra todas as expectativas, em uma nova febre em escala mundial.

Axl, o vocalista da banda que caminha a passos largos para o mega-estrelato, pára para considerar os acertos e erros da trajetória do grupo até agora e responde perguntas cabeludas do repórter Del James, da revista *Rip*, na entrevista à página 24.

4 SHOWBIZZ

14 PARADA

38 KID ABELHA
por *Lorena Calabria*

40 ROCKABILLY
por *Marcel Plasse*

52 SIMPLE MINDS (PARTE II)
por *Jonh Wilde*

56 CABRA CEGA
Renato Russo

58 CONEXÃO BRASIL

60 AO VIVO
Pixies, Sepultura/Nuclear Assault, Marisa Monte

71 DISCOS
Sugarcubes, XTC, S'Express, Metallica

82 LETRAS
"Veronica", Elvis Costello

84 CARTAS

86 DISCOTECA BÁSICA
Estudando o Samba, Tom Zé

PARADA

CONVENÇÕES:

( ) INDICA A POSIÇÃO NA PARADA ANTERIOR
(N) INDICA NOVIDADE NA PARADA
(R) INDICA RETORNO À PARADA

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE NA PARADA BIZZ! ESCREVA PARA A BIZZ, CAIXA POSTAL 56081, CEP 05424, DIZENDO QUAIS OS DISCOS QUE VOCÊ COMPROU ESTE MÊS. ACRESCENTE SEU NOME, ENDEREÇO E TELEFONE, PARA QUE POSSAMOS VOLTAR A CONSULTÁ-LO.

LEITORES

1	*Like a Prayer* (14)	**Madonna** WEA
2	*Go Back* (2)	**Titãs** WEA
3	*Introspective* (13)	**Pet Shop Boys** EMI-Odeon
4	*MM* (12)	**Marisa Monte** EMI-Odeon
5	*On Tour in Brazil* (N)	**A-ha** WEA
6	*Rattle and Hum* (4)	**U2** WEA
7	*Big Thing* (2)	**Duran Duran** EMI-Odeon
8	*Noel* (N)	**Noel** WEA
9	*O Tempo Não Pára* (5)	**Cazuza** PolyGram
10	*Dress for Excess* (N)	**Sigue Sigue Sputnik** EMI-Odeon
11	*Delicate Sound of Thunder* (N)	**Pink Floyd** CBS
12	*Rank* (19)	**Smiths** Stiletto
13	*Diesel and Dust* (N)	**Midnight Oil** CBS
14	*Faith* (R)	**George Michael** CBS
15	*Technique* (N)	**New Order** WEA
16	*Hold Me in Your Arms* (N)	**Rick Astley** BMG-Ariola
17	*Substance* (R)	**Joy Division** Stiletto
18	*Substance* (10)	**New Order** WEA
19	*Green* (N)	**R.E.M.** WEA
20	*The Singles* (9)	**Depeche Mode** WEA

Lojas consultadas: **Cogumelo Discos** (Belo Horizonte), **Gramophone** e **Modern Sound** (Rio de Janeiro), **Bossa Nova, Musical Box** e **Yabba Dabba Doo** (São Paulo).

LOJAS

1	*Technique* (15)	**New Order** WEA
2	*The Raw & the Cooked* (4)	**Fine Young Cannibals** PolyGram
3	*New York* (3)	**Lou Reed** WEA
4	*Like a Prayer* (1)	**Madonna** WEA
5	*GN'R Lies* (N)	**Guns N' Roses** WEA
6	*The Best of Art of Noise* (7)	**Art of Noise** PolyGram
7	*O Tempo Não Pára* (2)	**Cazuza** WEA
8	*Surfer Rosa* (N)	**Pixies** WEA
9	*MM* (5)	**Marisa Monte** EMI-Odeon
10	*Beneath the Remains* (N)	**Sepultura** Cogumelo Discos
11	*All or Nothing* (N)	**Milli Vanilli** BMG-Ariola
12	*Hold Me in Your Arms* (N)	**Rick Astley** BMG-Ariola
13	*Appetite for Destruction* (10)	**Guns N' Roses** WEA
14	*The Innocents* (N)	**Erasure** WEA
15	*Into the Dragon* (8)	**Bomb the Bass** Stiletto
16	*Hunkpapa* (N)	**Throwing Muses** WEA
17	*Street Fighting Years* (N)	**Simple Minds** EMI-Odeon
18	*The House of Love* (N)	**House of Love** Stiletto
19	*E Agora pra Dançar?* (17)	**Gueto** WEA
20	*A New Flame* (N)	**Simply Red** WEA

LPs (EUA)

1	(2)	*Like a Prayer* — **Madonna** (Sire)
2	(5)	*The Raw & The Cooked* — **Fine Young Cannibals** (MCA)
3	(N)	*Beaches* (Trilha Sonora) — **Vários** (Atlantic)
4	(1)	*Lac-ed After Dark* — **Tone Loc** (Delicious Vinyl)
5	(7)	*GN'R Lies* — **Guns N' Roses** (Geffen)
6	(N)	*Sonic Temple* — **The Cult** (Sire)
7	(10)	*Forever Your Girl* — **Paula Abdul** (Virgin)
8	(N)	*Full Moon Fever* — **Tom Petty** (MCA)
9	(9)	*Hangin' Tough* — **New Kids on the Block** (Columbia)
10	(4)	*Don't Be Cruel* — **Bobby Brown** (MCA)

LPs (GB)

1	(N)	*The Miracle* — **Queen** (Parlophone)
2	(N)	*Ten Good Reasons* — **Jason Donovan** (PWL)
3	(N)	*Tin Machine* — **Tin Machine** (EMI)
4	(N)	*The Hits Album 10* — **Vários** (CBS/WEA/BMG)
5	(N)	*Street Fighting Years* — **Simple Minds** (Virgin)
6	(N)	*Nite Flite 2* — **Vários** (CBS)
7	(N)	*Don't Be Cruel* — **Bobby Brown** (MCA)
8	(N)	*The Other Side of the Mirror* — **Steve Nicks** (Modern)
9	(N)	*Past Present* — **Clannad** (RCA)
10	(5)	*Club Classics Vol. 1* — **Soul II Soul** (10)

LPs Independentes (GB)

1	(N)	*The Stone Roses* — **The Stone Roses** (Silvertone)
2	(N)	*Ten Good Reasons* — **Jason Donovan** (PWL)
3	(1)	*Doolittle* — **Pixies** (4AD)
4	(N)	*Phenoxard* — **The Shamen** (Moksha)
5	(N)	*Dial M for Motherfucker* — **Pussy Galore** (Product Inc)
6	(N)	*Joy Ride* — **Brilliant Corners** (McQueen)
7	(2)	*3 Feet High and Rising* — **De La Soul** (Big Life)
8	(N)	*Bug* — **Dinosaur Jr.** (Blast First)
9	(5)	*Surfer Rosa* — **Pixies** (PWL)
10	(N)	*Superfuzzbigmuff* — **Mudhoney** (Glitterhouse)

Compactos (EUA)

1	(N)	"Rock On" — **Michael Damian** (Cypress)
2	(N)	"Wind Beneath My Wings" — **Bette Midler** (Atlantic)
3	(N)	"Soldier of Love" — **Donny Osmond** (Capitol)
4	(N)	"Patience" — **Guns N' Roses** (Geffen)
5	(N)	"Every Little Step" — **Bobby Brown** (MCA)
6	(N)	"I'll Be Loving You" — **New Kids on the...** (Columbia)
7	(N)	"Buffalo Stance" — **Neneh Cherry** (Virgin)
8	(N)	"Satisfied" — **Richard Marx** (EMI)
9	(N)	"Real Love" — **Jody Watley** (RCA)
10	(N)	"Forever Your Girl" — **Paula Abdul** (Virgin)

Compactos (GB)

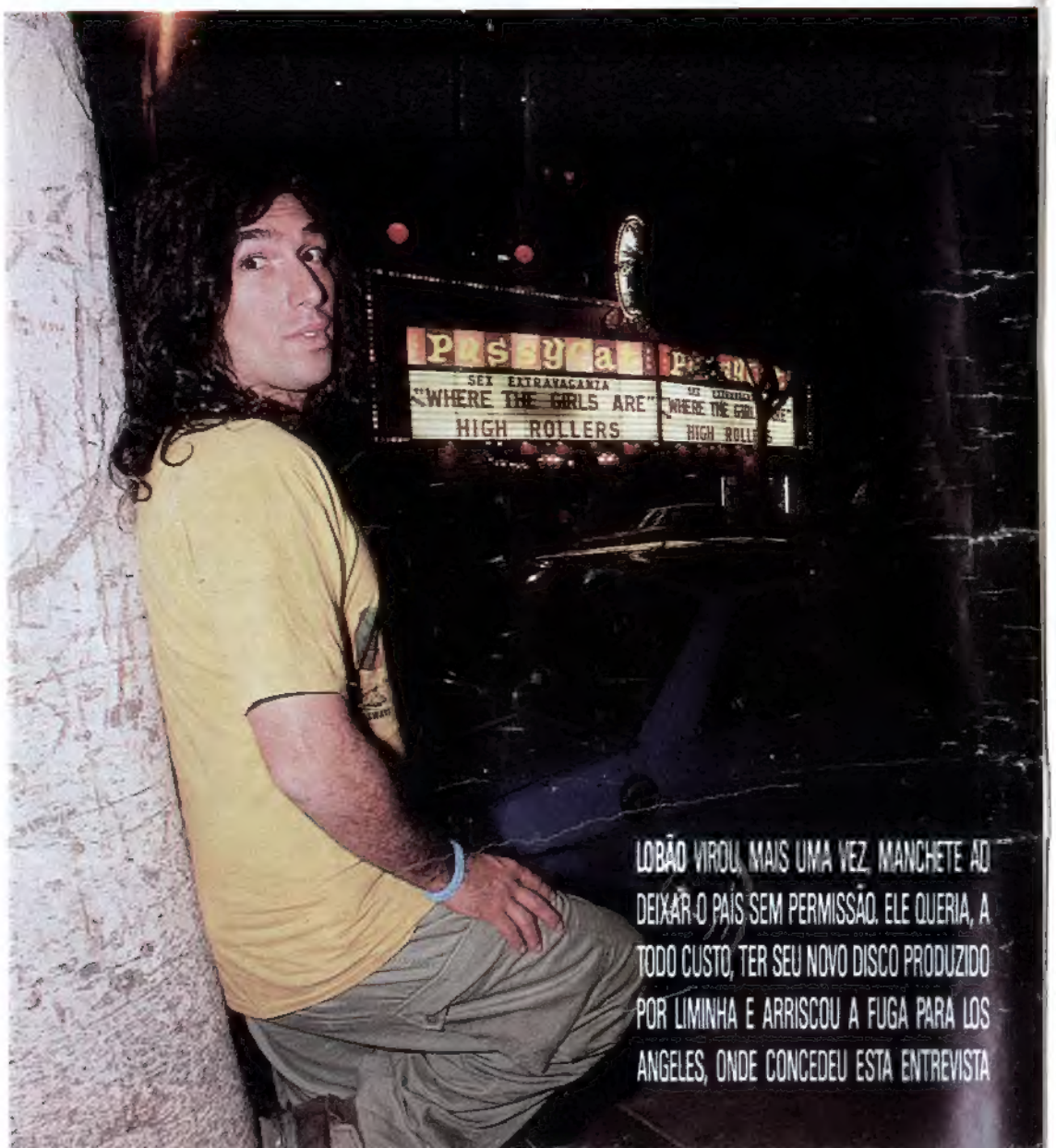
1	(N)	"Ferry Across the Mersey" — **Vários** (PWL)
2	(N)	"On the Inside" — **Lynne Hamilton** (A.I)
3	(N)	"Manchild" — **Neneh Cherry** (Circa)
4	(N)	"Miss You Like Crazy" — **Natalie Cole** (EMI)
5	(N)	"Every Little Step" — **Bobby Brown** (MCA)
6	(N)	"Express Yourself" — **Madonna** (Sire)
7	(N)	"Sealed With a Kiss" — **Jason Donovan** (PWL)
8	(N)	"I Don't Wanna Get Hurt" — **Donna Summer** (Warner)
9	(N)	"Right Back Where..." — **Sinitta** (Fanfare)
10	(N)	"The Best of Me" — **Cliff Richard** (EMI)

Compactos Independentes (GB)

1	(N)	"Psychonaut Lib III" — **Fields of the...** (Situation)
2	(N)	"Just Like Heaven" — **Dinosaur Jr.** (Blast First)
3	(N)	"Ferry Across the Mersey" — **Vários** (PWL)
4	(N)	"Sugar Love EP" — **Lunachicks** (Blast First)
5	(N)	"Joe" — **The Inspiral Carpets** (Cow)
6	(N)	"Helyom Halib" — **Capella** (Music Man)
7	(N)	"Hand on Your Heart" — **Kylie Minogue** (PWL)
8	(N)	"Not Listening Anymore" — **Stuff** (Workers Playtime)
9	(N)	"My Telephone" — **Coldcut** (Ahead of Our Time)
10	(N)	"Just Keep Rockin'" — **Double Trouble** (Desire)

Fontes: *Billboard* e *Cash Box* (E.U.A), *Melody Maker* e *New Musical Express* (GB), de 5 a 21/05/89. Para a *Parada de Lojas* foram consideradas as cartas recebidas até 30/05/89.

EXÍLIO EM HOLLYWOOD



LOBÃO VIROU, MAIS UMA VEZ, MANCHETE AO DEIXAR O PAÍS SEM PERMISSÃO. ELE QUERIA, A TODO CUSTO, TER SEU NOVO DISCO PRODUZIDO POR LIMINHA E ARRISCOU A FUGA PARA LOS ANGELES, ONDE CONCEDEU ESTA ENTREVISTA

Fotos: Roberto Amadeo/Azul

O lobão surge sob o portal e revela o focinho comprido. Ele se exibe, gargalhante, a uma platéia pequena — porém atônita — reunida no estúdio caseiro em Beverly Hills. Detrás do lobão, aparece uma múmia — de meias cor de pêssego e bermuda florida, mas indiscutivelmente múmia decrépita, com teias de aranha sobre as órbitas deformadas. O lobão é igualmente asqueroso, com orelhas peludas mal ocultas por um chapéu de feltro, onde repousa uma fatia de queijo.

Queijo? Lobos comem porcos, galinhas, ovelhas. Queijo, nunca. Mas este em questão procede, porque não é um lobão, afinal, o companheiro da múmia e sim um baita senhor João Ratão: dentuço, peludo, cor de burro quando foge, de jeans, óculos pendurados num dos bolsos da camisa de mangas compridas e uma língua obscena, que pende das presas ensangüentadas.

Para tornar mais confusa a charada, dom Ratão remove a máscara pontuda e mostra que, por baixo dela, reside, na verdade, um lobão. De apelido, mas um Lobão: recém-bronzeado e jubilante com os brinquedos comprados minutos atrás numa das muitas lojas de besteiras enfileiradas em Hollywood, sugestão da múmia — alias, Teca Macedo, mulher de Liminha —, que sai correndo em busca de uma câmera para fotografar as aquisições.

"Olha só", resfolega o Lobão com um sorriso infantil e maroto, tirando de duas sacas muitas outras máscaras igualmente horripilantes, mais um esqueleto inflável, ao qual ele dá volume com potentes lufadas. "Minha filha começou a engatinhar hoje, e eu precisava comprar um presente para ela, para comemorar." O presente? Um gorila inflável, de dois metros de altura. Logicamente.

Com as malas ainda longe de prontas para a volta ao Brasil, Lobão — dois dias mais tarde — senta-se no chão e vai ouvindo com Liminha as mixagens finais do disco que gravou durante quase três meses em Los Angeles, *Sob o Sol de Parador* ou *Um Boba pra Cristo* ou *Uma Dose a Mais*, — ele ainda não se decidiu pelo título ("Típico", Lobão comenta). Ele fala também sobre as diferenças entre as duas versões de "Azul e Amarelo" — uma bossa-nova ao mesmo tempo doce e sombria, parceria com Cazuza —, diz preferir a que sublinha a percussão, mas Liminha contemporiza argumentando que as duas são boas e que ainda há tempo para se decidir até o corte do acetato. Quatro faixas mais tarde, Lobão pensa seriamente em adiar a viagem para poder ver David Bowie e sua Tin Machine no minúsculo Roxy, um show exclusivíssimo de que só se sabe nas internas angelenas. Além do mais, ele e Liminha decidem, na hora, gravar como bônus extra para a versão do disco em CD, mais uma música, "Um Hino ao Juiz", em russo, baseado no poema homônimo de dez estrofes escrito por Maiakóvski ("É sobre o homem e a justiça", explica Lobão).

Como se fosse preciso algo mais. Qualquer que seja o título, o sexto disco de Lobão é o melhor de sua carreira — conciso, bem focado, urgente e tópico sem ser estabanado, equilibrado, maduro. E é, sem sombra de dúvida, o que tem o melhor som de toda a discografia. "Esse disco me faz pensar que os outros eram demo-tape", enfatiza Lobão. "Parece que estou fazendo meu primeiro disco agora."

Após quase dois anos morando e trabalhando de Los Angeles para o Brasil, Liminha é hoje o único produtor brasileiro de nível internacional, e essa supremacia torna-se óbvia em *Sob o Sol de Parador* (ou...). Descontada a barreira da língua, este disco poderia tranqüilamente disputar palmo a palmo com qualquer recheio de *hit parade* em vigor. É tecnicamente perfeito, sem perder o teor humano. É, alternadamente, cru e lapidado com esmero. É complexo — como em "Panamericana" (o antetítulo da faixa que dá nome ao álbum), escrita por Lobão com Tavinho Paes e Arnaldo Brandão, de uma estrutura sofisticada que sustenta uma metralhadora giratória de frases contra os ditadores e o terror e também em "Quem Vai Votar" (ex-"O Sofista"), dois únicos acordes em sucessão espiral, com ecos claros dos Sex Pistols, enquanto Lobão cospe "A política faliu / não dá mais pra segurar / até o que é civil parece militar" —, ultrapesado, principalmente nos ataques incendiários do guitarrista Carlo Bartolini, ex-Ultraje, em "Sexy Sua" (semi-inédita de Arnaldo Baptista) e "E o Vento Te Levou". Também pode ser dolente, como no calipso/rancho "Essa Noite Não" e em "Toda Nossa Vontade", inspirada numa carta de Olga Benário, mulher do líder comunista Luis Carlos Prestes. Tem elementos a granel para ser clássico, longevo e comercial.

E por pouco esse disco — que poderá arremeter Lobão a um patamar de vendas bastante superior às oitenta mil cópias de praxe — não nasceu. Por razões geográficas — a RFFSA ainda não liga o Leblon ao Vale de São Fernando —, táticas e diplomáticas. Não necessariamente nesta ordem.

"A gente — eu e Bernardo (Vilhena) — estava ouvindo uma fita do Arnaldo Baptista para ver qual daquelas músicas eu poderia ter condições de interpretar, como um tributo ao Arnaldo." Lobão acabou de acordar de uma soneca pós-almoço e rememora, recostado num cobertor, dentro de uma das salas do estúdio Ameraycan, em North Hollywood, subúrbio de Los Angeles. "Eu encontrei o Arnaldo em Juiz de Fora — ele está morando lá, bem no *countryside* — e me entregou uma fita com músicas incríveis. Antes disso, eu estava pensando em gravar uma música dos Mutantes. Pensava assim: 'Pô, todo mundo, quando fala da história do rock brasileiro, começa a reportar dos anos 80'. Ninguém se lembrava do Seixas, dos Mutantes, dessas coisas todas.

"Esse disco me faz pensar que os outros eram demo tape"

Vamos pegar uma música do Arnaldo — sempre fui fã ardoroso dos Mutantes."

Foi aí que aconteceu o telefonema.

"Me ligaram (de um jornal que estava fazendo uma reportagem sobre Liminha) dizendo assim: 'Tá uma unanimidade em relação ao Liminha. Todo mundo fala que ele é muito bom...' Eu sempre fui amigo do Liminha. A gente sempre trabalhou/brincando junto. Mas o Lobão mordeu a isca. 'Ah, então vocês querem que eu fale mal dele? Então diz aí que ele é um tecnocrata.' E o jornal publicou a frase. A jornalista estava pensando num elemento de discórdia, então mandei essa."

"Depois disso, o Liminha, muito filhadaputamente, me telefonou *(imitando o produtor)*: 'Lobão? Obrigado, hein? Gostei de ser chamado de tecnocrata. Muito bem... mas, agora, você não gostaria de entrar numa faixa do disco do Wander *(Taffo, ex-Rádio Táxi)* cantando?' E eu: 'Claro, já estou indo'. E foi exatamente o que aconteceu. Fui para lá *(o estúdio Nas Nuvens, no Rio de Janeiro)*, brincamos de autorama e a sessão de gravação foi muito boa — o Liminha me produziu a voz muito bem: 'Lobão, você está bebendo muito agora'. Perai, agora pega os *esses*. Parece que ele adivinha as coisas que eu preciso fazer. E eu tô concordando plenamente."

"Quando voltei para casa, consultei o Bernardo: 'Ó, acho que o produtor desse disco é o Liminha'. Dois dias depois da gravação do Wander *(a faixa chama-se "Meu Punhal")*, liguei para o Liminha. Ele riu: 'Claro, vamos nessa. Mas eu estou indo para Los Angeles'. E aí começaram as negociações para ver como nós poderíamos fazer esse disco."

Abaixo, um flagrante da parceria do Grande Lobo com Liminha

Decididos pela gravação em Los Angeles, Lobão e Liminha se reuniram com a BMG-Ariola. No início, a gravadora sugeriu que os dois fizessem o disco sozinhos. Mais tarde, cogitou-se gravar um disco de Lobão com diversos músicos norte-americanos ("Seria até um gancho", lembra Lobão). Mas prevaleceu a vontade do artista e do produtor: um disco com a banda de Lobão — Rodrigo (baixo), Nani (guitarra), Zé Luiz (sax e flauta), Cadu (bateria) e Alcir Explosão (percussão) — mais eventuais participações especiais como as de Carlos Bartolini e do tecladista Ronnie Foster (órgão em "Parador", "Essa Noite Não" e "Sexy Sua". Nesta última, ele também toca tack-piano). "Gravar com banda é outra coisa", argumenta Liminha. "Todo mundo se move junto, todo mundo respira junto."

Faltava, porém, o principal: conseguir que Lobão chegasse a Los Angeles.

"Falei com meus advogados", explica ele, "dizendo que estava com um projeto de sair do Brasil para poder fazer um disco. Eles, então, pegaram meu passaporte, consultaram os computadores da polícia federal e viram que havia um 'nada consta'. Não tinha, portanto, impedimento algum para que eu saísse do Brasil. Legalmente, eu estava livre".

"Agora, não queria correr o risco de ser sancionado mais uma vez e suprimir meu trabalho. Passei dois anos virtualmente preso — isso me prejudicou muito. Em transações de negócio, mesmo. Cortaram minha conta bancária, me chamavam de doidão. E a imprensa..." Lobão faz uma pausa. "Estou meio triste com a imprensa, porque fez uma imagem de mim muito exagerada, e porque brincou muito com minha imagem. E isso me prejudicou."

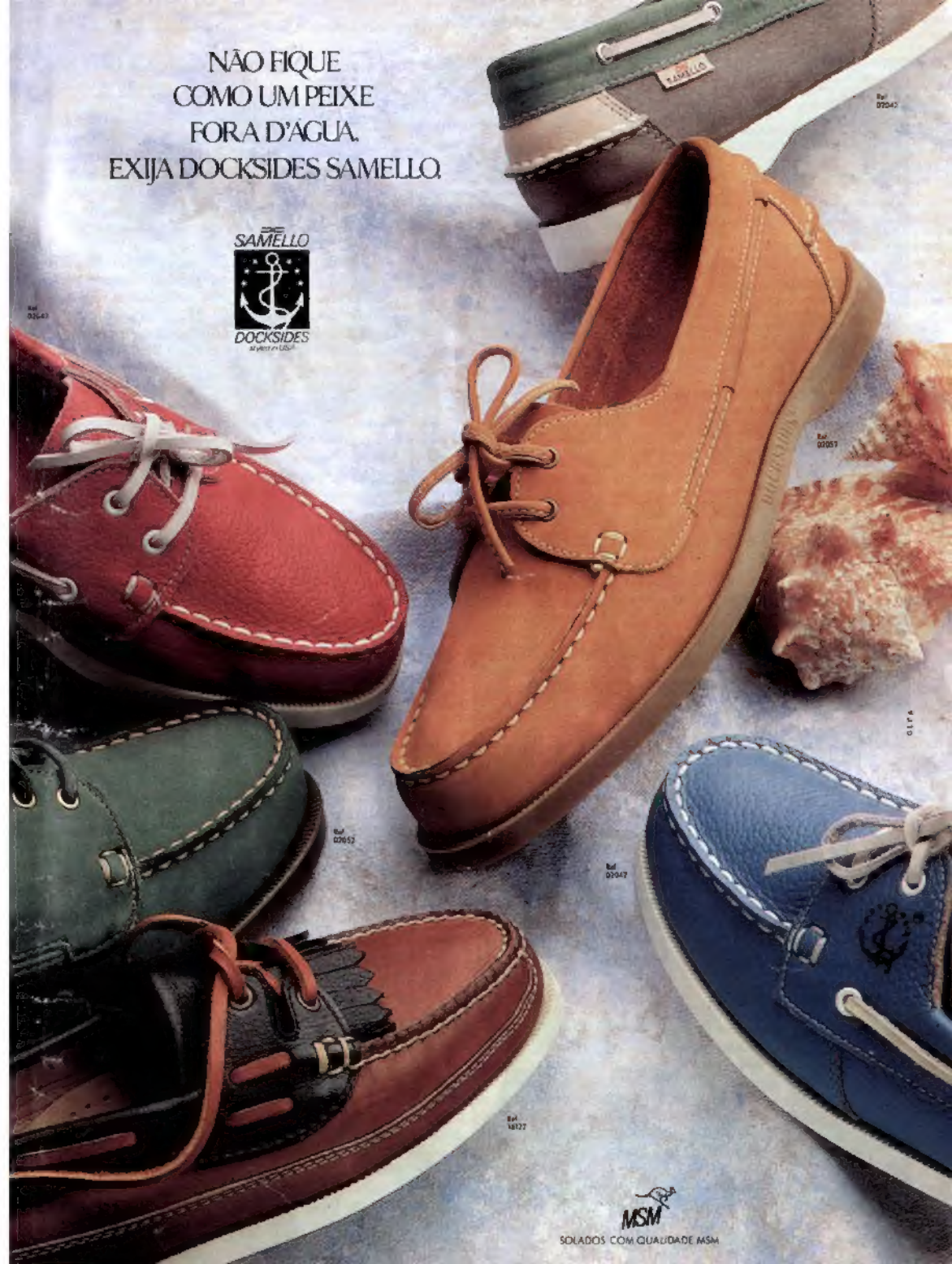
"Por que essa 'caça ao Lobão'? E por que dessa maneira?"

"E o 'Bobo pra Cristo', né? Pegaram um bobo pra Cristo. Eu não desrespeitei ninguém. Mas também sou muito turrão. Não gosto de fazer jogos políticos, tipo: 'Não, não foi nada disso'. Se as pessoas me perguntam, eu respondo. Às vezes essa verdade dói. É inconvenientíssima para um monte de gente. E eu me sentiria não muito *together* comigo mesmo se ficasse fazendo jogos estratégicos, tipo falar uma determinada frase de efeito para agradar a terceiros. Isso não faço mesmo. Sei que tenho minha consciência tranqüila de que não desrespeitei ninguém."

Lobão, então, se preparou para a viagem. "Bom, eu não ia sair pelo aeroporto internacional do Rio de Janeiro, porque estava escaldado. Os aviões onde a gente *(ele e a banda)* está são parados a toda hora." Ele recorda um episódio em Maceió, onde os policiais retiveram o avião em que viajariam Lobão e seus músicos durante cinco horas, alegando uma busca por armas clandestinas. "Já estou com mania de perseguição. Resolvi, por isso, fazer as coisas discretamente."

O plano de viagem, simples, correu à risca. Encerrada uma minexcursão pelo sul do Brasil, Lobão cruzou a fronteira em direção à Argentina, de carro. "Foi emocionante, de certa forma. Quando cheguei a Passo de Los Libres, eu olhava para o rio Paraná, via o Brasil do outro lado... Que alívio, meu Deus! Chega de maluquice, chega!" Após uma noite na cidade ("Já eram quatro da manhã, mas estava uma noite movimentada. Aí sentei numa esquina, rodeado de garotos e garotas, e saí tocando violão. E eles pedindo 'Rádio Blá' e me chamando de El Lobón"), Lobão dirigiu até Buenos Aires ("Foram 1.200 km para cruzar a fronteira, mais 1.200 km para chegar a Buenos Aires") e de lá tomou um avião rumo a Los Angeles.

"Quando cheguei na casa do Liminha, eu não parava de falar. Tinha passado quase vinte horas no avião — parando no Peru e no México. Estava



"Via o Brasil do outro lado. Que alívio, meu Deus!"

com a adrenalina até o pescoço. Falava, falava, falava, até que a Teca comentou com o Liminha: 'Mas esse garoto é insuportável, não para de falar'. Eu estava supertenso. Foi uma aventura *à la* James Bond.

Aí fiquei por aqui com uma sensação de exílio. Ninguém sabia (da viagem) no Brasil. Quando soube-ram e a coisa veio a tona... Vi, outro dia, uma série de recortes de matérias que saíram no Brasil sobre a minha viagem e... Pô, a guerra está em efervescências tais antes. Consultei meus advogados de novo e eles: 'Não tem ordem alguma contra você. Você está tra-balhando aí'." Lobão sossegou.

Tudo era por um fio, de um obstáculo a outro obstáculo. Tudo feito com a maior atenção para que nada desse errado." Não poderia haver erro, mesmo porque de erros Lobão já estava farto. Insatisfeito com o resultado de seus discos anteriores — *Vida Bandida* e *Cantado* — Lobão pretendia recuperar o terreno perdido. De preferência, com juros.

"*Vida Bandida* foi feito à deriva", ele sentencia sem piedade. "O *Cantado* está ridículo, tem um som muito magrinho. E eu assumi, porque a produção foi minha, junto com o Bernardo e o Ivo (Meirelles). Mas foi um disco muito difícil. Foi um ano de renovação de contrato e a gente entrou no estúdio de sopapa, pá! O estúdio também estava ruim, deu no que deu. A gente já estava com dois meses de atraso. Fui para Natal, tentar me inspirar, e nada. Então voltei para o Rio e eu, Bernardo e Ivo começamos a fazer uma música por dia. Ah, eu tenho essa letra (*como se embaralhasse cartas*), pa-ra-ra-pronto! 'Bom, eu tenho essa música'. Aí demos um espaço de uma semana antes de nove dias de ensaio, depois fixamos nove dias de gravação, nove dias de mixagem, mais nove dias de remixagem. É óbvio que você perde seus critérios quando não tem tempo de parar e poder analisar.

Apesar da tensão inerente às circunstâncias em que foi realizado esse novo álbum, os trabalhos correram relativamente tranquilos, entre três estúdios de Los Angeles. Lobão havia pré-produzido todas as faixas que entrariam no disco, transformadas em demos meticulosas gravadas nos estúdios da BMG-Ariola no Rio. E segundo ele, Liminha — junto com os engenheiros de som Brad Gilderman e Micajah Ryen — foi absolutamente fiel aos conceitos iniciais de cada música. "Fiz todos os arranjos", diz Lobão. "Mas ele está tirando o som que foi pré-arranjado no Brasil. Botando coisas aqui e ali, mas com uma dose imensa de fidelidade ao meu trabalho.

A maioria das músicas já estava pronta antes da viagem, exceto "Toda Nossa Vontade" — a faixa que encerra o lado B, escrita dois dias antes de Lobão sair do Rio de Janeiro. "Parece meio Beatles, meio Let it Be'. Eu estava lendo o livro sobre a Olga Benário e ele termina com uma carta de despedida, escrita antes de ir para a câmera de gás (*Olga morreu... dona dos nazistas*). E o livro é cheio de aventura. Escapa daqui, escapa dali. Não sei por que, mas me identifiquei muito com o livro (*gargalhadas*). É a única letra minha no disco."

Aventuras à parte, já é hora de retornar ao Brasil. E Lobão e Liminha pretendem levar adiante os planos de trabalho adicional traçados na Califórnia: a gravação de um disco ao vivo e um outro, possivelmente em homenagem a Arnaldo Baptista, com a nova geração do rock brasileiro interpretando os hits do ex-Mutante. "Conversei sobre isso com muita gente", diz Lobão, "e está todo mundo superanimado." (N. da R. — *Coincidentemente ou não, um projeto idêntico está em andamento desde março no selo Eldorado, ver Conexão Brasil desta mesma edição.*)

Estou morto de saudade dos amigos, da família, de minha filha", encerra Lobão, antes de voltar à cabine da técnica do Aeroamcan. "No terceiro mês aqui eu já estava me sentindo muito distante do Brasil e das leituras políticas sobre o país. Fomos à Disneylândia, nos divertimos muito. Administramos bem o nosso 'pausinho' aqui. E o dia-a-dia do Brasil já não me impressionava tanto. Daí ter pensado em mudar o título do disco. *Sol de Parador* já não... Comecei a ter uma leitura de uma despoluização quase absoluta, radical. Uma coisa que também é típica da minha personalidade — não nada disso. Vamos fazer um outra coisa. Mas aí, como se aproxima a hora de eu voltar, estou começando a pegar informações, a ler revistas brasileiras novamente. E ver como está a situação política brasileira. Comecei a me envolver de novo

AGITE DEPOIS DE USAR.

Knorr® Flash® tem duas deliciosas novidades: os sabores queijo e milho verde. Com eles, você tem mais duas saborosas opções para preparar num flash um lanche rápido, gostoso e saudável. Além dos novos sabores, experimente as variedades tomates, aspargos, ervilhas, legumes e batata com bacon. Knorr® Flash®: satisfação na medida certa para quem tem uma vida agitada.

Knorr Flash
Seu lanche num Flash.

COM PESO, SEM MEDIDAS

São quase dez milhões de cópias vendidas no mundo todo, um número absurdo tanto para um LP de estréia como para uma banda de hard rock. O nome dela: GUNS N' ROSES. Além de um breve histórico do fenômeno, segue a entrevista com seu front man W. Axl Rose, concedida a Del James e publicada na revista norte-americana Rip *de abril deste ano*

Poucas vezes uma banda de hard rock com menos de quatro anos de estrada a começar a lotar arenas e estádios além de ter seus discos ocupando os primeiros lugares nas paradas. A explicação para tanto talvez seja que o seu som pesado e agressivo tenha alcançado plena recepção em meio a pasteurização reinante no mercado musical, inclusive conseguindo arrebanhar adeptos nas trincheiras do heavy metal, tanto pelo seu lado *mainstream* como também na cena independente. Mas existem mais alguns pontos a se analisar quando o assunto é o Guns N'Roses, o quinteto de *bad boys* egresso dos subterrâneos de Los Angeles que, já em seu álbum de estréia, *Appetite for Destruction*, 1987, alcançou a consagração vendendo mais de seis milhões de cópias só nos EUA. A começar pela proximidade identificação entre os membros da banda (cujas idades variam entre 24 e 27 anos) e seu público, em sua maioria adolescente, que se nas atitudes e na energia do som do grupo inúmeros pontos em comum com seu próprio conceito de uma legítima banda de rock'n'roll.

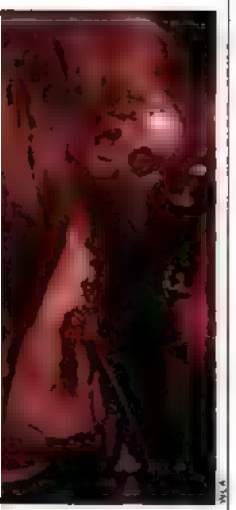
A exemplo dos Stones, Who e Led Zeppelin em seus áureos tempos, o GN'R mantém uma tradição de concertos tumultuados e violentos, onde não raramente os eventos assumem proporções trágicas como em um show realizado em agosto do ano passado em Derby, na Inglaterra, onde dois fãs morreram pisoteados durante a apresentação do grupo. Aliadas a isso, temos também as letras do grupo, repletas de referências explícitas a drogas e frequentemente acusadas de serem chauvinistas, arrogantes, xenófobas e por aí afora. Porém, não é apenas no vinil ou sob as luzes da ribalta que alinha a linha dura do grupo, como atestam um sem-número de histórias escabrosas a respeito de suas vidas na estrada ou no *backstage*. Uma sucessão interminável de porres homéricos, longos períodos de envolvimento com heroína, violentas brigas com fãs, jornalistas e membros de outros grupos, um rastro de hotéis e camarins depredados, além de prisões, processos e liminares diversas.

Nada de estranho, no entanto, se recordarmos a história da formação do GN'R, ou ao menos a parte que seus membros ainda se recordam entre as doses cavalares de drogas e bebidas consumidas por eles ao longo desse tempo. Entre esses flashes, pode-se vislumbrar a adolescência delinquente de Bill Bailey na cidade de Lafayette, em Indiana. Entre uma ou outra prisão e briga de rua, Bill descobriu que o sobrenome de seu pai verdadeiro era Rose e o adotou, mudando o seu nome também para W. Axl (nome de uma das bandas locais na qual cantava). Um de seus colegas de turma, Jeff Isabelle, era um pouco menos "bandido" (sendo o único membro do GN'R que terminou o colegial), mas também atendia pelo nome de Izzy Stradlin', dividindo seu tempo livre entre as artimanhas e a dedicação à guitarra. Tempos depois, Axl e Izzy voltariam a se encontrar em Los Angeles e junto ao guitarrista Stash, um inglês que viera ainda criança com a família morar em Hollywood e partilhava do mesmo estilo de vida marginal da dupla, decidiriam formar um grupo. Através de um anúncio de jornal, Duff "Rose" McKagan – um ex-baterista e ex-guitarrista vindo de Seattle – foi recrutado para o baixo, e pouco depois o baterista Steven Adler, atuante no circuito local, veio se incorporar à banda. Depois de descartarem algumas opções como Heads of Amazon e AIDS, o nome adotado surgiu da combinação de L.A. Guns e Hollywood Rose, dois outros grupos dos quais os integrantes do quinteto haviam tocado.

Com essa formação, o GN'R lançou em junho de 1987 o EP ao vivo *Live?** *Like a Suicide*, pelo seu próprio selo independente (Uzi Suicide). Além de duas canções da banda ("Reckless" e "Move to the City"), o disco trazia também covers do Rose Tattoo ("Nice Boys Don't Play Rock'n'Roll") e do Aerosmith ("Mama Kin"). No meio do ano, surgiria o primeiro single do grupo ("It's so Easy"/"Mr. Brownstone"), que antecederia o estrondoso sucesso de *Appetite*. Na sequência dessa consagração, foram lançados mais dois singles: "Welcome to the Jungle", que trazia no lado B uma versão ao vivo de "Whole Lotta Rosie" do AC/DC, e o outro, que apresentava o mega-hit do GN'R "Sweet Child O'Mine".

Depois de passar quase todo o ano de 1988 excursionando, a banda lançou um novo disco — *GN'R Lies* — que trazia a reedição de seu EP independente de estréia, juntamente com quatro canções acústicas inéditas, dentre as quais a polêmica "I Used to Love Her But I Had to Kill Her" ("Eu a Amava, Mas Tive que Matá-la"), que já se tornou motivo de controvérsia pelo conteúdo da letra. Mas os *bad boys* do GN'R já parecem ter dado a volta por cima e preparam material para um segundo álbum inteiramente de estúdio. Com muito *sex, drugs and rock*

"Dizer 'foda-se' só por dizer é cortar a própria garganta"



Existem muitas impressões diferentes de você por aí, desde maníaco-depressivo e suicida a gênio enlouquecido pelas drogas. O que é que move e comove Axl Rose, e qual é a sua?

Bem, por causa do estilo de vida do Guns N Roses, as pessoas que não nos conhecem tendem a ficar intimidadas ou amedrontadas. Depois de levar uma vida de garotas, drogas e seja lá o que for, pintaram um certo retrato meu. Mas eu dei uma boa reduzida nisso tudo, porque tenho outras coisas para fazer. Não posso ficar me drogando todas as noites porque, depois de vender seis milhões de discos, os negócios ficam mais intensos que o da maioria das pessoas. Assim que você chega à platina, de repente começa a lidar com executivos da gravadora, com homens de negócios, com a MTV e tudo o mais. Começa a se tornar uma daquelas pessoas que você pensava ser contra. Você tem de trabalhar com eles. Estão lá dando duro por você e você tem de produzir. Dizer foda-se só por dizer é como cortar sua própria garganta.

É difícil sair e barbarizar o tempo todo quando se tem esse tipo de responsabilidade, e o Guns N Roses tem tudo de lidar com elas desde que assinou contrato. Slash provavelmente não beberia tanto se não fosse pelo fato que esse é o jeito que ele consegue lidar com essa gente. Ele consegue beber tranqüilamente sua garrafa e conversar. Eu, se estou bebado, acabo expulsando todo mundo da minha casa. Não posso cair de boca porque reajo de uma maneira diferente. Assim que fico bebado, me dou conta: "Essa última semana de trabalho tem sido realmente um saco". Tenho vontade de matar alguma coisa *(risos)*.

Quando é que a situação começa a ficar claustrofóbica?

Geralmente quando estamos na estrada. Sempre fico muito estressado por causa dos shows, que são a coisa mais importante para mim. Nada nunca funciona direito com esta banda. Slash disse uma vez que Deus não queria que fizéssemos sucesso *(risos)* e eu de certa forma acredito nisso. Quando chega algum entrevistador e eu preferia estar dormindo, ou ele percebe que eu não estou no clima, a impressão que fica é "ele está perdendo o pique". Resumindo bastante, é por isso que acontece.

Você se considerara maníaco-depressivo?

Sou muito sensível e emotivo, e as coisas me aborrecem e me dão vontade de não fazer nada, não lidar com pessoa nenhuma, nem com a própria banda, nada. Eu até fui a uma chinca, achando que isso ajudaria meu temperamento. A única coisa que fiz foi um teste de quinhentas perguntas, preenchendo pontinhos pretos. De repente vem o diagnóstico de maníaco-depressivo e "vamos medicá-lo". Bem, esses remédios não me ajudam com o stress. A única coisa que fazem é irar as pessoas das minhas costas, porque sabem que estou sendo medicado.

Desde o primeiro dia, você continuou crescendo como pessoa, como músico e agora, como homem de negócios. Você fez tudo a sua maneira. Como você vê seu crescimento e o da banda, e o que você aprendeu nos últimos três anos?

Não somos os caras mais inteligentes do mundo, mas no sentido da realidade das ruas — sair à noite, drogas, festas, garotas, essa merda toda — conhecemos e entendemos muita coisa. É como se tivéssemos nos colocado à força na escola das ruas. Eu não sabia como abordar uma garota, então ficava assistindo como isso acontece à distância. Eu não sabia nada sobre drogas, então aprendi o que é e o que não é seguro, como arrumar, como fazer direito. Aprendemos a sobreviver.

Aprendemos quem é quem na indústria fonográfica. Aprendemos a perceber quando uma pessoa é falsa. Aprendemos algumas lições bem duras e tivemos de fazer alguns acertos extrajudiciais. Pelo menos ficamos espertos o suficiente para conversar sobre negócios. Se alguém na banda se sente encostado na parede, temos gente — advogados, mais advogados e contadores — para livrar a barra.

O Guns N'Roses está chegando à marca de sete milhões de cópias vendidas de *Appetite for Destruction*. Os membros da banda estão comprando casas, carros etc. Como é essa passagem da sobrevivência na rua para milionários?

Não estamos milionários. O mundo, as pessoas do lado de fora da indústria fonográfica, acham que se você chega ao disco de platina, um milhão de cópias vendidas, fica milionário. Não é assim que funciona. Custa duzentos mil dólares produzir um vídeo adequado. Já é uma dívida. Existem outras os custos de produção do disco, os custos de divulgação, essas coisas todas. É fácil chegar a uma conta de um milhão, especialmente em um disco que vendeu seis milhões de cópias. Toda a promoção e o dinheiro que entra nisso tem de vir de algum lugar. Basicamente, ganhamos um dólar por disco — vinte *cents* para cada membro da banda de cada cópia vendida de *Appetite*... Esse é um cálculo aproximado. Com cinco milhões de cópias, chegamos ao ponto onde cada membro teria, teoricamente, um milhão de dólares. Para isso ser realidade, o disco teria de vender oito milhões de cópias, pois existem uns três milhões em dívidas. Você tem de pagar as pessoas que trabalham para você: empresários, advogados, contadores, roadies etc. Então, dessa grana que ganhamos, estamos acertando dívidas. Tudo que emprestamos, usamos, quebramos ou afogamos saí daí. Depois de uma excursão, então, há um verdadeiro acúmulo de dívidas. Sair e fazer qualquer coisa por menos de mil ou mil e quinhentos dólares por show significa que você está pagando para tocar. Se o show passa das onze horas, há uma multa por excesso de tempo.

Em Nova York, eu estava atrasado para o show no Fest Forum porque estava chumbado de bebida e por causa de uma entrevista para a MTV. Tomei um chuveiro, fiz meus exercícios vocais e me vesti em quinze minutos e fui para o show. Escapamos de uma multa de oito mil dólares por atraso porque as barricadas separando os fãs do palco não tinham sido armadas errado e, quando conseguiram, eu já estava lá. As pessoas perguntam porque as bandas não tocam durante um tempo maior. Não é porque elas não *querem*.

Muita gente acredita que você usa drogas pesadas. É verdade?

Eu tenho uma constituição física e um ponto de vista diferentes em relação às drogas do que todo mundo que conheci em Hollywood porque não me abstenho, mas, ao mesmo tempo, não deixo isso se tornar um hábito. Não deixo acontecer. Mesmo que sinta uma necessidade física, depois de três dias de consumo, eu paro, porque sei que atrapalha meu trabalho com a banda. Eu tomei direto durante três semanas, porque estava com uma garota de quem gostava, num belo apartamento e passamos o tempo todo ouvindo Led Zeppelin e transando. Nesse período eu não tinha mais nada a fazer que dois ou três telefonemas por dia. Aí parei, acho que no sábado, porque tinha trabalho para valer na segunda-feira. Me sentia péssimo, suava e tremia, mas na segunda estava funcionando.

Não consigo me esconder nas drogas. Um monte de gente consegue, mas seja lá o que eu tome — mesmo bebida — minha vida tem de estar perfeita: nenhum problema, nada errado. Caso contrário, fico analisando tudo de cabo a cabo, tentando descobrir porque as coisas estão saindo erradas. Isso não é nem um pouco divertido. E, se tenho shows para fazer, aí mesmo é que não toco em drogas porque fodem a minha garganta. O meu conselho é não adquira hábitos nem vícios, não use a agulha de outra pessoa e não deixe as drogas se tornarem um pré-requisito para a diversão. Faça tudo com moderação e tenha muito cuidado.

Por que uma banda como GN'R, cujo principal mercado é o de hard rock e heavy metal, lança *GN'R Lies*, um maxicompacto em que quatro das oito faixas são acústicas?

Em primeiro lugar, há uma guitarra elétrica em três delas. Esse é o modo como preparamos mentalmente as pessoas para ouvi-las. Temos composto algumas canções doces e suaves que parecem seduzir o coração das pessoas. É algo que temos planejado fazer há um bom tempo. Algumas delas fizemos antes ou durante a gravação de *Appetite*... e as revisamos até sentirmos que estavam fortes o suficiente para serem lançadas. A razão pela qual o fizemos é que queríamos fazê-lo.

Você gosta das canções lentas?

Eu acho que "Crazy" ficou uma porcaria. A banda está ótima, mas eu estou uma merda. É uma canção mágica, muito especial... Toda vez que a gravávamos, alguma coisa acontecia. Quando ela realmente pega, a banda entra em transe. Mas eu não acho que atingi o que estava procurando. Não que haja algum problema imenso, só que não ficou perfeito. No resto das faixas, a coisa pega logo.

Sobre o que é "One in a Million"?

É sobre... Eu fui para Indiana e voltei umas oito vezes no meu primeiro ano em Hollywood. A inspiração foi a chegada na rodoviária. Nunca tinha estado antes em uma cidade tão grande e tive a sorte de aparecer um garoto negro que me ajudou

Da esquerda: Slash, Izzy, Duff, Axl e Steven

"Seja lá o que eu tome, minha vida tem de estar perfeita"

a encontrar meu caminho. Ele me levou ao terminal, me ensinou qual ônibus tomar, pois ninguém me dava uma resposta seria, não estava atras do meu dinheiro, nada disso. Era mais do tipo: "Eis um garoto novo na cidade e pelo jeito ele pode arrumar alguma encrenca por aqui, deixa eu dar uma mao" As pessoas vinham tentando me vender baseados e coisas assim. Na parte mais barra-pesada de Los Angeles, você pode comprar drogas que acabam te matando. É um cenário horrendo. E a musica não é sobre esse cara, mas daria para dizer que ele é um em um milhão. Depois de ficar andando em circulos durante tres horas, os tiras apareceram para me dizer para sair das ruas. Eles ja viram tanta sujeira que, se você tem cabelos compridos, também não passa de sujeira. Havia também uns negros tentando vender joias e drogas, e é dai que vem o verso "Polícia e negros, saiam do meu caminho". Já vi esses caras puxando facas para pessoas, é terrível

"Uma vez, Slash (*foto abaixo*) disse que Deus não queria que fizéssemos sucesso"

Existem alguns versos bem polêmicos nessa musica, nao?

Você quer dizer o verso sobre "imigrantes e bichas"? Eu não tenho nada contra alguem que vem para ca de outro pais, tentando melhorar. O que não me agrada é um balconista se comportando como se você não pertencesse aqui, ou fingindo que não te entende quando está querendo de sacanear "O quê? Eu não entender você." "Tudo que disse é que te dei uma nota de vinte e quero meus quinze dólares de troco." Ameacei explodir o posto de gasolina inteiro e ai me deram meu troco. Não preciso desse tipo de coisa. Quanto aos gays, não sei o que pensar sobre eles. Vivem em seu próprio mundo. Só não estou muito contente com a Aids. Quando digo que sou um garoto branco de uma cidade pequena, estou apenas dizendo que não sou nem um pouco melhor que essas pessoas que estou descrevendo. Estou apenas tentando sobreviver, só isso

Parece que, pelo menos uma vez por semana, surgem rumores de que você ou Slash morreram. Historias de suicidio, overdose, assassinato. Alguns deles aborrecem bastante...

Eles aborrecem porque ficam ligando (*para a revista* Rip) perguntando: "É verdade que o Axl morreu?"

Nao, o que me preocupa é que um dia nao seja só um rumor. Por que você acha que essa boataria circula tanto?

Existem algumas razoes. Em primeiro lugar, isso ja acontece há algum tempo porque eu costumo ficar desaparecido durante semanas e as pessoas acham que, se eu não sou visto em publico, alguma coisa deve ter acontecido. O mais provavel é que eu esteja em Hollywood, na minha propria casa, dando um tempo, sem atender o telefone, sem querer ver ninguém, ai ninguem sabe exatamente o que aconteceu com Axl. Tenho de dar essas escapadas de vez em quando para tentar digerir e entender tudo que esta acontecendo a minha volta. Um monte desses boatos começou na epoca em que assinamos contrato e agora parecem ter voltado à superficie. Existem rumores sobre gente famosa que a gente ouve desde o tempo do colegio. Alguns bem estranhos como sobre Rod Stewart (*risos*). As pessoas falam "Cara, você ouviu o que aconteceu com fulano, blá blá blá?", e se divertem espalhando essa coisa, para ver o efeito que tem nos amigos. Outra razão é que o G'N'R pode passar um bom tempo totalmente careta, fazendo tudo conforme o figurino e, de repente: "Foda-se! Não aguentamos mais essa merda" e damos o fora. Estamos sempre numa corda bamba. Isso assusta as pessoas. Acham que talvez tenha mesmo acontecido, ou se convencem de que morremos. Aí saem contando para os amigos. Outra razão é que esta banda significa muito para muitas pessoas. São as bandas que significam muito para seus fãs que provocam esse tipo de rumor. Muitos deles temem que seus heróis possam deixar suas vidas. Nikki Sixx costumava morrer o tempo todo. Talvez as pessoas tentem ter uma noção de como seriam suas vidas sem seus idolos, se elas poderiam suporta-las, daí passa a ser um rumor. Eu estou morto outra vez. O que eu acho é isso: que esses rumores de morte dizem que a banda significa muito para muitas pessoas, e que somos tão importantes que as perturbaria bastante se não estivessemos mais aqui. Espero que não se torne uma profecia

CIC ON THE ROCKS.

Agora você pode encher a cara.
A CIC Video traz para você 5 boas doses de emoção, swing e muito rock'n roll. Em videocassete. U2 Rattle and Hum, com 8 musicas que não estão no disco. Julian Lennon, em Stand by Me. Dois The Doors: um ao vivo no Hollywood Bowl e o outro, Dance on Fire, com apresentações históricas e grandes sucessos. De saideira, o fenômeno Chuck Berry, com participações especiais de Eric Clapton, Robert Gray, Julian Lennon, Keith Richards e Linda Ronstadt.
E na CIC Video você tem um ou todos estes videos com preço especial de promoção. Sirva-se.

Nome _____
Endereço _____ Bairro _____
Cidade _____ Estado _____ CEP _____ Tel _____
Sim, quero receber MZZ 49
__ fitas de U2 Rattle and Hum ao preço unitário de NCZ$ 89,00
__ fitas do The Doors Ao Vivo ao preço unitário de NCZ$ 58,00
__ fitas do The Doors - Dance on Fire - ao preço unitário de NCZ$ 58,00
__ fitas do Chuck Berry ao preço unitário de NCZ$ 79,00
__ fitas do Julian Lennon ao preço unitário de NCZ$ 58,00
__ todos os 5 (cinco) títulos ao preço promocional de somente NCZ$ 295,00
Para isso envio cheque anexo, nominal à CIC VIDEO LTDA
e cruzado nº _____ Banco _____
no valor de NCZ$
Endereçar à CIC Video Ltda. Rua Fradique Coutinho, 352 CEP 05415 - São Paulo - SP

CIC VIDEO

U2 Rattle and Hum TM & Copyright ©1988 Paramount Pictures Corporation
Stand by Me - Um retrato de Julian Lennon ©1985 Universal City Studios INC
The Doors - Ao vivo no Hollywood Bowl ©1987 The Doors Video Company
Dance on Fire - The Doors © 1985 Doors Music Company
Chuck Berry - O Mito do Rock ©1987 Universal City Studios

FUNK COSA NOSTRA

MÉTODO E MALANDRAGEM, SUINGUE E PESO. SKOWA & MÁFIA DÃO A RECEITA QUE RECHEIA UM DOS DISCOS MAIS ESPERADOS DO ANO

Oh, yeah, nós temos funk. Claro que não é uma coisa nova: o veterano Tim Maia e os bailes que sempre agitaram os suburbios do Rio e de São Paulo estão aí para não nos deixar mentir. Mas, depois de uma certa acomodação do cenário roqueiro, as portas da mídia foram abertas para as bandas que trabalham basicamente com ritmos negros: Gueto, Ed Motta & Conexão Japeri e, agora, Scowa & Mafia. A banda já é bem conhecida do público paulistano, pelo menos daquele que freqüenta as casas noturnas. Durante dois anos, eles percorreram os palcos com seu show explosivo. Agora, com o lançamento do LP *La Famiglia*, eles estão prontos para conquistar o Brasil inteiro com seu suingue irresistível.

Eles queriam que a gente chegasse de limusine nas rádios. Vê se pode..." Apesar de ser o primeiro disco da banda, Scowa, que não é nenhum novato, não caiu na conversa fácil das gravadoras: "Pelo menos, eles deram a grana que a gente queria para comprar instrumentos. Queria não, precisava: era o mínimo para poder gravar o disco. A gente não tinha instrumento, como é que ia gravar? Outra coisa: eu produzo. Nada de Mayrton Bahia; eu e o Tadeu, do Lagoa 66, é que vamos produzir o disco. Se quiserem é assim, se não, não tem papo. Eu não tinha nada a perder: a gravadora, sim. Se não rolasse o disco, a gente ia continuar fazendo shows, sem problemas". Essa firmeza não é à toa. Se a consolidação da banda tem apenas dois anos, o projeto Máfia é bem mais antigo.

Em 1977, Scowa andava apaixonado pelos ritmos caribenhos e montou uma banda de salsa, o Sossega Leão. A banda durou um ano, mas foi ressuscitada cinco anos depois para animar uma festa "do Caribe" no Sesc-Pompéia. Nesse meio tempo, Scowa já vinha trabalhando com funk e rock com Os Incoerentes, um grupo que teve diversas formações. Mas, em 1986, ele saiu do Sossega e começou a pensar no repertório — com composições suas e de amigos — que daria origem ao Máfia. Multinstrumentista, o primeiro impulso de Scowa foi montar uma banda de um homem só, mas percebeu que isso seria inviável. O segundo passo foi arrebanhar os amigos que gostariam de fazer parte do projeto. Os primeiros a chegar foram Tchê e Bukassa, dois garotos (na época com 17 anos) que gostavam de dançar em festas. Perfeitos backing vocals de uma banda que, além da música, se preocupa com a dança. Depois, um baterista que também entendesse de percussão: só podia ser James Muller. James, até então, havia acompanhado "todas as cantoras bregas que você pode imaginar" e mais Arrigo Barnabé, Ritchie e Paulo Barnabé. Para a guitarra, Scowa convidou Tuba, seu amigo dos tempos do Sossega Leão, e para o baixo, Lelena. Tuba ficou pouco tempo: no dia da gravação da primeira demo, ele estava às voltas com o disco do Cínica e sugeriu que Tonho Penhasco assumisse seu lugar. Tonho é um guitarrista também veterano, que tocou com todo mundo da chamada "vanguarda paulista", de Arrigo Barnabé a Vânia Bastos. Ele acompanhava de longe o desenvolvimento da banda e topou no ato.

No final de 87, Lelena saiu para se dedicar exclusivamente à sua outra banda, o Luni, que estava entrando em estúdio para gravar seu primeiro LP. Por sugestão dela mesma, Scowa chamou Kiki, que havia acabado de sair do grupo de Ed Motta. Completando o time, a dupla feminina dos metais: Monica no trompete e Liege no sax. Como se vê, há de tudo no Mafia. Novatos e veteranos. Mulheres e homens. Brancos e negros. "Já ouvi um comentário de um desses caras de equipe de som que dizia que o som do Mafia era negro demais para os brancos e branco demais para os negros. Eu tenho impressão de que é isso mesmo, é um som mestiço, mulato. Não temos compromisso com nada, a não ser compromissos individuais, porque basta ter a cor para saber e basta ter o sexo para saber como é a relação das pessoas e da sociedade com isso. Quer dizer, a gente não precisa falar nada, só estar lá no palco com as meninas e os negões para as pessoas sentirem que a gente não tem preconceito", comenta Scowa.

O nome do disco, além da relação óbvia com o nome do grupo, foi escolhido também em função da quantidade de amigos que foram aparecendo e pedindo para dar uma canja. A lista de participações especiais soma mais de duas dezenas de nomes. Um deles, o tecladista Binga, acabou sendo convidado a colaborar em caráter definitivo. Apesar de Scowa dizer modestamente que o LP é apenas um registro, o trabalho de produção não é coisa de marinheiro de primeira viagem. A sofisticação e o peso atingiram o equilíbrio exato: são nove faixas para fazer os quadris chacoalharem até a exaustão, mas que podem ser simplesmente ouvidas. "Eu acho que o Mafia tem tanto funk como samba ou rock. Ao mesmo tempo que tem guitarra pesada em 'Estação São Bento' e 'Africa Brasil', tem a guitarra de 'Atenção', que é superlimpinha. Eu acho que, quanto mais misturar, melhor. Se você não tem realmente preconceito, você tem que exercitar esse não-preconceito estando aberto para organizar qualquer coisa do teu jeito. É circunstancial a gente estar tocando funk agora. Quer dizer, é uma coisa que todo mundo sempre gostou, mas é circunstancial. Se a gente resolver fazer música japonesa, vai sair do nosso jeito, meio crioulo." Mas, se é circunstancial como Scowa diz, como é que o som é tão consistente? Liege arrisca uma explicação: "Todo mundo é chegado num suinguinho. Não tem ninguém du-

"É um som mestiço, mulato. Não temos compromisso com nada"

O capo e mestre de cerimônias Skowa, no palco do Mambembe (SP) em setembro de 88

rão". Tché emenda. "As vezes, quando a gente fala que é aberto para uma serie de coisas, pode dar a impressão de que é modismo. Mas o negocio é que a gente gosta de musica boa. A gente procura trabalhar com musicas boas dentro de cada estilo."

A primeira musica a chegar nas radios é uma versão de "Atropelamento e Fuga", de Akira S. & As Garotas Que Erraram. Essa não é a unica versao. há ainda "Deus Me Faça Funky", dos Headhunters *(banda que acompanhava Herbie Hancock nos anos 70* cantada por Ed Motta, e "Africa Brasil", de Jorge Ben, já transformada numa especie de hino da banda. Nos shows, ela se transforma no momento mais emocional, caracteristica que foi preservada no disco graças ao coro de mais de dez vozes (Fabrica Fugas e Luni foram convidados a engrossa-lo) e à percussão tribal. Sobre as letras, Skowa explica: "Elas tem uma coisa ideologica, mas não de discurso e sim de postura. Não tem nenhum compromisso com qualquer tipo de linguagem. São atitudes, mais do que bandeiras. Eu prefiro brincar com a emoção. Você pega o cara na hora pela emoção, pela dança e depois ele vai parar para pensar. Você imagina os caras num baile de periferia cantando: 'A minha logica pedestre vai ser seu atropelamento / e eu serei o responsavel irresponsabilizavel?' *(trecho de "Atropelamento e Fuga")*. É por aí... É mais a 'vasenna' do que a pressão. Um é o impacto direto, já dá o socão de cara para nego saber com quem esta se metendo, o nosso metodo envolve, vai na malandragem."

Skowa & Mafia receberam um tratamento, por parte da gravadora, em geral so reservado as bandas que já conquistaram seu espaço ou aquelas em que apostam que têm espaço garantido. Na semana anterior à entrevista, eles foram ao Rio gravar três programas de televisao: *Juba & Lula*, *Milk Shake* e *C&A Shop Show*, este ultimo um especial. Como é passar do esquema alternativo direto para o esquema de grande gravadora? Skowa, com seus quinze anos de estrada, não se impressiona. "Eu acho que é uma consequencia supernatural. É so uma questão de mais pessoas terem condições de ver o que a gente faz". James é mais afoito. "Eu acho que a tendência é ficar cada vez maior... Eu pelo menos espero."

A reação do pessoal da produçao dos programas ja foi um primeiro teste de como *La Famiglia* pode ser recebido pelo publico. "Foi legal lá no Rio, porque a gente saiu do publico que a gente já conhece," Kiko corta Skowa. "É superlegal, porque, quando a gente chega, os caras ficam olhando de cara feia, as pessoas estão trabalhando e não têm a obrigação de dizer que acharam legal." Skowa dá o troco: "E aí vem um monte de mulher bonita e negumho de terno, e os caras ficam com cara de 'o-que-é-que-vai-sair-daí'." A baixista retoma o assunto: "Quando a gente estava fazendo playback no *Juba & Lula*, eu fiquei imaginando que as pessoas vao gostar. Porque a gente não estava tocando, mas fazemos aquilo tocando mesmo. As meninas dançam e tocam de verdade, os meninos (*Tché e Bukassa*) ficam lapidando que nem uns doidos, parece que eles vão cantar otegantes, mas eles cantam direitinho..." Skowa esclarece: "Por principio, eu acho meio chato fazer playback. Você grava o disco, muxa, remuxa, acerta, conserta e depois dubla: não fica muito de verdade. Agora, em nivel de divulgação fica mais facil, o playback facilita a produção. É so levar os instrumentos e dublar. As pessoas ja viram uma vez, quem quiser ver melhor que va aos shows."

Os shows do Mafia sao um capitulo importante da banda, como descreve Bukassa: "É muito mais do que instrumentistas que tocam bem, tem a coisa de estar se comunicando com o publico, tem dança, tem a energia de se emocionar. Você não vai so para ouvir vai para ver, sentir". Os shows sao mais importantes que o disco? "O disco é um registro do que é no palco. O palco é o exercicio total: tocar, dançar... É onde confluí tudo, e uma comemoração." Da roupa à movimentaçao de palco, tudo é planejado, mas isso não torna a apresentação uma coisa previsivel. Por exemplo, Tché e Bukassa já tem mais de cem passos catalogados para montar as coreografias, que podem variar de show para show.

Da para imaginar o que vai acontecer daqui para a frente? James brinca: "Vamos vender tres milhões de copias em uma semana, fazer um remix em Los Angeles, tocar em Serra Pelada". Skowa fala sério: "Eu acredito que a gente tem uma certa originalidade, mas, no que vai resultar isso, eu não sei. Eu não tenho a menor ideia. As vezes eu acho que vai ser fácil, às vezes eu acho que vai ser difícil."

MARX
REPEAT OFFENDER
• Seu LP de estréia vendeu
• Eleito "REVELAÇÃO D
• Nomeado para o Grammy
Nº. 1 NOS EUA
"SATISFIED"
o primeiro sucesso de seu novo
LP REPEAT OFFENDER
DISCO DE PLATINA
EMI

NA FRONTEIRA DAS GUITARRAS

Uma entrevista com Lee Ranaldo, do SONIC YOUTH

Através de uma ligação telefonica para Nova York, que não ficava nada a dever em termos de interferências e *noises* diversos a várias músicas do Sonic Youth, o guitarrista Lee Ranaldo concedeu esta entrevista exclusiva a BIZZ. Taxado pela imprensa musical internacional (especialmente a inglesa) como uma figura difícil — que tem o hábito de entremear suas declarações com frases de puro *nonsense* ou tiradas absolutamente cínicas de modo a desconcertar seus entrevistadores —, não foi esta faceta que ele revelou, enquanto sua voz travava um verdadeiro duelo com ruídos telefônicos variados. Ao contrário, Lee mostrou-se extremamente cordial, porém sem deixar de ser lacônico em suas respostas. Assim, ele traçou um sucinto perfil da trajetória desta que é a mais inovadora *guitar band* dos anos 80. Desde sua formação e suas experiências no grupo orquestral do compositor de vanguarda Glenn Branca (que recorda Lee como "um dos melhores guitarristas que já tocou minhas composições"), passando pela elaboração e os elementos não-usuais de que ele e Thurston Moore se utilizam para detonar todos os *noises* de suas guitarras, Lee aborda aspectos pouco conhecidos do Sonic Youth além de encontrar tempo também para falar do *alter ego* do grupo, o Ciccone Youth e sua fixação com a figura de Ms. Madonna Ciccone, e até de seu único e curioso mini-LP solo, *From Here to Infinity*. Com o recente lançamento do LP *Sister* por aqui e a possibilidade (ainda não confirmada) de uma excursão do grupo por terras brasileiras, já se prepara a invasão destas guitarras raivosas e repletas de imensa energia. Mas enquanto isso não ocorre, conheçam um pouco mais do Sonic Youth pelas palavras de Lee.

Em primeiro lugar, eu queria saber a respeito da formação do Sonic Youth. Como a banda foi criada?

O Sonic Youth foi criado em 1981, por Thurston Kim e eu. Foi quando começamos a tocar juntos e tínhamos outro baterista. Tivemos muitos bateristas diferentes.

Você e Thurston tinham tocado na orquestra de Glenn Branca. Qual foi a contribuição dele na concepção musical do grupo?

Bem, Glenn foi uma entre muitas influências. Ambos tocamos com ele e seu selo (Neutral) lançou nossos dois primeiros discos. Ele é muito... sua música é bastante inacreditável e nós assimilamos alguma coisa dela, mas, realmente, ele foi apenas uma das muitas influências que tivemos.

Vocês dois tocaram com Glenn durante muito tempo?

Por dois ou três anos, mas voltamos a tocar com ele esporadicamente até 1983, e então o Sonic Youth começou a ficar muito ocupado para continuarmos.

Você e Thurston, enquanto guitarristas da banda, têm uma maneira bem inovadora de utilizar os instrumentos, como usar afinações não-usuais, toca-los com baquetas ou colocando chaves de fenda entre o braço e as cordas. Como vocês chegaram a estas ideias de execução?

As ideias vieram, principalmente, da experimentação com várias coisas diferentes e... afinações diferentes são algo muito comum em instrumentos de corda e muita gente já havia usado isto antes. Glenn (Branca) usa afinações diferentes assim como vários guitarristas, desde os antigos músicos de blues até Keith Richards ou o Velvet Underground, já tinham se utilizado de afinações diferentes anteriormente. Quando nos começamos a fazer isto, realmente não nos preocupamos em pensar muito a respeito.

Vocês apenas começaram a fazer.

Sim, no início nós éramos bem pobres e não tínhamos guitarras muito boas e aquelas que tínhamos não se mantinham com a afinação normal e, então, nos as modificávamos.

Mas, nos shows do Sonic Youth, vocês já usavam diversas guitarras?

Agora nós usamos, porque temos muitas afinações diferentes. E se optamos por usar guitarras com afinações diferentes é preferível tê-las no palco do que reafinar as mesmas entre cada canção. Nenhuma das músicas que tocamos foi feita com a afinação convencional. São todas criadas a partir de nossas próprias afinações. E por isso, por haver tantas cordas diferentes, é que levamos tantas guitarras em nossos shows.

No LP *EVOL*, de 1986, o Sonic Youth mostrou uma preocupação maior em construir melodias do que nos álbuns anteriores, uma tendência que persistiu no LP seguinte, *Sister*. Mas em seu álbum mais recente, *Daydream Nation*, o grupo pareceu ter se voltado de novo para um som mais pesado. Isto foi instintivo ou algo planejado por vocês?

Não, não foi planejado, eu penso que estas suas observações têm mais a ver com a maneira pela qual estes discos foram produzidos do que qualquer outra coisa. Quando nos tocamos ao vivo, o som é sempre bem pesado. Talvez seja porque em *Daydream Nation* nós começamos a nos interessar em tocar músicas mais ordinárias, mas... realmente, é só por isso que o álbum parece soar diferente. Penso

que a banda continuou a ser a mesma em todos esses discos. Não tencionamos ser mais melódicos em *EVOL* ou *Sister*, para depois retomar o som pesado. Isto se deveu mais ao fato de que cada álbum foi feito em um estúdio diferente e terminou soando daquela maneira por causa do estúdio utilizado. Ao vivo, a banda apresenta do mesmo jeito o material de qualquer um destes discos. Nós não ficamos planejando demais nada disso. Simplesmente escrevemos as canções e as tocamos da maneira como são criadas.

Como você situaria o som do Ciccone Youth em relação ao do Sonic Youth?

Bem, o Ciccone Youth é um projeto de estúdio. São coisas que fazemos em estúdio. Não são canções que nós escrevemos e depois gravamos... É na verdade uma situação muito diferente, apesar de ter as mesmas pessoas envolvidas. É uma forma de trabalhar algumas idéias que talvez sejam diferentes daquelas do Sonic Youth, em estúdio.

E qual é a razão desta obsessão de vocês com Madonna, demonstrada no próprio nome do grupo e na versão de "Into the Groove", feita pelo Ciccone Youth, bem como na música "Madonna, Sean and Me", do Sonic Youth?

Nós simplesmente gostamos muito dela.

É mesmo?

Sim. Agora já nem tanto assim, mas, há uns dois anos, nós realmente gostávamos muito dela. Nós ainda apreciamos algumas de suas canções, mas não tudo que ela tem feito.

Você a conhece pessoalmente?

Não.

Agora, em relação ao seu mini-LP solo, *From Here to Infinity*, você o considera um disco conceitual?

Penso que sim.

Qual foi a razão de você ter utilizado um sulco final após cada faixa do disco, de modo que o ouvinte tenha que levantar a agulha do pick-up para passar para a música seguinte?

Bem, na época eu estava muito interessado em *tape loops* (anéis de fita) e, quando você faz um deles, você ouve um mesmo som repetidamente de modo contínuo. Muitas das faixas deste disco começaram com experimentos em *tape loops* e aqueles sulcos finais ao término de cada faixa são uma confirmação do que um *tape loop* é.

Muita gente encara o som do Sonic Youth como um panorama musical da cidade de Nova York nos dias de hoje, assim como o Velvet Underground costumava ser nos anos 60. Você acha que há alguma espécie de correlação entre as tendências musicais de ambos os grupos?

Bem, eu penso que há algumas similaridades, ambas são bandas autenticamente nova-iorquinas. Assim sendo, é de se supor que existam algumas similaridades entre elas. Mas penso que há grandes diferenças também, mas... não sei dizer, presumo que existam.

O ponto em comum seria uma espécie de espírito característico das bandas de Nova York?

Não especificamente das bandas de Nova York, pois penso que os grupos são bem diferentes entre si.

Referências musicais mais explícitas de influência de outras bandas no trabalho do Sonic Youth podem ser encontradas em relação aos Stooges, pois vocês fizeram uma cover de "I Wanna Be Your Dog" no LP *Confusion Is Sex* e chegaram até a tocar ao vivo com Iggy Pop. Os Stooges seriam uma influência mais primordial para vocês que o Velvet Underground?

Não, nós gostamos de ambos os grupos. Assim, acho que há influência de ambos em muita coisa que fazemos. Não acho que um seja mais do que o outro neste sentido, sabe... nós gostamos muito de ambos.

As pessoas que já viram os shows do Sonic Youth são unânimes em afirmar que a banda ao vivo é extremamente mais pesada que nos discos. Você concorda?

Sim, ao vivo é muito mais *rock*.

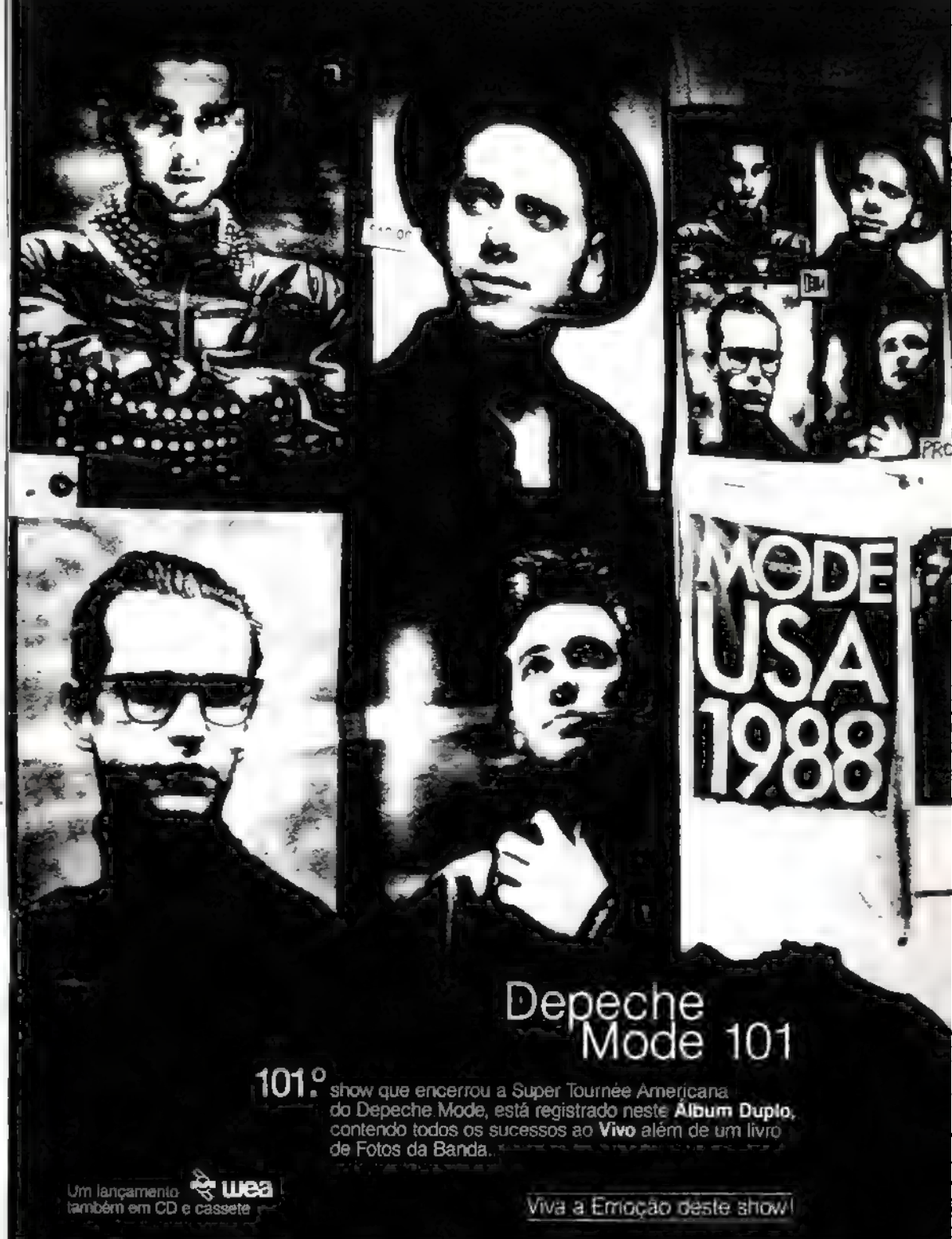
O LP *Sister* foi editado recentemente aqui no Brasil. Você escolheria esse disco para ser o primeiro do Sonic Youth a ser lançado em um outro país?

Bem, foi o nosso primeiro lançamento por aí, porque demoramos um bom tempo para concretizar os contatos no Brasil. Quanto ao *Sister*, eu não sei dizer... penso que é uma boa introdução ao nosso trabalho como qualquer outro dos discos do Sonic Youth poderia ser.

Finalmente, aquela pergunta inevitável: a banda tem planos de excursionar pela América do Sul, e mais especificamente pelo Brasil?

Nós esperamos que sim. Gostaríamos de ir no outono (*primavera no Brasil*) ou mesmo antes.

"Madonna? Nós simplesmente gostamos muito dela"



POP NÃO É PECADO

Quem tem medo do KID ABELHA? Reduzido a um trio e recém-saído do estúdio onde gravou seu terceiro disco (sem contar o 'ao vivo'), o grupo volta à cena sentindo-se mais amadurecido e exibindo, em sua receita pop, doses de rock onde antes predominava um suave embalo funk

Muito se discute sobre o que vem a ser música descartável, sugerindo sucessos imediatos e carreiras efêmeras. Logo se descontia de melodias assobiáveis e letras banais. Especula-se ainda sobre sua autenticidade e fareja-se armações — ou melhor: em bustes maquiados pela indústria do disco.

Independente de todos esses e outros argumentos, existe um fato, diante do qual alguns críticos podem até torcer o nariz, mas não tampar os ouvidos: Kid Abelha — o mais bem-sucedido grupo brasileiro assumidamente pop. E vai continuar assim. Depois de anos na estrada, acumularam experiência suficiente para desaparecer de cena e voltar em ocasião conveniente. Com *Kid*, terceiro LP recém-lançado, parecem saber onde estão pisando. "Esse disco é o que tivemos menos medo de fazer. No primeiro, não tínhamos noção. No segundo, descobrimos o som de banda e experimentamos um pouco. Agora, estamos mais de fora: escolhemos arranjos, ficamos mais à vontade para produzir. Até as letras têm um enfoque mais maduro", garante o saxofonista George Israel. Paula Toller completa: "É um disco muito reflexivo. Tem uma visão pessoal, em termos de letras, de certas coisas que eu passei. Também me inspirei em livros e filmes. O som ficou mais rock que os outros. Estávamos entrando muito por uma onda funk, meio dançante. Apesar de ter coisas bem diferentes, o disco possui um conceito fechado. Sinto que demos um passo à frente."

Alguns fatores, segundo o grupo, contribuíram para esse resultado. O modo como foi gravado, por exemplo. Em vez de se trancarem direto num estúdio, fizeram intervalos entre novembro e abril. A produção foi creditada a Nilo Romero (produtor do *Ideologia* de Cazuza) e George Israel, que jura que "teve participação de todo mundo". Algumas músicas já existiam, outras surgiram durante as gravações ou até em turnês, como conta Paula: "'Paris, Paris'" aconteceu sem eu ter planejado. O engraçado é que começou em Cuiabá. Ficamos presos no hotel por causa da chuva e o George e o Nilo estavam no quarto. Então resolvemos brincar e surgiu a melodia. Em casa, quando fui fazer a letra, o "lari-lari" parecia "Paris Paris". Foi assim, por acaso. Mas essa é uma das poucas músicas em que fiz a letra depois. Na maioria delas, a letra veio primeiro, o que não acontecia antes. Nessa época, como eu ficava em casa, comecei a escrever e cheguei até a passar letra por telefone. "Cantar em Inglês", por exemplo, eu levei a letra na casa do George. Pegamos o piano e fizemos a melodia palavra por palavra, sem bateria eletrônica. Em me senti como um maestro..." Apesar de ter gostado da experiência, não pretende se dedicar a nenhum instrumento. "Comecei a estudar guitarra um tempo, mas parei. Sou muito preguiçosa para essas coisas. Gosto mesmo é de fazer música cantando."

O ano e meio que passaram longe dos estúdios, sem dúvida, os aproximou dos palcos. Com um show superproduzido e mais cinco músicos, viajaram por todo o Brasil. Em lugares difíceis, levavam parte dos cenários em caminhões. Na verdade, fizeram shows para bancar o próprio show. Mesmo sem lucros, não se arrependem. O guitarrista Bruno acredita que o público sentiu um amadurecimento de palco e musical. Acostumados aos percalços do show-biz nacional, lembram de histórias pitorescas, como a de um show em Manaus interrompido por um tiroteio na plateia. "Pior mesmo", conta George, "foi um playback num subúrbio do Rio. Rolou um uro e saiu todo mundo correndo, mas a fita continou tocando." Naquele tempo eram raros os shows. Mais tarde, descobriram que um cara que trabalhava com eles vendia muito playback fazendo que não tocavam ao vivo. Paula recorda: "Depois do primeiro disco, paramos com os playbacks e começamos a tocar muito. No início, era tudo muito medroso. Não me soltava no palco, não sabia o que era aquele lugar. Hoje em dia, acontece o contrário. O estúdio virou um lugar frio."

Parece que o Kid Abelha raramente tira férias. Na ausência de compromissos com a banda, aproveitam para atuar livremente em outros projetos. George revela como surgiu "Brasil": "Cazuza disse para mim e para o Nilo que queria uma música para um filme (*Radio Pirata*, de Lael Rodrigues) e contou um pouco sobre ele. Chegamos a entregar uma música mas a pegamos de volta porque achamos muito *soft* para o Cazuza. No mesmo dia, fizemos "Brasil". A mistura de ritmos e aquele batuque devem ter inspirado ele." Outra incursão à grande tela é "Sexo e Dolares", tema de *Lili, a Estrela do Crime*, de Lui Farias, atual marido de Paula, com quem divide a parceria desta e mais duas letras. Bruno avisa que a música vem remoçada no *Kid* com pequenas diferenças. "Os Beatles faziam muito isso quando passavam seus compactos para os LPs", lembra o guitarrista. "É uma questão de perfeccionismo", afirma Paula com convicção. A mesma que a fez escolher "Errei Sim" ao ser convidada para gravar uma faixa num disco em homenagem a Ataulfo Alves. "A letra é muito passional e puxa para uma interpretação exagerada. Ao mesmo tempo, não queria cantar só a melodia. Busquei um meio-termo, mais próximo à minha característica. Não gosto de caras e trejeitos." Para ela, que também participa do novo LP ao vivo de Erasmo Carlos, esse tipo de trabalho é bom para arejar a cabeça, "por não ter compromisso e nem ser assinado".

Outro projeto que correu paralelo foi uma possível entrada no mercado internacional. Numa de suas viagens ao exterior, ano passado, fizeram shows em Nova York e New Jersey. Sem muito entusiasmo, Paula abre o jogo: "Foi aquela aventura. Lá no S.O.B. (*casa nova-iorquina especializada em música brasileira*) é assim: você toca e aproveita para fazer uns contatos. Mas é muito complicado. Você não encontra uma pessoa legal para fazer as versões ou então ficam muito americanas. Como somos uma banda pop, eles têm interesse. Aí entra o lance da imagem, dizem que temos que nos adaptar". Bruno acha que tem mais afinidade com a Inglaterra, por ser mais criativa, ao que Paula acrescenta: "Mais humana, mesmo. Tinha um cara que me ligava e perguntava se usávamos bastante computador. Dizia que era o que estava rolando e citava o George Michael. 'He's making millions with this sound.' Assim fica difícil."

Mas, então, o que pensam a respeito do universo pop? "Um grupo como o nosso não tem um estilo marcante, não é sempre a mesma coisa. Smiths, por exemplo, era uma banda assim. Para mim, todas as músicas soavam iguais, ou muito parecidas. Eles tinham uma linha muito estreita. Nós temos um leque maior. Mas somos pop: é a única definição", defende Paula. Já George diz ter agora uma visão diferente sobre música pop. "É muito difícil de situar. Porque o rock n'roll é rock n'roll, mas a linha é muito tênue do pop para a música descartável, no sentido bem pejorativo do pop. Para nós, significa outra coisa, supersutil. Buscamos sempre a criatividade."

Deixando de falar sobre o próprio trabalho, acham nada interessante o atual pop feito lá fora. Para Bruno, o A-ha tem umas melodias "legais" e o New Order é o melhor deles, mas prefere ouvir um John Cale ou o heavy Dokken. Paula considera todos muito chatos e diz que "só tomando um... para aturar o acid house". Em casa, tem ouvido óperas, para estudar. George fica na intimidade com os brasileiros mais antigos, tipo Gil, Melodia e Cassiano, que o deixou abismado. Até a nova geração de cantoras é vista com desconfiança. "É um fenômeno, mas a onda toda é meio criada. Depois que o *Jornal do Brasil* fez uma lista, passou a acontecer. O que acho engraçado é que na maioria são cantoras de repertório", comenta Paula. Segundo George, elas já existem há muito tempo e tem a mesma fonte musical. "Vai demorar para surgir uma nova geração de compositores. É natural que pintem os intérpretes." Mas Paula não deixa por menos: "Parece que agora descobriram Gershwin e Cole Porter, como se antes ninguém gostasse desse tipo de música. É óbvio que é chiquíssimo, mas o que uma pessoa como eu, ou como tantas, pode acrescentar a uma música já gravada ou cantada por Ella Fitzgerald ou Sarah Vaughan? Nos EUA, em cada esquina há uns trezentos fazendo isso e tem muito mais a ver com aquela história". E ponto final.

De cima para baixo, o trio atual do Kid Abelha: Bruno Fortunato, Paula Toller e George Israel

ROCKABILLY!!!

Tudo começou quando Elvis Presley entrou nos estúdios da Sun Records em 54 e gravou "That's All Right". Estavam lançados os elementos cruciais do rockabilly, que atravessaria três décadas para virar moda nos 80

O termo rockabilly foi cunhado pela *Billboard*, revista da indústria musical americana, como chamariz para um gênero que estava recebendo uma série de nomes — "western and bop", "cat music" e "country rock'n'roll". O rock hillbilly (caipira) puxava a mistura racial do rock'n'roll para a batida dançante dos cowboys do sul dos EUA, impulsionado por tapas nas cordas de um baixo acústico vertical, uma bateria rhythm and blues e breaks de guitarra derivados do blues — Jerry Lee Lewis depois acrescentaria um piano *honky tonk* de igual vigor. Os melhores vocalistas possuíam pouco mais do que um sotaque rural e a habilidade de se perder na emoção do momento, cantavam como sentiam, ignorando as convenções que tornaram o ato de cantar simples e inofensivo.

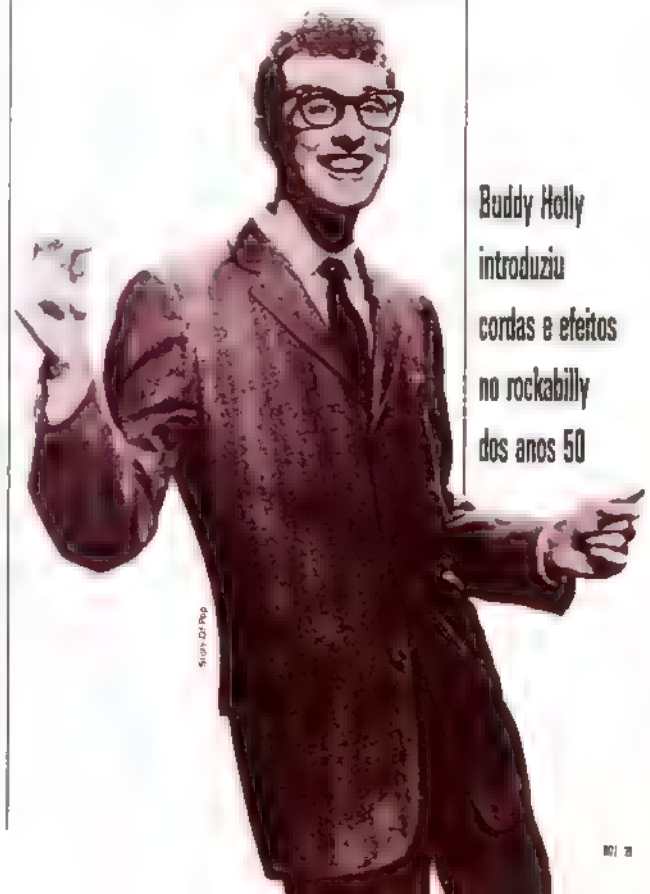
A primeira gravação de rockabilly ocorreu em julho de 1954, quando Sam Phillips colocou o selo amarelo da pequena Sun Records em "That's All Right". Sam teve a visão num dos intervalos das primeiras sessões comerciais do motorista de caminhão Elvis Presley. A gravação corria em torno de uma balada country, quando, de repente, Elvis começou a improvisar, com um entusiasmo ingênuo, um velho blues de Arthur "big Boy" Cudrup em seu violão. Sem serem instigados, o músico Bill Black pegou a batida em seu baixo acústico e Scott Moore tirou os *riffs* que iriam definir o estilo da guitarra rockabilly. Mas nenhum estava muito certo do que estava fazendo. Sam Phillips, mesmo assim, pediu-lhes para repetir, desta vez com os microfones e os tapes rolando. O resto da sessão foi dedicado a gravar o lado B do compacto — "Blue Moon of Kentucky", um antigo country de Bill Monroe, acelerado num saltitante rockabilly. O consenso no estúdio era que, depois que o público ouvisse aquilo, eles seriam corridos para fora da cidade. Afinal, estavam em Memphis, no sul dos Estados Unidos, juntando, pela primeira vez, uma canção negra e uma branca no mesmo compacto – pior que isso: a canção country fora injetada de blues e a canção blues embalada com o sotaque country. E até o ano anterior, a segregação racial nas escolas estava dentro da lei. Sam Phillips tinha razão em acreditar que estavam brincando com fogo. O impacto das gravações de Elvis para a Sun, suas primeiras aparições, sua emergência como sucesso potencial e a rapidez com que sucumbiu ao comercialismo, estabeleceram todos os elementos cruciais do rockabilly. Suas jaquetas pesadas e cores berrantes — ele comprava suas camisetas de cetim rosa ou preto numa loja de roupas para negros — tornaram-se estilo de vida.

Carl Perkins, um country boy que fazia shows mas pagos e um programa de rádio ao vivo em Jackson, Tennessee, ouviu a primeira gravação de Elvis e imediatamente partiu atrás de Sam Phillips. Um ano mais tarde, depois de Elvis ter sido contratado pela RCA, Carl gravaria para a Sun o hit "Blue Suede Shoes". Jerry Lee Lewis vendeu todos os ovos da fazenda de seu pai e acampou na porta da Sun até conseguir uma audição. Buddy Holly viu Elvis pela primeira vez em Lubbock, Texas, e isto mudou sua vida e estilo vocal para sempre. Até Ricky Nelson, o único rockabilly suburbano, pegou seus trejeitos e boa parte de seu repertório de Elvis Presley.

A Sun Records se tornou o autêntico lar dos rockabillies, lançando discos de Perkins, Lewis, Johnny Cash, Charlie Rich, Roy Orbison e outros menos famosos, como Sonny Burgess, Warren Smith, Billy Lee Riley, Carl Mann, Onie Wheeler e Malcolm Yelvington. Mas, além do *cast* reunido no lendário número 706 da Union Avenue, em Memphis, havia feras do calibre de Dale Hawkins, um caipira cheio de acne, que forjou um novo desdobramento para os rumos do rockabilly com os hits "Suzie-Q" e "La-Do-Da-Da", evocações das noites de Louisiana — pode-se praticamente ouvir os cães uivando e as plantações de algodão crescendo em cada uma destas canções — e, claro, Gene Vincent e Eddie Cochran, que gravaram a quintessência do rockabilly num estilo torturado, resfolegante e animado. No outro extremo, Buddy Knox, Sanford Clark e Ricky Nelson entoavam blues atmosféricos em tom cool e sensual, e Buddy Holly introduzia cordas e efeitos nas gravações de rock.

Rockabilly de todo modo, era cru demais, muito direcionado e sem sofisticação. O que levava a indústria a se confundir sobre o que era, afinal, um bom exemplo do estilo. Os artistas que conseguiram sucesso foram apenas a ponta do iceberg. O rockabilly de Pat Cupp, Brunette Brothers, Andy Starr, Charlie Feathers, Mac Curtis, Sonny Fisher, Ray "Caterpillar" Campi, Peanuts Wilson, Mack and Ronnie Self, Groovey Joe Poovey, Alvis Wayne, Teddy Reidel, La Beef e Sanford Clark não deixou nenhuma impressão nas paradas, mas seus dois ou três compactos capturaram uma magia fugaz que hoje se encontra disponível apenas a preços astronômicos. Com a compreensão tardia e redefinições da História, centenas de gravações obscuras passaram a soar tão boas, senão melhores, do que aquelas que tiveram sucesso comercial. Muitos fãs chegam a argumentar que se alguém nunca ouviu "Wild Wild Woman" de Johnny Carroll, ou as versões originais de "Whole Lot of Shakin' Going On" de Roy Hall ou Commodore, não viveu.

As letras, de modo geral, falavam de brotos legais, becas chocantes, *cadillacs* e *milk shakes*, além de dispararem onomatopéias primais como "Be-Bop-a Lu-La" ou "Ooby Dooby" e gritos de "Go, Go, Go". Música de garotos — com a única exceção de Wanda Jackson — alegres e selvagens. A imagem juvenil ficaria registrada para a eternidade, através das cinematográficas saídas de cena de seus maiores ídolos: o escandaloso casamento de Jerry Lee Lewis com sua prima, Myra, 14 anos, praticamente ao mesmo tempo em que Elvis entrava no exército americano e em declínio (1958), a morte de Buddy Holly num acidente aéreo (que também matou Big Bopper e Ritchie Valens, em 1959) e os dramáticos acidentes de carro que colocaram Carl Perkins num longo período de convalescença (em 1956, logo após o supersucesso de "Blue Suede Shoes"), aleijaram Gene Vincent e mataram Eddie Cochran (no mesmo táxi londrino, em 1960). Jovens para sempre — na memória. Mas fora de circulação. O



Buddy Holly introduziu cordas e efeitos no rockabilly dos anos 50

A morte de Eddie Cochran, em 60, marca o final da década do rockabilly

rockabilly morria com a década

A história de sua ressurreição segue uma rota clássica, que inclui Beatles (que copiaram os solos de guitarra de Carl Perkins e gravaram quatro de suas canções) e Rolling Stones. Mas também circula por um perímetro obscuro, por garagens subterrâneas que só ganharam fama nas décadas seguintes. Na verdade, o rockabilly estava apenas transferindo, temporariamente, seu veio principal para a Inglaterra, e servindo de combustível para bandas como Matchbox e Houseshakers, que começaram a tocar em pequenos clubes londrinos no final dos anos 60, quase simultaneamente à avalanche rockabilly do País de Gales, exportador, entre outros, das memoráveis Crazy Caravans e Rhythm Rockers.

A morte de Elvis, em 1976, trouxe o estilo de volta à mídia, ao mesmo tempo em que o *underground*, devastado pelo cogumelo punk, o adotara como alternativa à grandiloqüência bufa que havia suprimido o bom e velho rock. Contudo, como a maioria dos "músicos" envolvidos não havia sequer nascido na época do rockabilly, os novos esforços traziam influências inéditas da surf music, Merseybeat, garage, trash, quadrinhos, filmes de horror e ficção B, gerando o tão falado psychobilly (contração para rockabilly psicótico). A coletânea *Rockabilly Psychosis and the Garage Disease* (1984) traça a árvore genealógica do estilo, partindo da voz gutural de Jerry Lott, que chamava a si mesmo The Phantom (o fantasma), numa gravação tão perdida quanto o ano de 1958, passa também pelo "papa-um-mau-mau" dos Trashman e pela palavra de ordem "Psycho", título de um twistabilly anos 60 dos Sonics.

Os primeiros grupos rotulados como psychobilly foram Cramps e Meteors. The Cramps começaram a tocar em Nova York, em 1976. Logo, se dedicavam a procurar o fantasma de Elvis em Memphis, gravando sessões na histórica Sun, como músicos de apoio de Jimmy Dickinson, um sobrevivente do ciclo original, em 1977. Em seguida, adquiriram uma imagem gótica e começaram a gravar palavrões, canções do tipo "Teenage Werewolf" (lobisomem adolescente, o nome de um filme) e atos de terrorismo sexual. The Meteors surgiu em 1978. Sua primeira gravação foi a trilha de um filme muito B, chamado *Meteor Madness*, que incluía pérolas como "My Daddy Is a Vampire" (Meu Pai É Um Vampiro). Entre os seus quase dez LPs independentes, destaca-se o título *Horrible Music for Horrible People, from an Horrible Band*. O trio original se dividiu em 82, gerando uma nova banda, Tall Boys, deixando o guitarrista e vocalista Paul Fenech no comando dos Meteors.

Algumas bandas, entretanto, se mantiveram fiéis ao velho rockabilly, como os Blue Caps e a mais conhecida de todas, os Stray Cats, que foram obter sua fama longe de sua casa em Long Island, na estrada que leva à Inglaterra. O sucesso da segunda tentativa de Brian Setzer (sua primeira banda, Bloodless Pharaohs, deixou algum trabalho registrado numa coletânea chamada *2 x 5*, lançada em 80 pelo selo independente Red Star) foi o estopim do *revival*, trazendo de volta inclusive bandas e artistas, retirados ou longe das paradas, como os Matchbox e os americanos Ray Campie e Sonny Fisher, que se animaram a recuperar suas guitarras e ganhar dinheiro no outro lado do Atlântico. Mas o principal foi o surgimento de novas bandas, como os Polecats, que, numa sacada comercial, introduziram a fusão do rockabilly com o pop — seu primeiro LP, produzido por Dave Edmunds (produtor dos Stray Cats), incluía uma versão de "John I'm Only Dancing", de David Bowie —; Pirates, que chegou a participar de vários shows com os Stray Cats; Tav Falco and the Panther Burns, de Alex Chilton; Whirlwind etc.

O rockabilly virou moda na Europa, fazendo ressurgir topetes, jaquetas, sapatos de sola grossa (*creeps*) e os clubes de rock. O mais agitado deles, o Klub Foot, de Londres, lançou, através do selo ABC, duas coletâneas reunindo a nata do psychobilly atual: Restless, Sting Rays, Milkshakes, Pharaohs, Demented Are Go, Guana Batz e outros. Porém, como todas as modas, a febre logo virou gripe e foi isolada.

Com a mudança de interesses, a maioria dos pequenos clubes acabou fechando, deixando os grupos sem lugar para tocar. Pra piorar, a crítica britânica raramente abria suas páginas para as vertentes do *revival* — a ponto de Guana Batz só ter concedido uma única entrevista extensa em sua carreira. Em consequência, alguns grupos se desintegraram, como o Gun Club, que perdeu sua baixista, Patricia Morrison, para os Sisters of Mercy, e o guitarrista Kid Congo Powers (também dos Cramps) para Nick Cave. Mas muitos ainda persistem, como King Kurt, sexteto londrino que atira de ovos a talco na plateia, mantendo vivo o ideal de adolescência desenfreada, manifestado pela primeira vez na pélvis de Elvis. Trinta e cinco anos depois, os garotos continuam alegres e selvagens.

BRASIL-A-BILLY!

A GRANDE TREPADA A PELADA DO SEXO

Ricardo Aranha

Acima, A Grande Trepada carioca. Ao lado, os paulistas do S.A.R. em ação

A fumaça dá à cidade uma aparência de história em quadrinhos. Não estamos muito longe de Gotham — ao menos cinco [illegible] vestem o símbolo de Batman na camiseta. Os garotos são mais de uma dúzia com topetes, jaquetas de couro e tatuagens. Alguns vêm da zona industrial, a zona dos [illegible]. A cidade ainda se chama São Paulo. O bar se chama Retrô. Os [illegible] são rockabillies. À primeira vista não há muita diferença entre eles e os psychobillies. No pátio do bar, no meio da fumaça, Denis Animal, baterista dos Kães Vadios, dá um exemplo de letra rockabilly: "Catei minha caranga legal/Fui chupar um sorvete com a gatinha legal". A mesma letra, numa versão psycho, segundo Luis Fernando, baterista do S.A.R., ficaria assim: "Peguei minha caranga legal/Fiz minha [illegible] chupar o meu [illegible]". Dada Raw, guitarrista do S.A.R., explica: "O psychobilly tem mais malícia. É urbano, psicótico. Nervos à flor da pele".

Aqui estão os topetudos das bandas psycho Kães Vadios, S.A.R. e K-Billies e os rockabillies das bandas Kryptonitas e Grilos Barulhentos. A quilômetros de distância, mas ao alcance de telefone vermelho, ainda entram na matéria dois grupos rockabillies: A Grande Trepada, do Rio, e os Kafarels de Campinas. Vamos às apresentações.

Kães Vadios foi a primeira banda psycho do pedaço. Surgiu em 1985, época em que as lojas possuíam no máximo os discos do Stray Cats. A escolha do nome, conforme recorda o baixista Paul [illegible], foi casual: "A gente tinha parado num bar. Pra variar, é uma história de balcão. A gente tava a fim de colocar Cães, que é o contrário de Stray Cats, a gente sempre quis ser [illegible]. Mas cães o quê? Daí sem mais [illegible] passou um cão [illegible] Vadio. E a gente pensou por que não Cães Vadios? Melhor: Kães Vadios, que é ainda mais podrão".

Tudo começou em São Caetano. "Lá é um lugar muito pequeno", avalia Denis. "De lá é o interior da Grande São Paulo. Era só abrir um bar pra todo mundo ir. Deve ter sido assim. A gente começou a tocar psychobilly e todo mundo passou a [illegible]".

S.A.R. significa Soviet American Republic. "A gente profetizou o futuro", decreta o vocalista Niki N[illegible], cujo nome de guerra combina os dos ex-chefes de Estado Richard Nixon e Nikita Kruschev. Seu primeiro LP foi lançado no ano passado. "A gente achava que ainda não estava pronto para gravar", Niki confessa. "Mas a gravadora (Devil) veio atrás, bancou todo o tempo que a gente quis no estúdio, a capa do [illegible]".

A saga dos [illegible] do ABC continua. "A gente começou como uma banda que só fazia cover em barzinho", explica o guitarrista Avenal, sobre a gênese dos K-Billies. Alex, o baterista, desabafa: "A única coisa que atrapalha nesse negócio de psycho é que eu saio na rua e me chamam de punk".

Os Kafarels são contemporâneos do Coke Luxe, [illegible] que em 83 lançou o [illegible] do rockabilly no país através de um compacto independente. Bê Ratos Atins, seu principal problema, na opinião do baixista Eraldo, é o fato de morarem em Campinas. Recentemente foram procurados pela Devil para gravar uma coletânea ao lado dos K-Billies, Kryptonitas e Grilos Barulhentos. O nome dos Grilos vem dos Crickets de Buddy Holly. "Somos fanáticos por ele", revela Billy Gato, vocalista. Já os Kryptonitas, com pouco mais de um ano em atividade, são claramente fissurados por quadrinhos.

A cover do tema de Batman é a mais executada pelas bandas. E por que Batman? "Porque ele é um morcegão", explica Tony the Tiger, ex-S.A.R. Morcego tem a ver com psychobilly. Mark Shake, guitarrista do A Grande Trepada, que já se apresentou várias vezes em São Paulo, acredita que o Rio não tem espaço para as bandas novas, um dos motivos pelo qual não há underground por [illegible], conclui. Em Gotham há ao menos o Retrô e vários morcegos sobrevoando o centro.

INGLATERRA, BÉLGICA, FRANÇA, ITÁLIA, HOLANDA, ESPANHA, SUÉCIA, PORTUGAL, NORUEGA, ESTADOS UNIDOS, JAPÃO, MÉXICO, ARGENTINA, COLÔMBIA, CHILE, VENEZUELA, CANADÁ E AGORA BRASIL

Gipsy Kings

A ONDA LATINA QUE VAI DEIXAR O PRECONCEITO MORRER NA PRAIA

EM DISCOS, FITAS E COMPACT DISCS

CBS

Que livro você está lendo?
Nenhum?
Então, ou você leva uma vida corrida, cheia de trabalho, trânsito, família, amigos e compras, ou a livraria mais próxima não fica na cidade onde você mora.
Por uma razão ou por outra, está cada vez mais difícil ter tempo para procurar bons livros.
É por isso que o Círculo leva os livros até você.
Basta ficar sócio para receber uma verdadeira livraria em sua casa.

É a Revista do Livro.
Ela chega de dois em dois meses, com 400 sugestões de leitura, ofertas incríveis e 30 novos lançamentos.
Você vai encontrar obras de interesse geral, dentro dos mais diversos assuntos.
E best sellers, literatura infantil, coleções e enciclopédias.
E para tornar sua escolha ainda mais fácil, a Revista do Livro traz um resumo de cada obra sugerida.

Assim, você fica sabendo o que existe de melhor na literatura brasileira e mundial.
E escolhe o que quer ler em casa, com toda calma e conforto.
Depois, faz o seu pedido e o Círculo leva os livros até você.
Vale a pena entrar nessa mordomia.
Com 2000 títulos já publicados e 25 milhões de exemplares distribuídos, o Círculo do Livro tem hoje mais de um milhão de sócios em todo o Brasil.

Por que tanto sucesso?
Simples.
Há 15 anos, o Círculo oferece os melhores autores em todas as áreas da literatura, em edições que duram a vida inteira: cada livro é encadernado com capa dura e impresso no melhor papel.
Esta qualidade no acabamento, só o Círculo oferece.
Você não paga um centavo a mais por isso e ainda participa de concursos que sorteiam carros e muitos outros prêmios.

Aproveite a oferta para novos sócios e fique sócio já.
É só escolher 2 dos 16 livros que estão no cupom anexo.
Remetendo o pedido, você se torna sócio do Círculo do Livro automaticamente.
E passa a receber a Revista do Livro em casa, inteiramente grátis.
O Círculo não cobra nenhum tipo de mensalidade e o único compromisso que você terá, como sócio, é o de adquirir pelo menos um livro por bimestre.
Faça esse favor para você.
Depois de ficar sócio do Círculo do Livro, você vai descobrir que, tendo bons livros em casa, sempre se arranja um tempinho para ler.

CÍRCULO DO LIVRO
A livraria que vai até sua casa.

FALTA DE TEMPO NÃO É MAIS DESCULPA PARA VOCÊ DEIXAR DE LER.

DITO PELO NÃO DITO

Os COCTEAU TWINS, no meio das gravações de seu sexto LP, enfrentam a impossível tarefa de falar sobre sua música

O sol brilha sobre Londres, e eu enfrento o calor implacavel para ir ao encontro de Liz, Robin e Simon, no estúdio que eles acabam de construir à beira do Tâmisa. Não sei se estou suando por causa do calor ou porque tenho pela frente uma tarefa ardua: fazê-los falar sobre sua musica. Não que eles se recusem a dar entrevistas, mas a verdade é que as respostas são sempre vagas e reticentes — de resto, uma atitude compativel com a própria natureza do som da banda, onde o que menos importa são as palavras. A dificuldade vem ainda da posição que os Cocteau ocupam hoje no cenário pop, tão insular que resiste a qualquer tentativa de rotulo. Mas isso não impede que eles tenham conquistado um publico numeroso e fiel, inclusive no Brasil, onde só ficaram conhecidos em 1987, com o lançamento de *Treasure*, o quarto LP

A história do grupo, porém, nos leva para o inicio da década, quando o guitarrista Robin Guthrie e o baixista Will Heggie conheceram Elizabeth Fraser. Depois de vê-la dançar numa discoteca de Grangemouth, na Escócia, eles não pensam duas vezes: "Alguem que dança assim tem que saber cantar". Está formado o Cocteau Twins. Mas o empurrão decisivo só viria com a passagem do Birthday Party (a ex-banda de Nick Cave) por terras escocesas. Após uma breve audição do material da banda, eles sugerem uma visita à gravadora independente 4AD — que contrata o trio imediatamente

Em 1982, sai o LP de estréia, *Garlands*, para delirio da imprensa inglesa, que se deleita com o som muito pessoal dos Twins — onde a riqueza de texturas encobre a simplicidade das canções — e com a voz de Liz. Adotados pelo DJ John Peel, partem para se estabelecer como uma das grandes bandas independentes britanicas, ao lado do New Order e dos Smiths

Will deixa o grupo em 1983, depois do lançamento de *Head Over Heels*, o segundo LP, precedido por uma turnê onde abrem os shows do Birthday Party. Um projeto idealizado por Ivo Watts-Rissel, dono da 4AD, atrai o grupo, que toca como This Mortal Coil — ao lado de integrantes de outras bandas (Dead Can Dance, X-Mal Deutchland, entre outras) — gravando dois LPs com covers e composições proprias

Com "Pearly Dewdrops' Drops", faixa de um EP lançado em 1984, eles alcançam seu maior sucesso comercial até então. Nessa época, já são novamente um trio, com a entrada de Simon Raymonde. Ainda nesse ano, gravam *Treasure*, considerado até hoje pela critica o melhor LP do trio, pela variedade inédita de climas e ritmos

A imprensa musical continuava procurando adjetivos para definir a música dos Twins e o vocabulário particular das letras de Liz: etereo, celestial, cinematografico são os mais constantes. A preocupação da midia não encontra resposta na banda, que prefere o anonimato — o que fica claro nas belas capas dos discos, jamais incluindo fotos do trio

Em 1985, eles compram seu proprio estudio e têm seu primeiro disco editado nos Estados Unidos: *The Pink Opaque*, uma compilação de EPs lançados anteriormente na Inglaterra. Enquanto isso, Robin entra contra tempo para produzir bandas como Felt, Wolfgang Press e Dif Juz. *Victorialand* (1986) traz o grupo em sua proposta mais radical, totalmente acustico. O disco chega ao numero dez da parada inglesa, em meio a rumores infundados sobre a saida de Simon (fora desse disco). Na mesma época, trabalham com o pianista e compositor Harold Budd com quem gravam *The Moon and The Melodies*

Foi preciso uma retirada de dois anos para que brilhassem novamente com *Blue Bell Knoll*, mais cinematico do que nunca — e, possivelmente, o mais acessivel da sua carreira. Essa entrevista pega o trio no rastro dos infindaveis encontros com a imprensa que sucedem o lançamento do LP. Com xicaras de café na mão, nos instalamos no enorme terraço e pergunto por que eles começaram a banda.

Porque queriamos um lugar assim, à beira do rio... (*risos*). Porque viviamos num lugar muito deprimente na Escócia, e a musica era um modo de escapar" Liz. "É melhor do que judô". Robin faz cara de desespero e nos pergunta do que ela está falando. Liz continua: "Meu irmão fazia judô, e quando voltava pra casa ele vinha treinar em mim, eu sempre acabava apanhando". Eu simpatizo, passei pelos mesmos problemas com o meu irmão, mas: quando vocês começaram a banda, existia um objetivo, uma ideia original? Robin: "Não, nós simplesmente fomos e fizemos musica, nunca paramos e dissemos 'Vamos começar uma banda e fazer isto e mais aquilo' ". Simon comenta que existe gente assim, ao que Robin responde com um olhar incrédulo. Como foi o começo? Robin: "Eramos jovens e cheios de entusiasmo. E aí perdemos tudo isso". Liz: "Não só musicalmente, é assim com todo o resto

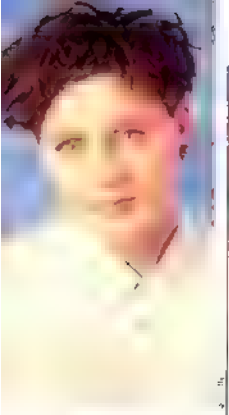
Vocês têm alguma semelhança ou afinidade com outras bandas? Liz: "Não musicalmente". "Em atitude talvez", diz Simon. Robin: "Talvez tenhamos afinidades com outras bandas, mas não sei quais". Simon: "Todo mundo começa com a ideia de fazer algo à sua maneira, lançar apenas os albuns que quer lançar. Mas quantas pessoas podem honestamente dizer que fizeram isso

Quais bandas vocês admiram? Robin hesita... "Eu gosto de uma banda durante um certo tempo mas depois a tendencia é enjoar. Do que você gosta?" Cito Nick Cave e Sonic Youth, e comento que é uma pergunta difícil... Simon concorda: "É, porque talvez a resposta seja diferente na semana que vem". Robin: "Alguns anos atrás eu teria dito Sonic Youth também, mas não gosto mais deles. Ficaram cheios de si e só fazem merda". Liz o acalma: "Nossa, parece que você quer matá-los!" (*risos*). Robin continua: "Quanto ao Nick Cave...bem, foi através do Birthday Party que chegamos a 4AD", Simon. "Todas essas pessoas fizeram grandes discos em sua época, mas isso não significa que nos tenham influenciado"

Muito já foi escrito sobre a voz de Liz e o quase-esperanto das letras. Liz: "É, eu não sei por quê. Não importa o que as pessoas pensem. Nós temos que tentar ignorá-las, acho bem mais facil. Se eu preciso de autoconfiança, procuro-a no Robin e no Simon.. porque às vezes eu realmente preciso!

Quando vocês falam de sua música, parece uma coisa totalmente sem esforço, quase sem intenção.

"Éramos jovens e cheios de entusiasmo. Aí perdemos tudo isso"



"Não importa o que as pessoas pensem. Nós temos que tentar ignorá-las, é mais fácil"

Robin: "Musica para mim não é uma tarefa, um dever. É sem esforço no sentido de que nós gostamos do que fazemos. É divertido. Não é como se estivéssemos carregando o mundo nas costas. Ainda é como era no começo". Mas onde está a intenção? Ou será que a musica simplesmente "acontece"? Simon: "É difícil dizer, porque houve tanto esforço para construir este novo estudio, e no lado técnico da coisa, que quando finalmente fazemos musica, esquecemos do resto". Robin: "Não que nós entremos no estudio e façamos um disco inteiro em uma tarde. Somos perfeccionistas, queremos as coisas de uma determinada maneira. E sem esforço porque é como uma paixão". Não há lugar então para esforço na paixão? Robin: "Ir até a lavanderia é um esforço. Fazer essa merda não é esforço nenhum. É apenas musica".

O que vocês acham de certos rótulos que são frequentemente aplicados a vocês, como musica atmosferica, musica ambiente? Simon: "As pessoas usavam essas expressões antigamente. Não usam mais...não com o último disco". Liz discorda: "Usam sim...coisas idiotas como new age, nos Estados Unidos". Robin interrompe: "Bem, eles são americanos, não se pode esperar muito deles" (*risos*). O que então, as pessoas fazem ao som dos Cocteau Twins? Robin diz maliciosamente: "Já nos contaram várias coisas..." (*risos*). Você usa certos tipos de musica para certos tipos de situação. Por exemplo, você não acorda e põe um disco do Brian Eno na vitrola, porque aí você volta a dormir imediatamente (*risos*). Não consigo pensar no que as pessoas fazem ao som de nossa musica, exceto, bem, não importa" (*risos*).

A musica mudou com o passar dos anos? Robin: "Sim, tanto quanto nós mudamos. A musica apenas reflete o que estamos sentindo". No que ela mudou, exatamente? Simon: "Ficou muito melhor". Robin: "Não nos preocupamos muito em fazer um disco conscientemente diferente do outro, porque conforme vamos amadurecendo, isso tudo vai se refletindo em nossa musica. Não acho que nossos discos sejam todos iguais. Mas as mudanças foram graduais, a gente não muda radicalmente de um disco para o outro. Mas e só ouvir o que fazemos agora para ver diferenças". Simon: "Eu sei o que você quer dizer ...tem gente que acha que sabe como nossa musica soa. Só porque ouviram um disco nosso seis anos atrás. É uma pena".

Como foi o trabalho com Harold Budd em *The Moon and the Melodies*? Robin: "Foi bom. Porque o Harold é diferente do que as pessoas imaginam quando ouvem sua musica. É um cara normal, que gosta de sair e encher a cara. Ele realmente faz isso, ao contrário de gente como Nick Cave, que canta sobre isso". Tento defender meu ídolo em vão, mas, a essa altura, Liz está rindo histericamente enquanto Robin e Simon falam ao mesmo tempo. Robin volta ao assunto: "Foi uma experiencia diferente, foi divertido. Ele é um cara legal para trabalhar. Mas não dou importância alguma a esse disco". A qual disco você dá importância? Robin não hesita: "Ao seguinte, sempre".

Como foi a participação de vocês no projeto This Mortal Coil? Robin: "Não tem nada a ver conosco. Nos pediram para gravar umas duas musicas e foi isso. Não gosto daquele tipo de musica".

Me falem um pouco sobre o último disco, *Blue Bell Knoll*. Robin: "É a melhor coisa que já fizemos até que o próximo esteja pronto. Na época ficamos bem satisfeitos com ele. Sempre que pensamos nos discos que já fizemos, achamos péssimos, mas na época eram bons, suponho". Simon: "Essa é a coisa mais trágica, quando alguém chega para você e diz que gosta da banda, e menciona uma musica de quatro anos atrás!" Robin aproveita a ocasião para comentar sarcasticamente: "*Garlands* é seu predileto, ne, Simon?" E *Treasure*, que grande disco, urgh." (*risos*).

Chegou a hora da clássica pergunta, mas como não quero ser jogada no Tâmisa (apesar do calor), inverto-a: vocês influenciaram alguma banda? Robin: "Isso cabe a eles dizerem. Acho que influenciamos sim...se eles admirem primeiro, nos diremos quais" (*risos*). Liz, no quinto mês de gravidez, não aguenta o sol e vai para dentro.

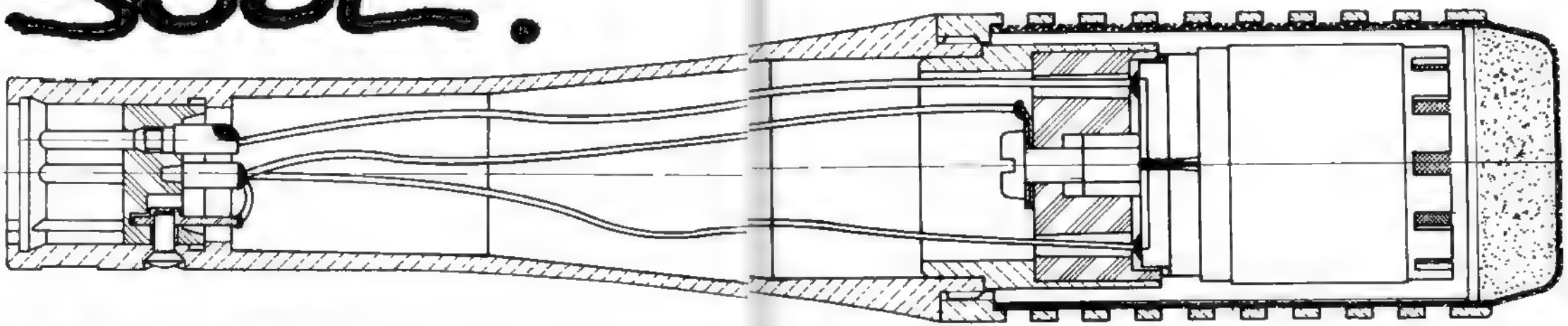
Vocês veem algo de interessante acontecendo em termos de musica atualmente? Robin: "Nos últimos três ou quatro anos não apareceu nenhuma banda que tivesse algo de interessante para oferecer". Simon: "Sempre a mesma coisa. Quatro ou cinco anos atrás, as pessoas estavam escrevendo um monte de baboseira sobre nós, como se fossemos a melhor coisa do mundo desde a invenção do pão de forma fatiado". Os jornalistas tem que manter o interesse dos leitores, não podem escrever sobre as mesmas pessoas eternamente, então eles tem que sair e procurar bandas novas, e mesmo que as bandas não sejam grande coisa, eles tem que dizer que são, tem que justificar seu trabalho". Tudo bem, mas isso é a imprensa. Vocês, pessoalmente, o que acham? Robin: "Eu tenho ouvido algumas coisas, mas nada de interessante, de diferente. Gosto dos Stone Roses, mas o que eles fazem não é nada de novo". Simon: "Gosto do disco do De La Soul. É bom, totalmente diferente daquilo que fazemos. Tem outra função".

Vocês raramente tocam ao vivo... Robin: "Nós gostamos de tocar ao vivo, mas não temos a obrigação de fazer um álbum e uma turnê, e depois outro álbum e outra turnê e assim por diante". Simon: "A impressão que as pessoas têm é que você é totalmente inútil se não passar metade do ano excursionando". Robin: "O problema é que nunca fomos muito bons ao vivo. Acho que somos melhores em disco".

Vocês já estão gravando o disco novo? Robin: "Começamos na semana passada. Se o tempo continuar ensolarado assim, não vamos terminar tão cedo (*risos*). Temos nosso próprio ritmo. Não há pressão nenhuma sobre nós. Estamos fazendo o disco porque queremos, não porque alguém nos disse que já estava na época. Poderíamos não fazer absolutamente nada o dia inteiro se quisessemos. Mas não somos esse tipo de gente".

Mais tarde, na cozinha com Liz, enquanto ela folheia uma BIZZ e confessa seu amor pelos Pet Shop Boys, ouço pedaços do disco em preparação e faço as pazes com o mundo. Afinal, se eles fazem musicas assim, por que tanto

SOUL.



JAZZ, ROCK, BLUES, REGGAE, PUNK, FUNK, RAP, HIP-HOP, HEAVY METAL, COUNTRY... CANTE OU TOQUE QUALQUER COISA, MAS COM MUITO SOUL. AFINAL, O IMPORTANTE É O QUE A GENTE TEM POR DENTRO.

Le.son MICROFONES COM ALMA.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

U/P NAVE

A CONQUISTA DO MUNDO E SUA RESSACA

Na segunda parte de sua entrevista a Jonh Wilde, do Melody Maker, o vocalista e letrista dos SIMPLE MINDS — Jim Kerr discute — o engajamento de sua música e os ideais que estão por trás

Já faz algum tempo que Jim se tornou um expert da defesa pessoal em entrevistas. Na época em que os críticos começavam a argumentar que os Simple Minds estavam se transformando no novo Genesis, ele habitualmente desarmava os entrevistadores concordando.

Lembro de uma crítica cujo título proclamava que estávamos presos no porão com o fantasma dos anos 70. Diziam que bandas como Simple Minds e U2 estavam ressuscitando a música para hangar de avião. Não quero parecer convencido, mas...

Você acha que provou que estas pessoas estavam erradas?

Bem, não fomos nos deixar confundir. Não vamos negar que gostávamos do Pink Floyd. Você está brincando? Na época mais hippiosa e melosa, com todo mundo cantarolando paz e amor, eles lançaram "Careful With That Axe, Eugene" ("Cuidado Com Esse Machado, Eugene"). Completamente brilhante para caralho! Quando o punk finalmente apareceu, nos o vimos mais como um tipo de sátira do que como uma rebelião.

Você não adoraria se surgissem algumas bandas de garotos branquelas, com guitarras e narizes entupidos de meleca que fizessem o Simple Minds parecer totalmente irrelevante?

"Eu espero que façam isso! Sou praticamente a única pessoa que tem tentado defender as possibilidades do rock enquanto todo mundo fica chutando o cadáver. Estive conversando com Lou Reed sobre isso. Ele me dizia como, ainda hoje, consegue ficar sentado tocando os acordes de 'Sweet Jane' durante meia hora porque ainda se excita com isso. Dê uma guitarra a um garoto e observe-o descobrir alguma coisa e tentar até acertar. É o mais próximo que se pode chegar da salvação. Eleva a gente do entulho. Já faz dez anos que falam sobre a última banda de rock.

Lou Reed faz uma participação especial em "This Is Your Land", o novo compacto dos Simple Minds, num dos casamentos mais improváveis da história do rock.

"Lou tinha feito uma canção chamada 'Great American Whale' em seu LP *New York*, atacando toda a questão ecológica. Nós já tínhamos composto 'This Is Your Land', uma canção muito simples, quase infantil, sobre o mesmo tema, dizendo às pessoas que elas é que deveriam assumir a responsabilidade.

"Bem, havia uma 'ponte' de oito compassos no meio da música e eu não sabia bem o que fazer com ela. Por isso, tentei uma declamação. Mas o que eu realmente queria era algo que partisse a canção em pedaços, e o que eu estava cantando soava como uma paródia de Lou e eu não queria deixar a coisa assim."

Eu o conheci em Dublin, tocando com o U2. Nós amamos feito uma versão de 'Sweet Hassie' que todo mundo havia odiado, exceto Lou Reed! Aí encontrei o cara e fiquei espantado com todo seu entusiasmo e sua lucidez. Depois fiquei sabendo que ele ia passar por Londres e liguei para a mulher dele, que disse que passaria a idéia para ele, para ver o que achava. Foi um tiro no escuro! Não tínhamos nenhuma esperança de que Lou Reed apareceria para cantar no nosso disco. Mas ele recebeu a fita e disse que havia gostado. Aí o levamos para o estúdio e ele gravou em trinta minutos. Uma doçura de pessoa. Perguntou o que eu estava buscando. Eu disse que queria uma paródia de Lou Reed. 'Bem', ele só tocou, 'se todo mundo está fazendo isso, por que é que eu não posso?'

Um dos versos diz 'O que você vai fazer quando acabar a esperança?/Me diga o que está certo e o que está errado?' De repente, eu percebi que ele provavelmente nunca tinha cantado a palavra 'esperança'. As pessoas o associam às trevas e ao niilismo. Por isso, achei que seria um belo golpe colocá-lo para cantar este verso.

Ele fala também sobre a dicotomia entre o pessoal e o político. A necessidade de prestar um testemunho de colocar uma data na música.

Eu dei uma entrevista por telefone esta manhã e o cara me fez umas cinco ou seis perguntas sobre política. Aí ele disse: 'Você não acha que está falando demais sobre política?' Sugerindo que era uma intenção nossa compor canções de cunho político. Nós simplesmente queremos uma data estampada nas canções novas. Queria uma coisa documental. Por isso sabe para compor sobre as pessoas e o modo como elas vivem. Como é que eu poderia não ser político? No caso de 'Belfast Child', acho que fizemos um trabalho fantástico, com toda a atmosfera de dor do que acontece naquela cidade, sem ser uma exploração barata.

Seria talvez, entre suas músicas, a mais fincada na terceira pessoa?

Para falar a verdade, eu posso estar na terceira pessoa num verso, e na primeira no seguinte. Na segunda parte desta música, estou contando a coisa para mim mesmo, tentando me envolver nela. Um amigo meu foi assassinado em Glasgow há uns dois anos. Alguns moleques que estavam chapados de cheirar cola. Ele estava saindo de uma festa e esses caras tinham facas. Esse tipo de coisa acontece o tempo todo e não estou pedindo vingança nem nada. É o vazio, a insanidade criada pela loucura urbana. Incidentes que acontecem todas as noites nas grandes cidades do mundo. Nessa canção em particular, tento relacionar isso com as pessoas de Belfast. Você diz que é romântico? Talvez seja verdade, mas é aí que está toda a poesia. Em não saber. *Romance* é uma palavra velha e esquisita. Dê uma olhada para o céu. Se é azul para você, é *puro* azul para mim. Isso faz de mim um romântico? Eu simplesmente não sei.

"Eu não sinto tanta necessidade assim de compor num veio jornalístico, não mais. Quando você já está

"Já faz dez anos que falam sobre a última banda de rock"

Eric Gyson

"Em questão de mulheres, eu sou amaldiçoado"

compondo ha dez anos acaba percebendo que, se tem algo a dizer, tem de dizê-lo. Sinto um forte impulso de compor canções mais concretas como 'Belfast Child' e 'Mandela Day'. Outras canções do disco mostrarão isso. Outras serão mais

Vagas?

'Mais vagas!'

Embora algumas das canções em *Street Fighting Years* encontrem Kerr com um foco mais nítido do que nunca, existem também doses proporcionais de utopia e esperanças impossíveis. "Let It All Come Down" entra a cabeça nas nuvens e imagina a aurora de um novo dia para toda a humanidade. Enquanto 'This Is Your Land' lamenta a queima das florestas tropicais brasileiras, a exportação da chuva ácida e a destruição da camada de ozônio, "Wall Of Love" apresenta um faz-de-conta com um amanhã em que uma chuva virá para lavar toda a dor do mundo. Assim sem mais

"Intrinsecamente, eu *acredito* nestes ideais. Não acredito que vá acontecer assim, em massa. Não sei quanto vai demorar nem como vai acontecer. Mas, se eu não acreditasse nisso, estaria perdido. Isso eu sei."

Você ainda acredita que os sonhadores movem montanhas?

Bem, a crença popular é que o sonhador tira o corpo fora da realidade. Eu acho que é preciso coragem para sonhar, para acreditar em algo e lutar para fazer isso acontecer."

Jim Kerr também anda passando por maus bocados, tentando decidir o que é mais difícil em ser quem ele é.

"Acho", ele finalmente decide, "que é a batalha contra minha própria ignorância, não necessariamente entre em que acreditar e em que não acreditar. As pessoas me perguntam em que deus eu acredito. Me perguntam sobre o Bem e o Mal. Me perguntam o que quero dizer com *New Gold Dream* ("Novo Sonho Dourado"). Me perguntam sobre caos e conflito. Estou agora num campo de batalha e a batalha é entre minha ignorância e aquilo que estou aprendendo. Eu sempre disse que nossa presença no palco representa uma falta de respostas. As maiores bandas carregam consigo todas as perguntas. É isso que as torna vivas. Eu diria que minha confusão pessoal é tão forte quanto minha confusão política, tentando fazer perguntas, tentando agarrar o conhecimento."

A medida que a entrevista vai terminando e passamos a conversar sobre paternidade e casamento, observo o pulso de Jim se fechar num nó. Quando chamo sua atenção para isso, ele começa a relaxar, mas passa a rolar uma garrafa de um lado para o outro sobre a superfície da mesa. Atmosfera densa e pesada mesmo.

Ele conta que as perturbações resultantes de seu rompimento com Chrissie Hynde provavelmente agiram como um empurrão na hora de compor e gravar *Street Fighting Years*.

"Dá para imaginar que isso teve uma forte influência na própria feitura do disco. Eu não conseguiria realmente documentar tudo que aconteceu. O rompimento durou um tempão. Acho que é verdade que a criatividade vem da dor. É um clichê porque é verdade. Muitas coisas sensacionais aconteceram entre Chrissie e eu, daí veio um tremendo caos. Fosse o que fosse, eu estava precisando."

A vida é... a vida é a coisa mais preciosa para mim. No nosso relacionamento houve vida mais vida. A preservação e o bem estar das vidas e um desafio no futuro para mim. Isso se chama viver. Se você realmente quiser saber o que é mais difícil em ser Jim Kerr, acho que é tentar manter relacionamentos com alguma consistência. Meu rompimento com Chrissie colocou tudo em perspectiva. Quando chegou a dor, eu tive uma escolha. Poderia ter desistido da banda e mandado tudo a lanuta. Não pense que eu não considerei a hipótese! Durante alguns meses, foi meu pensamento principal. Ao começar a pensar no fato de que venho compondo desde garotinho. Conheço Charlie Burchill desde os 8 anos de idade. Os Simple Minds passaram por altos e baixos, mas sobreviveram. Foi um longo percurso. Eu sabia que não podia cair fora.

A caminho da porta, ele me deixa em suspenso.

Em questão de mulheres, Jonh., sou *amaldiçoado*! É tudo que eu posso dizer.

Enquanto ele me leva de carro até o aeroporto, depois de cinco horas dissecando os Simple Minds, encerramos o expediente e começamos a conversar normalmente. Assuntos como futebol.

Kerr me conta que encontrou Mo Johnston pouco tempo depois deste ter marcado dois gols pela Escócia contra a França, na última Copa do Mundo.

"Perguntei 'Como é a sensação de fazer uma coisa assim?' Ele olhou para mim, surpreso. 'Ora, Jim! Você conhece muito bem essa sensação.' Ele tinha razão, sabe.

Quando aperto sua mão para deixá-lo com seus pensamentos vagos e intensos, ele oferece sua última filosofada desta tarde.

Basicamente, todos os jogadores de futebol queriam ser rock stars, e todos os rocks stars queriam ser jogadores de futebol.

Jim Kerr poderia ter sido um bom, sonado, lateral esquerdo. Como rock star, é muito fácil acreditar nele.

O primeiro LP citado foi *Beatles Again*, um presente de seus pais quando tinha 4 ou 5 anos. Ainda na escala das preciosidades, ele fala, saudoso, de *The Great Rock'n Roll Swindle*, dos **Sex Pistols**, com destaque para a faixa "My Way". Além desses, Renato lembra três ou quatro do **Led Zeppelin** — todos os dos **Beatles**, *Pet Sounds* dos **Beach Boys**, *Surrealistic Pillow*, do **Jefferson Airplane**, *Hergest Ridge* (**Mike Oldfield**) e os antigos de **Elton John**. Da fase pré-Pistols, cita ainda **Joni Mitchell**, *Songs of Leonard Cohen*, trilhas sonoras diversas e os progressivos **King Crimson, Yes, Genesis, Emerson Lake and Palmer** e **Focus**. Dos nacionais, não esquece *Amor de Índio*, de **Beto Guedes** — apesar de não ouvi-lo mais — e *Clube da Esquina II*, de **Milton Nascimento**. Russo tem entre 1 500 e 2 000 LPs e os guarda por ordem de preferência. Embora se mantenha informado quanto aos novos grupos e lançamentos, nada tem despertado seu interesse. *Don't Tell a Soul*, dos **Replacements** e *Sonic Temple*, do **Cult**, Renato comprou, ouviu, não gostou e arquivou.

GANG OF FOUR PARALYSED (Andy Gill, Jon King)

(na terceira nota) "Gang of Four. 'Paralysed', do segundo álbum *Solid Gold*, só que tem de esperar começar para eu ter certeza, mas é. Eu gostava muito mais de *Entertainment!*, mas esse é melhor... Acho o máximo! São oblíquos. Sempre gostei das letras. Agora, ele me irritou um pouco porque era tudo muito parecido. Mas esse estilo de guitarra influenciou a gente para caramba."

BEACH BOYS "THE WARMTH OF THE SUN" (Brian Wilson-Mike Love)

(no terceiro acorde) "Beach Boys!!!! 'Girls on the Beach', acho que é... *(quando entra a primeira frase cantada)* Não! 'The Warmth of the Sun'... Não, pode ser 'Girls... Tem que esperar, porque eles tem umas três ou quatro parecidas... Isso é Brian Wilson cantando, acho... Ah, não, *Girls on the Beach* é o nome do filme deles. Ah! Isso é lindo! Não posso falar nada. É lindo! Gang of Four não ouço mais. Mas se eu chegar em casa para colocar um disco, coloco isso, porque acalma."

JANELAS "ROSÁRIO DE ESPERANÇA" (Ivo Rodrigues)

(antes de começar a música) "Essa eu não vou saber... *(nas primeiras frases)* parece música brasileira... nem é muito antigo... *Eu não tenho a mínima idéia do que é isso!* É o tipo da coisa que não ouço. *(longa pausa)* Ainda bem que essas músicas são curtinhas e não precisamos ouvir até o fim... Mas deve ser bem chique de ouvir. Parece Erlon Chaves, aquele negócio de metais e tal."

JOAN BAEZ "DADDY, YOU'VE BEEN ON MY MIND" (Bob Dylan)

(logo no começo da música) Joni Mitchell... Não, isso não é Joni Mitchell. Deve ser Fairport Convention... bem... mas... está muito country para ser Fairport... Ah, eu conheço essa voz. Sei lá, está parecendo Emmylou Harris. A música eu não tenho a mínima idéia. Deve ser 'Daddy, You Been on My Mind'... Pode ser Linda Ronstadt... Isso é bem sofisticado... Pode ser Joan Baez. Dessas quatro que eu falei, é Joan Baez."

FRA LIPPO LIPPI "OUT OF THE RUINS" (Kristoffersen-Joberg)

"Agora vocês estão sacaneando! Só colocaram o que eu não conheço. Por que não colocaram Beatles? Bom, o Bunfá acha que é brasileiro, mas eu não. Das duas uma, ou é original ou é cópia. Se foi feito antes de 79/80 é muito bom. Se foi depois, já não é tão bom."

ARNALDO BAPTISTA & PATRULHA DO ESPAÇO "CORTA JACA" (Arnaldo Baptista)

(na entrada do vocal) "Isso é Arnaldo Baptista, 'Corta Jaca'. Eu adoro o Arnaldo, mas o que eu mais gosto é do segundo LP, *Singin' Alone*, onde tem umas coisas bonitas que ele fez para a Rita Lee — fala de Jesus, umas músicas lindas!"

AVISO AOS ASSINANTES

SE VOCÊ NECESSITA DE ALGUMA INFORMAÇÃO SOBRE SUA ASSINATURA, ESCREVA PARA EDITORA ABRIL - ASSINATURAS - RUA DO CURTUME, 769, LAPA, CEP 05065, SÃO PAULO, SP

OU, SE PREFERIR, UTILIZE ESTES TELEFONES:

SÃO PAULO TEL. (011) 823-9222

RIO DE JANEIRO TEL. (021) 295-5544

RECIFE TEL. (081) 224-0655

SALVADOR TEL. (071) 247-1022

BELO HORIZONTE TEL. (031) 275-2255

PORTO ALEGRE TEL. (0512) 33-9034

BRASÍLIA TEL. (061) 226-6963

CURITIBA TEL. (041) 263-3013

FLORIANÓPOLIS TEL. (0482) 23-7598

SE VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO, PREENCHA O PEDIDO DE ALTERAÇÃO ABAIXO, COLOQUE-O NUM ENVELOPE E ENVIE-O PARA

EDITORA ABRIL

RUA DO CURTUME, 769 - CEP 05065, LAPA, SÃO PAULO, SP

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.

COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR

ATENÇÃO: OS EXEMPLARES COMEÇARÃO A CHEGAR EM SEU NOVO ENDEREÇO DE 4 A 6 SEMANAS APÓS RECEBERMOS O SEU PEDIDO.

NOVO ENDEREÇO _____ CEP _____

BAIRRO _____ TELEFONE _____

CIDADE _____ ESTADO _____

RECORTE AQUI

Stamp

BLUSÕES DE MOLETON

100% ALGODÃO TAMANHO P M G

REF M 5 COR C NZA
REF MT 1 COR BR
REF MT 9 COR CINZA
REF MT 3 COR BR
REF MT 7 COR PR
REF M 4 COR PR
REF MT 8 COR PR
REF MT 2 COR PR
REF MT 6 COR CINZA

MALHA ESPECIAL

CAMISETAS
manga curta e longa
estação inteira

DESCONTO 10%

$ PREÇOS $
Manga Curta NCz$ 39,00
Manga Longa NCz$ 50,00
Moleton NCz$ 90,00
Válidos até a próxima BIZZ

Estou enviando agora CHEQUE _ VALE POSTAL no valor de NCz$ _____ contra preço de NCz$ _____
Prefiro pagar ao receber mais despesas postais.

REF.	COR	TAM.	REF.	COR.	TAM.

Manga Curta
Manga Longa
Moleton

Nome
End
Est ESTADO CEP

Envie este cupom ou cópia STAMP Rua Emb. João Neves de Fonseca, 158 CEP 03013 São Paulo - Santana

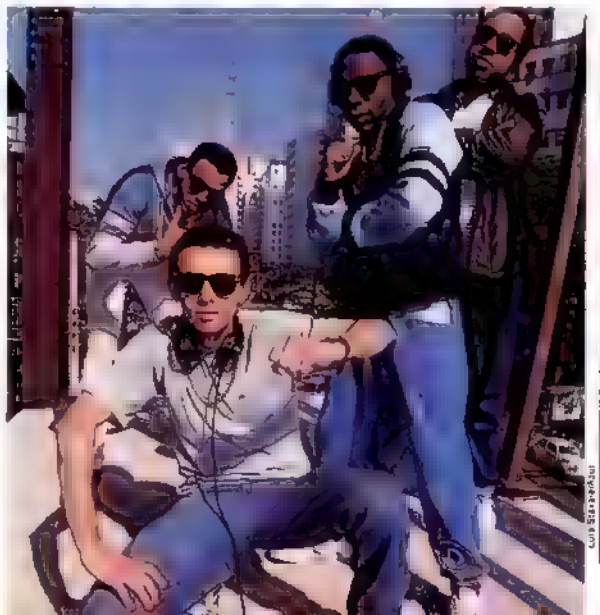
A idéia de fazer um disco-homenagem a **Arnaldo Baptista** data de um ano e meio e não tem pai certo: circula entre uma tríade famosa do rock paulista — **Alex Antunes** (ex-Akira S), **Thomas Pappon** (Fellini, 3 Hombres, ex-Smack e ex-Voluntários da Pátria) e **Minho K.** (ex-N.º 2 e atual 3 Hombres). O projeto acabou vingando este ano nos escritórios do selo Eldorado e traz doze bandas pouco conhecidas reinterpretando clássicos do ex-mutante, que hoje vive em Juiz de Fora (SP). Uma das pessoas que não poderia ser esquecida aqui é **Luiz Calanca**, homem do selo Baratos Afins e responsável por manter em dia a obra do artista, relançando *Loki*, além de editar *Singin' Alone* e o recente *Disco Voador*. **Carlos Eduardo Miranda** ficou responsável pela produção e pretende "manter o som de cada banda dando apenas uma transtornada de leve" para deixar tudo próximo ao som do Arnaldo", conforme ele mesmo diz. No time entram grupos do cast da gravadora, como **Sexo Explícito** (BH), com "O Sol"; **Fellini**, com "Cê Tá Pensando Que Eu Sou Loki", **Último Número** (BH), com "I Fell in Love One Day", **Scowa**, com "E Eu", **Maria Angélica**, com "Te Amo Podes Crer", **Black Future**, (RJ) com "Cyborg"; **3 Hombres**, com "Dia 36"; **Vzyadoq Moe**, com "Bomba H sobre São Paulo", **Chance**, com "Jesus Come Back to Earth", **Athaualpa e os Panques** (RS), com "Vou Me Afundar na Lingerie" e **Akira S** mais **Alex Antunes** gravando a música que poderia dar nome ao LP: "Sanguinho Novo", uma sugestão do [illegible] Calanca.

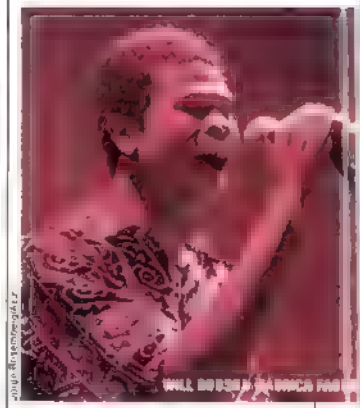
*Curitiba corre o risco de se tornar mais um novo polo do cenário roqueiro tupiniquim. A prova disso foi o festival **Patol de Polvoras**, realizado no mês de maio, onde estiveram reunidas a quarta geração do rock paranaense, representada pelas seguintes bandas. **Epidemic**, **Abaixo Deus**, **Missionários**, **Holydeath**, **Opinião Pública**, **Mera Semelhança**, **O Corte**, **Carga Aérea** e **Apostulus Band**. A fauna de palco e platéia era variada, desde bangers até [illegible] Foi a chance de reunir tantas cabeças distintas partiu da empresária Morena Zuchereli e mostrou que Curitiba pode sair do anonimato. Isso ficou mais evidente para as seguintes bandas. Epidemic e Holydeath que apresentaram um excelente thrash metal. Os Missionários, com seu psychobilly de nítidas influências punk. Opinião Pública e seu rock digerido após overdoses de Jorge Mautner e Lupicínio Rodrigues, a Apostulus Band, revelando o cantor Simão Jr., e O Corte, com seu pós-metalúrgico, parodiando o som industrial alemão.*

Uma banda de música pop africana composta só por brasileiros e, ainda por cima, cantando em iorubá. Não é invenção nem armação. Vem do Rio e se chama **Afrika Gumbe** (de N'Gumbe, ritmo da Guiné-Bissau e que também significa festa/celebração). Inicialmente atendia pelo nome de Africa Oboia (mãe África) e era uma reunião de estudantes africanos residentes no Rio. Aos poucos, eles foram deixando a banda que, após passar por várias formações, chega à atual. **Fo** (voz), **Eduardo Proença** (voz e guitarra), **Humberto Abiodum** em participação especial (percussão), **Pedro Leão** (baixo e guitarra), e os irmãos **Lobato**, **Marcos** (guitarra e baixo) e **Marcelo** (voz, teclado e bateria). Os cinco ramos — ex-Ramos Henricos — são os responsáveis pelas composições e arranjos. Bebem livremente com a música do continente e suas ramificações, como os cantos tribais afro-beat do país mais musical da Nigéria, o soukous do Zaire, o jive da África do Sul e o reggae jamaicano. Levam tão a sério esse trabalho que o letrista Marcos Lobato está estudando iorubá (língua falada por aproximadamente dez milhões de pessoas) com o nigeriano Edouard Evidemie. Depois de um maratona de shows, tocando praticamente todo fim de semana, chegam ao primeiro LP pelo selo Eldorado. Dele fazem parte "Olorum Ni Dare" (Deus É Harmonia), "Imo" (Conhecimento) e mais oito composições próprias. Não faltam os vocais superpostos, baixos e guitarras em dobro e a compatibilidade das baterias acústica e eletrônica conferindo peso a um som hiperdançante destes bons adeptos de Mama Africa.

*Quem pensava que o rock de Brasília havia parado em Legião, Plebe e Capital se enganou. **Votkana** — o nome original de uma flor amarela que brota do lixo — veio na rapidez a primeira banda brasiliense de thrash metal de que se tem notícia no Brasil. Formada no ano ano por **Marielle** (vocal, ex-Escola de Escândalo), **Débora** (bateria, ex-Detrito Federal), **Mila** (baixo, também ex-Detrito) e **Karla** (guitarra, ex-Falange do Medo), o quarteto se transformou na nova coqueluche inquieta do Planalto e tem levado mais de trezentas pessoas a seus shows. A tensão se estende até o Sul Maravilha, onde conquistaram a simpatia do selo Eldorado que os contratou, e de Max (vocal e guitarra do Sebaltiara e João (vocal do Rato de Porão), produtores do primeiro vinil das garotas.*

Região Abissal é formado por **Gilberto** e **Cri Cri** (DJs) **Guzula** (MC), e **Marcelo** (teclados). Traduzindo: é uma das mais recentes bandas de hip hop paulista e a primeira a gravar um LP individual: *Hip Rap Hop*. Eles introduziram o estilo no tradicional mosaico cultural de um dos mais famosos bairros de São Paulo, o Bixiga, rico pela sua boemia, samba da Vai-Vai e pagode, além de reduto da colônia italiana. Até hoje o Região se pergunta por que montou uma "banda" em vez de seguir o time tradicional do estilo — um DJ e um MC — embora saibam muito bem a que vieram — para multiplicar a cultura de rua, característica maior do rap: tirar o menor abandonado da letargia e substituir os 38 pelos três-em-um, perfeitamente adaptáveis à técnica do scratch. Mas essas boas intenções esbarram em algumas dificuldades: "A rua é um lugar violento. Já aconteceu de eu estar andando por ela e um mulher olhar assustada para mim, ou um outro cara, fechando o vidro do carro quando atravesso... Acho que é por isso que o rap não se difunde na mata, porque são os marginais que estão fazendo, os moleques de rua. Lá fora eles tem a mesma origem e lotam estádios. É assustador, mas é uma arte que veio para ficar. Se acabar, eu monto meu equipamento na rua e convido os grupos para tocar", diz Gilberto, que junto com o Região se propõe a fazer pesquisas na área da eletrônica musical e trabalhar com a soul music e o funk — menos barulhento, sem deixar de ser contundente.





O *Dama Xoc tem arriscado sua programação no meio da semana com bandas iniciantes ou pouco conhecidas, apesar de muito espaço para tanto. A grande surpresa do homem-bicho abrilhanta foi o* **Fabrica Fagus**, *que deu um banho de dança e swingue, misturando inusitadamente brasuca — como repente, baião e samba — às guitarras pesadas e nervosas de* **Marcio Werneck**. *Na linha de frente, a festa ficou por conta de* **Will Robson** *(vocal). O tempero já consagrado há dois anos pelo underground paulista ganhou sabor com as participações especiais de* **DJ Hum, Thaide e MC Jack; Bocato, Monica Dorta e D. Pedro** *nos metais,* **Gerson**, *da Nação Zulu e* **Eugenio C.**, *ambos na dança. Além destas, deram brilho as presenças constantes de* **Beto Firmino** *(teclados e voz),* **Fernando Bastos** *(sax),* **Miguel e Lagerinho** *(percussão). Os veteranos que completam a formação do Fabrica são,* **Marcos Kuru** *(baixo) e* **Fabio Scattone** *(bateria).*

Menos entusiasmada foi a estréia do **Silvia James**, *que conseguiu arrastar mais de setecentos convidados para o Dama Xoc. Apesar dos insistentes apelos dos bateristas* **Carlo e Pablo** *chamando seu público à farra, não receberam uma resposta à altura. Eles iniciam carreira sob uma tecnologia de fazer inveja ao estúdio RPM, com um computador comandando drum machine e os teclados, mas duas baterias "tradicionais". O resultado, porém, trilha o caminho perigoso do tecnopop inglês. Destaque para a cozinha, com a dupla de bateristas que ainda pode render algum caldo.*

General Câmara vem de Santos (SP) e afirma: "Não cantamos o turismo da cidade e a pseudobeleza de suas praias, mas sim o que pode acontecer em qualquer zona portuária do mundo". Eles ensaiam próximos à General Câmara, rua principal do porto de Santos, e se influenciam pelo seu dia-a-dia e personagens, como o "China da pastelaria, os travestis e as meretrizes". Sobreviventes das bandas Mig 19 e Sombras da Noite (da qual fez parte **Tatiana Barros**, ex-Gang 90 desde a época do lendário Julio Barroso), **Wagner Ferrari** (baixo), **Marcelo Marreco** (guitarra), **João Eduardo** (vocal), **Sandra Filomena** (vocal) e **Marcos Scakvzfka** (bateria) preparam o lançamento do primeiro vinil, produzido por **Edgard Scandurra**. Também editam um videoclip da música "Polícia", com produção de Tatiana, Maira e Gigi. Frequentadores das casas noturnas paulistas, como Madame Satã e Retrô, além de aparições em programas da TV Gazeta e Cultura de São Paulo, tem ainda o aval de seu próprio público, que não poupa uma subida de serra para assistir aos shows da banda na capital. E, se Scandurra é um dos padrinhos, não é difícil adivinhar por onde caminha o som do General: rock de garagem, mesclando guitarras pesadas com funk. Raul Seixas e funks ligeiros.

O *Os Replicantes acabam de lançar seu segundo vídeo-show num clima totalmente* on the road. *A fita traz a banda em espetáculo que vai desde uma praia do Guarujá (SP) até o presídio de Jarau no Rio Grande do Sul. De quebra, ponham o vídeo clips das faixas "Festa Punk", "Hippie-Punk-Rap-nesh", "Tom e Jerry" e "Só Mais uma Chance". Interessados podem solicitar a fita pela Invidro Produções, av. Lageado, 776, - Porto Alegre (RS), ou pelo fone (0512) 31 3022 — o mesmo da Vortex. Esta, por sua vez, lança mais dois K 7s — um de* **Os Obsoletos**, *banda do ex-Cascavelette* **Frank Jorge** *(também Grafo rreu Xdarmonicas), e um de* **A Grande Sacanagem**, *uma coletânea do que de melhor foi feito no gênero por bandas do sul, indo da antológica* **Urubu Rei** *à novíssima* **Barata Oriental**.

AMBITIOUS LOVERS

Eis que chegou ao Brasil a dupla Ambitious Lovers, sob a egide do "vanguardismo". Mesmo sem incentivar o rótulo, eles foram saudados como "a ponta de lança da vanguarda nova iorquina". Na verdade, a mais prudente tradução para a sua música seria pop/funk recheado de MPB com lampejos experimentais. Aos que chamam isso de vanguarda é bom lembrar que essa história é velha — até o Byrne, anos atrás, já misturava sonoridades do mundo afora. Porém, eles não fazem feio principalmente se for considerado o caráter diletante dos bem intencionados rapazes. E, sobretudo, as participações especiais anunciadas de Paulinho da Viola e Caetano Veloso não eram nada desprezíveis.

O local escolhido é o Canecão, com sua entrada transformada em tempo modernoso. A plateia, em grande parte formada por músicos e artistas em geral, aloja-se confortavelmente em suas mesas, e já de saída, ensaia vivos e aplausos que permeariam toda a apresentação. No palco, mesmo com seu ar *gauche*, Arto Lindsay não se intimida por sua voz fraca. Ao contrário, tira partido disso, ora cantando como se esconjura alguém, num tom esganiçado, ora fluindo calmamente, próximo à fala mansa dos bossa-novistas. A mesma inquietação caracteriza sua guitarra, distorcida em exatas intervenções. Desestruturante. Em contraponto, o parceiro Peter Scherer faz bom uso de sua formação clássica nos teclados, tecendo climas e preenchendo vazios (que falta faz a guitarra de Vernon Reid!).

O sangue só ferve mesmo na seção rítmica, conduzida pelo baixo de Melvin Gibbs, a bateria de Tom Lewis e, em destaque, a percussão de Giro Baptista. Completando a banda, o backing vocal da saracoteante D.K. Dyson.

O repertório traz várias músicas do último LP *Greed*, começando pela empolgante "Copy Me" (incluída nos shows mais recentes de Caetano), passando pela bossa de "It Only Has to Happen Once", o samba-canção em "Caso" e selando com "Love Overlap". Todas executadas com arranjos semelhantes aos do disco, assim como a ultrapop "Let's Be Adult" e os fragmentos experimentalistas de "Too Many Maniacs", ambas de *Envy*, o vinil de 1984, do qual ficou faltando o curioso "Pagode Americano".

As homenagens foram surgindo aos poucos. "O Malandro", de Chico Buarque, vira um dos pontos altos da noite na esforçada interpretação de Arto. Mais adiante, Paulinho da Viola — simples e sofisticado, a um só tempo — comparece com violão e voz em dois grandes momentos: "Para Não Contrariar Você", que teve uma versão em *Greed*, e "Com que Roupa?", de Noel Rosa, com direito ao canto elegante de Arto (lembrando o de Jards Macalé) e o coninho de D.K. Dyson. A Caetano — que teve seu LP *Estrangeiro* produzido por Lindsay e Scherer — foi reservado o final. Além da memorável "Coração Vagabundo", apresentou as inéditas "Jasper", cantada em inglês com flertes orientais, e "Os Outros Românticos", cuja letra — com citação indireta ao cineasta Wim Wenders e Nick Cave, sobre os menores abandonados — foi lida por Arto, em inglês, como se fosse um panfleto.

A plateia, a princípio curiosa, caiu surpresa ao descobrir a porção brasileira da banda e, por fim, rendeu-se aos apelos ufanistas. Em suma: fizeram valer o velho ditado: "santo de casa não faz milagres", num show para turistas e não-puristas.

EDUARDO CALDAS

GUANA BATZ

Rockers de casaco de couro e topete rockabilly transformaram o Projeto SP num set de Jim Jarmusch — em seu último filme, *Mystery Train*, o diretor americano focaliza a paixão de um casal japonês por Elvis Presley. O contexto do espetáculo: uma banda inglesa tocando para brasileiros o supra-sumo da cultura americana. Isto dá tese de comunicação de massa. Isto dá muito calor na garotada.

A senha para o início da farra é o tema da famosa série de marionetes e brinquedinhos futuristas dos anos 60, os *Thunderbirds*, a composição mais assobiável de toda a trilha de programas juvenis da era de ouro da TV, que perde em popularidade apenas para a trilha de Batman, por sinal, executada pela banda na metade do show.

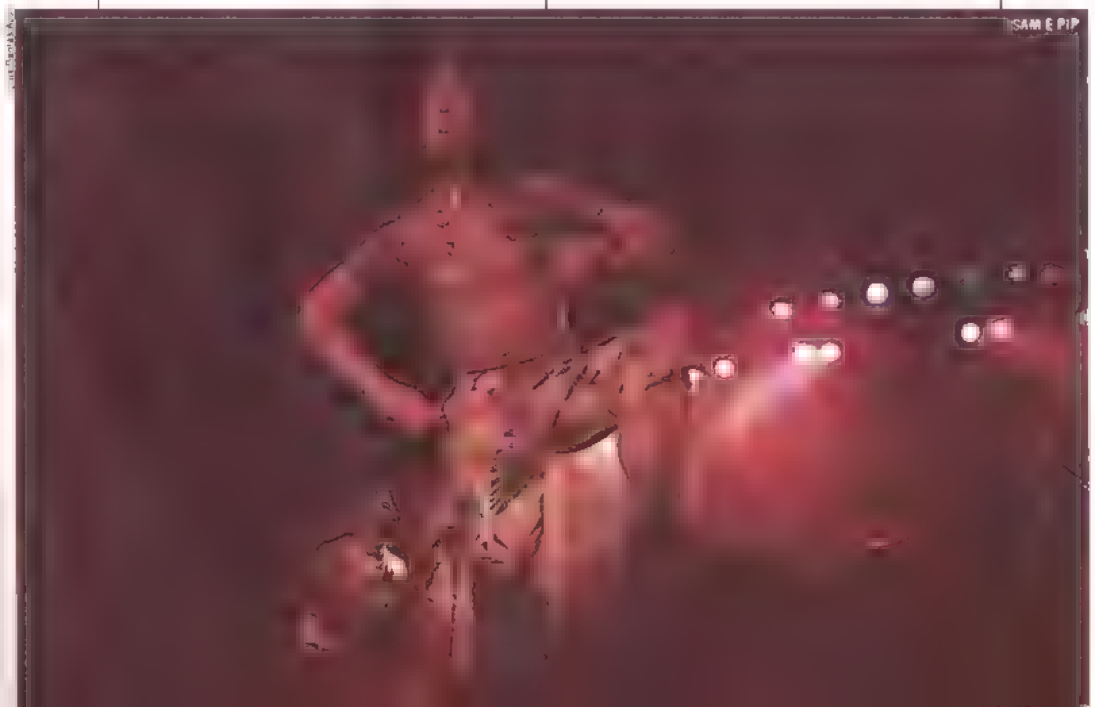
O vocalista Pip entra no palco sem camisa, faz uma série de caretas, urra, rosna e interrompe seguidamente o repertório, baseado em covers e faixas dos LPs *Live Over London* (1987) e *Rough Edge* (1986), para se secar do suor que encharca suas flores tatuadas pelo corpo. Stu introduz uma coreografia rockabilly e maltrata sua guitarra semi-acústica na tradição de Eddie Cochran. Sam toca um baixo acústico maior que seu corpo gorduroso. O novo baterista, Johnny, faz o som ficar quadradinho. E o público roqueira rola sem parar!

Um pouco de enciclopedismo: o Guana Batz surgiu em 1982, no auge do período de ressurreição do rockabilly, detonado por Stray Cats e Cramps na trama da new wave. Pip e Stu tinham apenas 17 anos quando começaram a colocar em vinil os sons tirados em suas garagens, no bairro londrino de Feltham, seguindo o caminho já trilhado por Meteors, Sting-Rays, Gun Club e uma dezena de outros grupos psychobilhes (contração dos termos rockabilly e psicótico), a maioria já extinta. O estilo nunca contou com o apoio da mídia, mas possui um público fidelíssimo, a ponto de ter uma legião de fãs entre skaustas, skins e billies nacionais. Aos 24 anos (em média), os rapazes do Guana Batz são remanescentes da explosão psycho, com quatro LPs na bagagem e músicas repletas de referências aos quadrinhos, horror e delinquência generalizada.

A fórmula para ganhar o público é inabalável: um arsenal de covers escolhidas a dedo, no melhor estilo *jukebox* dourado. Por dez quilos de moedas, a garotada aos pés do palco dançou "Batman Theme", de Neal Hefti, "No Particular Place to Go" e "Johnny B. Good", de Chuck Berry, e a musicada balada "Stand By Me", de Ben E. King, além das versões "oficiais" presentes no álbum *Live Over London*: "I'm on Fire", de Bruce Springsteen, "My Way", de Eddie Cochran, e "Rock This Town", dos Stray Cats.

Uma nota trágica seguiu o final do show quando dois rockabilhes morreram num acidente automobilístico, *à la* Eddie Cochran, alcoolizados e no volume máximo (ver Showbizz, BIZZ 48). Mas como o mundo continua girando, embalado em bourbon barato, em janeiro eles estarão de volta. Quem viver verá.

R. PASSO



Fotos Jorge Rapanotti/AgJ

NUCLEAR ASSAULT/SEPULTURA

Depois do furo do Kreator em março último, muitas dúvidas surgiram quanto à vinda do Nuclear Assault ao Brasil. Até uma semana antes do show, a moçada ainda não tinha muita fé. Isso por se tratar de uma produção de porte médio, sem grandes divulgações radiotelevisivas como a do Motorhead. Desta vez, a agitação ficou mais restrita ao cenário metálico, além de algumas costumeiras citações e entrevistas nos jornais de São Paulo.

Os contatos foram feitos pela recém-instalada Hurricane Management, indo de encontro aos interesses do Dama Xoc em ceder seu espaço para bandas internacionais de heavy. Sem dúvida uma ótima oportunidade para atrair um bom público, pois o NA tem dois discos lançados por aqui (*Brainderth* e *Game Over*) e é bem cotado pelos fãs de metal. Como banda de abertura, o convite foi obviamente para o Sepultura. Nada melhor para eles, porque na mesma semana estava saindo seu novo disco, *Beneath the Remains*.

Pouco antes das seis horas, o pessoal já se aglomerava na porta, que só iria se abrir às oito para os quase 1 500 presentes. Lá dentro, os seguranças começaram a ter os habituais problemas com os *stage divers*, ou os mergulhadores de palco, um fenômeno muito comum entre o público de thrash metal. O sábado prometia detonar.

Quando todo aquele gelo seco cobriu o palco, a insanidade veio à tona. O Sepultura abriu com a canção título de seu LP. Rapidez, peso e brutalidade: muitos de seus fãs com certeza tiveram orgasmos sonoros. A performance do grupo demonstra com clareza que eles passam atualmente por sua melhor fase. Max (guitarra base e vocal) possui uma presença segura no palco, reforçada pelos solos curtos e eficientes da guitarra de Andreas Kisser, adepto da escola de Steve Vai.

Parecia que a cada música a platéia entrava em frenesi. Em determinado momento de seu set, Max foi arrastado para a platéia, o que provocou uma espécie de batalha campal. Os seguranças tiveram muito trabalho para resgatá-lo com guitarra e tudo. Acabou voltando ao palco com apenas um pé do tênis. Logo após, Dan Lilker, ex-baixista do Anthrax, SOD e atual Nuclear Assault, entrou para tocar junto com a banda mineira numa jam memorável. Saíram sob os berros de bis da platéia.

Em seguida, após o intervalo e litros de cerveja, entra em cena o *headliner* da noite. Misturando o legítimo thrash nova-iorquino com bastante hardcore, o Nuclear abre a sua apresentação. O volume estava mais alto do que no show do Sepultura. Os mergulhos do palco aumentaram ainda mais, o que deixou o clima parecido aos shows internacionais. O vocalista (e também guitarra base), John Connelly, não parou um segundo. Os quatro caras tocam com o pique de quem já freqüentou muito os palcos da Europa e dos Estados Unidos. O tatuado Glen Evans conduz rápido e forte a bateria. O repertório foi bastante amplo com músicas de todos os seus LPs.

Embora tudo estivesse OK, a insistência com que os seguranças empurravam o pessoal que estava subindo no palco deixou John um tanto irritado. No final, ele partiu para cima de um deles, interrompendo o show por uns quinze minutos.

Fechando a noite com muita classe, tocaram "Good Times, Bad Times", do Led Zeppelin, numa versão pesadíssima. O Dama Xoc nunca mais será o mesmo.

THAÍDE/MC JACK/CÓDIGO 13

Fez frio no Rio na última sexta-feira de maio. Os garotos paulistanos Thaíde, MC Jack e os do Código 13 vieram à cidade no SP Express, um evento estacionado no Circo Voador. Na bagagem, eles traziam quase o esperado: vinte e poucos (urbanos vividos nas ruas de uma metrópole e a malandragem explícita de quem aprendeu a ler o vidro-verso dos edifícios deste fim de milênio. Só faltou o vício, o drible, a expansão. Está certo que meia casa — ou lona, como queiram — lembra logo meia bomba. Tudo bem que desse público, que mero compareceu, a maioria tenha chegado ao Circo com os ouvidos contaminados pelas FMs. Claro que estréia — MC Jack, a melhor estréia das apresentações, e Código 13 debutavam em palcos cariocas — é estréia. Mas fez frio demais no Rio, principalmente na Lapa.

O jogo é simples. Letras quilométricas, escritas em prosa, em cima de colagens e baterias eletrônicas pilotadas por um DJ. À sua frente, alguém pega o microfone e chama-se MC a alguma coisa. Simples e prático. São os novos mambembes, qualquer calçada é uma. É algo parente do *do it yourself* punk, colorido — no bom e apolítico sentido — de cultura negra americana. Só que na overdose de subestilos pop do tal fim de milênio, esses caras acabam fazendo do funk, fado. Um cara na platéia com camiseta do Exodus e cara de tédio resmungava: "Def Jam... Def Jam...". Nada por para um show de hip hop do que acabar na hora em que termina, sem que nada tivesse acontecido.

Código 13 deve querer dizer qualquer coisa como "façam o que eu digo mas não façam o que faço". A apresentação da banda não estava programada. Quando subiram ao palco, os dois MCs permaneceram estáticos por meia hora, conclamando o povo à dança... Talvez o próximo conseguisse esquentar a noite.

Quase. MC Jack chegou vestido como o único com pinta de pop star. Dominou o palco como um xerife domina a sua área. Botou um pouco de tesão na coisa. Cantou até um rap romântico e outro sociológico, onde perguntava "onde está o menino, um que — "essa história aconteceu mesmo" — dançou numa madrugada tão violenta quanto comum em São Paulo. Ou no Rio, ou em Los Angeles, ou Nova York..." Claro que aconteceu. Só que de boas intenções o inferno está cheio e não brota direto da verve adolescente alguma substância artística. Quanto ao vigor sonoro... Bem, o cara que resmungava já tinha sumido. Quem sabe agora.

Não. Thaíde, atilhado de Nasi Valadão, era a grande estrela da noite. Mas ao rapper faltou ira. Correu tudo de forma correta. Morna, mas correta. Uns quatro ou cinco dançarinos de break ungiam a cena. DJ Hum aumentava o som na caixa, mas a gente não quer só volume, quer volume e peso. Thaíde chegou a citar Tim Maia. Foi aí que deu saudades de algo mais consistente.

Pensando bem, logo no início da noite, o Código 13 cometeu um ato falho: "a gente quer fazer sucesso como qualquer pessoa mas não quer que nossa música seja coisa à toa". Vai ser difícil.

Beth Nogueira/AgJ

MARISA MONTE

Encerrando a sua primeira e bem-sucedida temporada baiana (quatro dias de casa cheia, ou seja, 1 750 pessoas por noite), Marisa Monte recebeu seu primeiro disco de ouro (o de platina foi entregue logo depois no Rio, na volta da turnê nordestina) e provou aos mais incrédulos de cá que, muito além de qualquer superexposição de hit incluído em novela global e bem estruturado marketing via Nelson Motta, ela faz totalmente jus ao sucesso que desfruta. Qual o segredo?

A principal característica da iniciante Marisa Monte é o ecletismo ao passar por vários compositores e estilos, com um inegável bom gosto e fascínio próprio. Na verdade, nisso não há nada de novo, mas desde quando entra cantando "Comida", dos Titãs, até encerrar com "Chocolate", do peso-pesado Tim Maia, a cantora mostra um bom repertório, banda e interpretações impecáveis, num espetáculo com direção de Paulo Moura, roteiro de Nelson Motta, cenário de Cláudio Torres e iluminação de Maneco Quinderew. Tudo se integra de tal maneira que em nenhum momento o show perde o ritmo. Pelo contrário, do clima *new balança* de cabaré de Tom Waits para "Temptation" ao bluesístico "Negro Gato", de Getúlio Cortes, tudo flui em harmonia zen.

O estilo "radical variado" de Marisa Monte mostra um novo sopro de vida na doente música popular brasileira onde suas principais cantoras (com raras exceções, das quais Marina é a melhor) adormeceram no berço esplêndido da falta de personalidade, perdidas em repertórios e posturas de anciãs precoces. Soprano de primeira, a cantora leva a plateia ao delírio em interpretações como "Sonhos" (Peninha), "Ensaboa" (Cartola), com citações de Beatles, Clementina, Bob Marley, Caetano Veloso e Alpha Blondy, "Não Vou Ficar" (Tim Maia) ou "Lendas das Sereias" do trio Vicente/Dino/Veloso.

Fazendo de cada canção um exercício para a não linearidade vocal, Marisa harmoniza a sofisticação e o pop, antigo e contemporâneo, numa tradução de todas as suas influências. Por isso, o público baiano correspondeu, fez festa e entendeu que não estava diante de uma artista madura e experiente, mas sim celebrando o novo que foge do moderno para tornar-se contemporâneo, ou seja exatamente aquilo que a chamada MPB perdeu em termos de força e vitalidade nesta década. E entre conversas, Marisa sabe muito bem que "tudo é brincadeira e verdade" e que toda unanimidade é burra.

AO VIVO

ESTE PRESENTE VAI FICAR NA HISTÓRIA.

A revista SEMANARIO traz para você, inteiramente grátis, a coleção mais vendida em toda Europa e América Latina: *HISTÓRIA UNIVERSAL*, de *Carl Grimberg*.

Coleção HISTÓRIA UNIVERSAL é um presente da revista SEMANÁRIO que não pode faltar em sua estante.
São 36 volumes, que vão da Pré-História aos dias de hoje, passando por todos os episódios importantes da história da humanidade. Uma fonte permanente de consulta e conhecimento indispensável para estudantes de qualquer idade.
Escrita por Carl Grimberg, um dos mais respeitados historiadores suecos, HISTÓRIA UNIVERSAL foi lançada com sucesso absoluto em mais de 20 países. Agora é a sua vez.
Todo semana, junto com seu exemplar de SEMANÁRIO você vai levar um livro imediatamente. E ao completar os 36 volumes da coleção. Aproveite essa oportunidade histórica.

GRÁTIS
COM SUA REVISTA semanário NAS BANCAS

TOM TOM CLUB

Enquanto os Talking Heads não dão as caras, Tina Weymouth e Chris Frantz estão botando o Tom Tom Club na estrada novamente. Desta vez, eles se uniram ao guitarrista Mark Roule, ao tecladista Gary Pozner e a duas backings vocals. O clube The World não estava exatamente lotado, mas o clima estava quente como o verão que se aproxima por aqui. O Tom Tom está em outra forma: Tina mostrou que está tocando melhor e sua performance foi incrível, enquanto Chris deu uma de anfitrião, conversando com a platéia. Mark e Gary ainda não perderam aquele olhar de "estamos-tocando-com-dois-talking-heads", mas são excelentes músicos.

Eles vieram todos de preto, abrindo com "Little Eva" e "Genius of Love", o hit máximo da banda, que teve direito a um solo de *talking drum* de Gary, muito suor e ta de começo sacudiu o público. "Don't Say No", o primeiro compacto lançado com nova formação, fez Tina botar as manguinhas de fora, pulando, agitando e ensaiando um strip. Seguiram-se as canções dançantes "Wa Wa Dance", "Kiss Me When I Get Back", "Cal of the Wild", todas a *la* disco-funk com um inegável sotaque Talking Heads, que fizeram a casa tremer.

"Suboceana", do novo LP *Boom Boom Chic Boom Boom*, fez Tina perder a compostura novamente, balançando seus cabelos loiros pelo palco e "Words Rappinghood" só serviu para aguçar mais ainda a moçada. Enquanto isso, as duas backings gostosinhas se divertiam com os elogios muito duvidosos da turma do gargarejo. O melhor de tudo foi o bis, uma cover arrasante de "Femme Fatale", clássico do Velvet Underground, e "Psycho Killer", uma pérola dos TH, quando só se ouvia o público cantando com a banda de fundo puxando o coro. Foi sensacional! Pena que não voltaram para um segundo bis, pois a garotada urrava e batia os pés feito louca.

É incrível como uma banda tão irregular como o Tom Tom Club, que se reúne esporadicamente nas folgas dos TH, dê tão certo. E é difícil saber até que ponto seu sucesso se deve ao fato de possuir dois membros desta banda. Porem, uma coisa é certa: a garotada nova-iorquina adora a banda de Tina e Chris. Se Talking Heads é mais "paulista", Tom Tom Club é "carioca". E uma festa.

ALEXANDRE PAPADOPOL

LETRAS, LETRAS, LETRAS, LETRAS, E MAIS LETRAS.

PET SHOP BOYS - GEORGE MICHAEL MIKE + THE MECHANICS - A-HA - WATERBOYS - WILL TO POWER - GUNS N' ROSES - MADONNA - DURAN DURAN - BON JOVI - FINE YOUNG CANNIBALS - U 2 - MORRISSEY - SIMPLY RED - PAUL McCARTNEY - SIOUXSIE

NAS BANCAS.

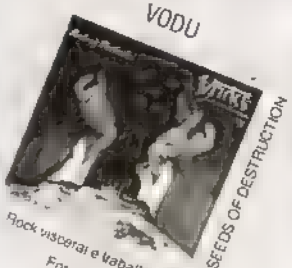
ISSO SIM É ROCK!!

MOTORHEAD

ROCK'N'ROLL

Cobrando o sucesso de sua tour no Brasil

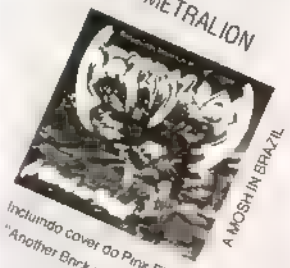
VODU



SEEDS OF DESTRUCTION

Rock visceral e trabalhado. For export.

METRALION



A MOSH IN BRAZIL

Incluindo cover do Pink Floyd "Another Brick in the Wall"

PREÇO DE CADA LP NCz$ 12.00

PACOTE PROMOCIONAL COM OS 3 LP'S NCz$ 30.00

Preços válidos até 10/09/89. Postagem incluída.

Para comprar e receber seu disco em casa, basta enviar um vale postal em nome de Editora Rock Brigade Ltda., R. Fernando de Albuquerque, 171 – Consolação – São Paulo / SP – CEP 01309, pagável na agência do correio Haddock Lobo, código nº 400.017, CEP 01499. Favor especificar por carta os itens que estão sendo solicitados pelo respectivo vale.

ARTISTAS EXCLUSIVOS

ROCK BRIGADE RECORDS

BRIAN SETZER

STRAY CATS

Garotos suburbanos em seus blusões de couro tomaram conta do novo Ritz para o primeiro show dos Stray Cats em Nova York após o lançamento do LP *Blast Off*. A banda Lucky 7 abriu a noite: nada a destacar em seu rock sulista, apenas a utilização de um acordeon à *la cajun*, no estilo de Nova Orleans. Entre um show e outro, vídeos pipocavam em um telão improvisado, mas ninguém dançava: havia uma certa expectativa, uma saudade destes garotos pelos gatos de rua: Brian Setzer, o Sr. Rockabilly — Slim Jim Phantom e Lee Rocker.

"Everybody Needs Rock n Roll" abriu o show com Slim Phantom tocando bateria em pé e Lee Rocker rodopiando o baixo no seu melhor estilo *cool cat*, seguida de "Gene and Eddie" e "Blast Off", está um rockabilly a 100 por hora. "Let's prove that rockabilly is still alive", cuspiu Setzer e foi a vez de "Stray Cat Strut", que chacoalhou o Ritz. "Gina", um rock romântico com toque country deu aquela pausa para baixar a poeira e seguiram-se "Nine Lives", "Rock This Town" (outro sucesso da banda), "Bring It Back Again", e "She's Something Else", de Eddie Cochran, fechando o show. Os três foram à loucura, subindo pelas caixas de som, Lee Rocker carregando o baixo nas costas e Setzer solando riffs de guitarra sobre a platéia. Primeiro bis: "Rockabilly Rules". A garotada irrequieta pedia mais, o segundo bis trouxe "Baby Blue Eyes" e "Runaway Boys".

Os Stray Cats vieram dispostos a provar que topetes, tatuagens e um suado rockabilly ainda colam. Tudo bem. Brian Setzer é um guitarrista sensacional, Slim Jim Phantom é competente, seguro e engraçado e Lee Rocker é excelente. A banda está no melhor estilo que fez dos Stray Cats um tremendo sucesso anos atrás. Os fanáticos até podem engolir essa nova fase, mas a impressão final é a do "já foi melhor". Era uma vez...

PIXIES

Nunca vi o Town and Country Club tão cheio. Até as escadas estão lotadas e a expectativa é quase insuportável. Muita gente viu os Pixies em sua passagem por Londres no ano passado, quando abriram os shows para o Throwing Muses e literalmente roubaram a cena. Desta vez, porém, é diferente. Com o lançamento de seu segundo LP, *Doolittle*, os Pixies chegaram a alturas inimagináveis. Como me disse alguém da gravadora 4AD outro dia, eles ainda estão tentando se acostumar com este fenômeno chamado sucesso.

O sucesso é merecido. *Doolittle* é um dos melhores discos da década. É difícil dizer o que torna esta banda tão especial: suas músicas têm estruturas assustadoramente simples, o baixo é limpo e clássico, os refrões, fáceis e assobiáveis. Uma música como "Here Comes Your Man", por exemplo, é quase engraçadinha. Eles têm a fórmula e a usam... Mas alguém jogou uma pitada de veneno na receita, dando a ela um sabor especial e distinguindo-a de tantas outras bandas que saem em busca do pop perfeito.

Os Wolfgang Press, colegas de gravadora dos Pixies, abrem o show. O cantor, com cabelo *à la* John Lydon e movimentos de palco dignos de Nick Cave, lembra mesmo é Tom Jones. Deve ser o terno. Musicalmente, eles são ao mesmo tempo profundamente sérios e dançantes.

Os Pixies chegam, em meio ao gelo seco, de camiseta e jeans, e não perdem tempo conversando com a platéia. A única coisa a fazer é bater palmas e gritar... Há um mês que não ouço nada além de Pixies, e acho que não sou a única viciada presente. Os Pixies grudam no cérebro e não largam mais.

Quando eles atacam com "Debaser", fico imaginando como uma voz dessas sai do corpo de Black Francis. Ele é o popstar mais improvável que já vi, e seu grito maníaco deixa os cabelos em pé. "I Bleed" tem a combinação perfeita da voz doce da baixista Kim Deal com a calma acústica de Francis: "Internamente eu sou um sino louco / Por trás de meu sorriso / Ele chacoalha meus dentes / E o tempo todo / Enquanto os vampiros se alimentam / Eu sangro". "Wave of Mutilation", "Ed is Dead", "Monkey Gone to Heaven", "Break My Body", "Mr. Grieves" e "Crackity Jones" viram pauleira. As guitarras ficam cada vez mais ferozes, o público vai enlouquecendo e subindo no palco e os Pixies nos levando ao céu. Mal dá para acreditar que, ao vivo, eles conseguem ser ainda melhores que em disco. "Hey", por exemplo, é uma das melhores músicas do *Doolittle*, mas ao vivo ela se torna uma das melhores músicas jamais escritas ou tocadas: a voz de Francis fica mais crua, mais primitiva e ao mesmo tempo sofisticada.

A esta altura, eles poderiam até tocar "Jingle Bells" que todos aplaudiriam de pé, mas soam os últimos acordes de "In Heaven" e nos preparamos para viver com as memórias desta noite. E com a pergunta: por que esta banda é tão brilhante? Como tudo que é bom, os Pixies ainda são um mistério para mim.

A 89 FM FAZ AS OUTRAS RÁDIOS FICAREM COM ESTA CARA.

Nós da 89 FM achamos que mais importante do que o primeiro lugar de audiência, é manter a qualidade de nossa programação musical, do nosso jornalismo e de nossas promoções. Nascemos jovens, audaciosos e corajosos e pretendemos continuar assim. Nossa briga é a mesma que a sua. Queremos São Paulo mais verde, mais limpa, mais jovem e principalmente mais bem humorada.

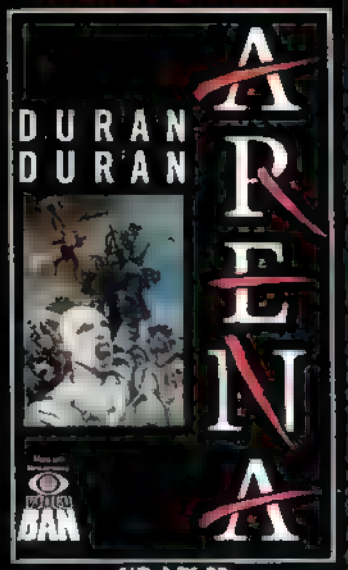
89 FM

89 FM A ÚNICA RÁDIO EM SÃO PAULO QUE TEM A SUA CARA

AGORA VOCÊ VAI DANÇAR!!

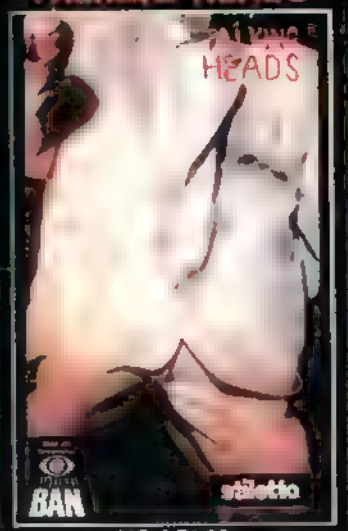
... CHEGARAM OS MUSICAIS DA VÍDEOBAN

DURAN DURAN



NCz$ 71,00

TALKING HEADS



NCz$ 71,00

TOP HITS

NCz$ 67,00

PETSHOP BOYS

NCz$ 67,00

Preencha e envie este cupom com cheque nominal à

DISCOVIDEO FONOGRÁFICA LTDA

Quant	Filmes (VHS)	Preço
	Total	

Preencha em letra de forma ou à máquina

Nome _____

Endereço _____ CEP: _____

Cidade _____ Est. _____

Assinatura _____

Este cupom é válido somente até o dia 31.08.89

Mais um lançamento

BAN

stiletto

DISCOVIDEO FONOGRÁFICA
R. Pinheiros, 20 — 7º and.
05422 — Pinheiros — SP
TELS. (011) 282-0945/883-709
TELEX. (11) 36550

LIFE'S TOO GOOD — SUGARCUBES (ONE LITTLE IND AN WEA)

Fogo e água: é o embate desses dois princípios antagônicos que garante as principais características de um lugar onde não é difícil se imaginar cenário do desenrolar de um capítulo desconhecido do Gênese. Como prova disso, lá estão o maior vulcão e a maior geleira da Europa. E também os gêiseres sulfurosos, as baleias, os lagos de lodo, o sol da meia-noite e as fissuras que deixam à mostra as próprias entranhas da Terra.

Lunar, infernal ou jurassiana (foi a partir da cratera apagada do vulcão Sneffelsjokull que os heróis do romance *Viagem ao Centro da Terra* deram início à sua jornada), de qualquer forma uma coisa é certa: a paisagem da Islândia revela-se aos nossos sentidos simultaneamente exótica, severa e grandiosa. Assim como a música dos Sugarcubes, o mais requisitado produto de exportação do bloco escandinavo desde o bacalhau.

Os motivos de tamanha excitação são diversos, mas não resta dúvida de que o principal é uma minúscula valquíria chamada Björk Gudmundsdottir. Sangue de esquimós e vikings nas veias, olhinhos amendoados impregnados de mistério e uma tatuagem rúnica sobre o ombro, a diva do Sugarcubes desencadeou uma erupção libidinal quando desembarcou em Londres com seus companheiros — Einar Orn (voz e trompete de bolso), Thor (guitarra), Bragi (baixo) e Siggi Tryggur (bateria) —, em 1987. Em poucos meses, toda a Europa quedou-se de joelhos diante deles. Não foi preciso mais que três compactos — "Birthday", "Cold Sweat" e "Deus" — para que seus rostos aparecessem impressos nas capas das melhores publicações especializadas do planeta. Em abril de 1988, o álbum *Life's Too Good* estourou nas paradas com uma vendagem astronômica, chegando ao ponto de assustar os próprios músicos, que reso veram cancelar momentaneamente o lançamento do disco em vários países, inclusive no Brasil.

Decorrido mais de um ano e com a banda já dona da situação, podemos nos deliciar finalmente com *Life's Too Good*. Na capa, duas caratujas de seres humanos com os genitais expostos parecem dançar ao leu

A vida é boa demais." Será? , A ironia é apenas uma das facetas dos Sugarcubes. Tão insular quanto a própria Islândia, o grupo opta na maioria das vezes por uma narrativa semiteatral, com Björk e Einar emprestando vozes a múltiplos personagens, que volta e meia introduzem diferentes perspectivas aos temas. Aliás, poucas vezes se viu uma obra tão pródiga em contrastes. Ao longo de onze faixas, nos deparamos com o sublime e o ridículo, o narcisismo intelectual e a dissolução do ego, a lucidez e a danação. Decoremas praticamente imponderáveis, sim, mas que via Sugarcubes surgem inequivocamente pop.

Daí não é de se estranhar que "Fucking in Rhythm & Sorrow" aborde o suicídio numa levada rockabilly, a um passo da paródia. Ou que em "Motorcrash", uma melodia digna do "padrão Abba" sirva de fundo para uma colisão que suscita o absurdo da condição humana. Mas nem tudo do Sugarcubes resvala no surreal: "Mama" — o grito angustiado de alguém (provavelmente todos nós) que clama pela volta ao seio materno — foi feita a partir do mesmo material telúrico com que os Cocteau Twins desfecharam "Garlands". Assim como "Cold Sweat", "Deus" e "Take Some Petrol Darling" — uma das duas faixas extras presentes na edição americana —, vinheta vociferada aos céus em irandês. Lembrando os seus antepassados navegantes, os Sugarcubes lançam-se, em *Life's Too Good* num desafio aos elementos, oscilando entre o fácil naufrágio e a frágil sobrevivência, na tentativa quase suicida de lançar dados entre o acaso e o nada.

ORANGES & LEMONS — XTC (Virgin/EMI-Odeon)

Este é o disco que os fãs dos Beatles esperam há vinte anos. O autor desta façanha, o XTC, é um grupo que nasceu em 1977 das mãos de dois compositores excêntricos: Andy Partridge (teclados, guitarra-ritmo) e Colin Moulding (baixo), em Swindon (120 km a oeste de Londres).

Apreciadas pela crítica, mas sofisticadas demais para ter um apelo efetivamente popular, as músicas dos nove LPs anteriores do XTC raramente escalaram a parada inglesa. Este relativo insucesso sempre ameaçou a sobrevivência da banda, que experimentou inúmeros remanejamentos até chegar à atual formação: um trio formado por Dave Gregory (guitarra, teclados) e contando com Pat Mastelotto como baterista convidado. O XTC, que abandonou os palcos em 1982 por causa de uma fobia de Partridge (que criou outra banda paralela, The Dukes of Stratosphear, em 1985), teve o seu primeiro sucesso efetivo em 1987, com o LP *Skylarking* (o precedente) e mesmo assim apenas nos EUA.

"Você pode fazer muito mais coisas com um pênis do que com uma guitarra", afirmou Partridge em recente entrevista para a revista *Rolling Stone*. Era para explicar a importância crescente de seus filhos em sua vida particular e como fonte de criação da maioria das quinze músicas do álbum duplo *Oranges & Lemons*. Mas a influência principal do XTC deve ser buscada na infância dos compositores, que cresceram ao som do rock psicodélico dos anos 60: Beatles, Small Faces, Kinks e Pink Floyd, primeira fase.

Oranges & Lemons restitui toda esta magia que muitos achavam perdida para sempre. Da primeira nota de "Garden of Earthly Delights" aos últimos acordes de "Chalkhills and Children", o psicodelismo está de volta em todo o seu esplendor, enriquecido por duas décadas de miscelânea de estilos e pela exatidão da programação eletrônica dos instrumentos. Está tudo ali, atualizado e sem nostalgia: a textura do som, o brilho dos instrumentos (principalmente as guitarras, de época), as rupturas inesperadas de tons e harmonias, compondo um todo de melodias ricas, otimistas e memoráveis. O álbum contém pelo menos meia dúzia de hits instantâneos, como "King for a Day" ou "Merely a Man". Puro prazer.

Jean Yves de Neufville

NOTHING'S SHOCKING — Jane's Addiction (Warner/WEA)

Este quarteto americano nasceu para anarquizar com os tons "revivalistas" presentes nas bandas contemporâneas. Com trejeitos idiossincráticos, eles deambulam pelas atmosferas cáusticas do heavy rock dos anos 70, flertam com a atmosfera psicodélica do final dos sixties, e mergulham em insólitas concepções de baladas. Mas, no fim das contas, soa mais como curiosidade do que como um bom disco: eles fazem, por exemplo, um som que parece com Alice Cooper soando como Wayne Hussey, ou então, Marc Bolan soando como o Love and Rockets. Em meio a isso, surgem letras que esboçam apologias à filosofia de sex, drugs and rock'n'roll. *F.N.*

PAPEL DE MAU — Os Replicantes (Plug/BMG-Ariola)

Com tantos grupos sendo dispensados pelo selo Plug, não deixa de ser surpreendente que o grupo gaúcho Replicantes tenha chegado ao terceiro LP. Fiel ao seu nome, o agora quinteto — vide a entrada de Luciana Tomasi nos teclados, percussão e backing vocals — reprisa a mesma gosma indistinta dos discos anteriores, entremeada por vocais monocórdicos e "achados poéticos" como os presentes em "Frankenstein Bonito" (pode-se "Da Lata"). Ironicamente a única faixa convincente deste LP é da dupla Flávio Santos (DeFalla) e Miranda (A Vingança de Montezuma): "Só Mais Uma Chance", um noise-hardcore de feitio similar à "L-Dopa", do finado grupo americano Big Black. *A.G.A.D.*

THE HEADLESS CHILDREN — W.A.S.P. (Capitol/EMI-Odeon)

Uma das bandas mais censuradas e criticadas durante os últimos anos está de volta com um LP de tonalidades políticas, falando de drogas, guerras e violência em geral. Os guitarristas Blackie Lawless (também vocalista) e Chris Holmes têm ainda Johnny Rod para o baixo e na bateria foi convocado Frankie Banali (ex-Quiet Riot). Pelas interpretações de Lawless e pelo instrumental mais forte dá para dizer que é o melhor LP do W.A.S.P., mesmo que isso não signifique muito. *L.R.*

PERFECT MACHINE — Herbie Hancock (CBS)

Em seu terceiro álbum em co-produção com o núcleo musical do Material, de Bill Laswell, o eclético Herbie Hancock enveredou novamente pelo tecnofunk. E neste trajeto, ao contrário da maioria dos músicos de jazz e jazz-rock que arriscaram incursões pelo som dançante, ele conseguiu demonstrar seu brilhantismo, tanto na escolha de timbres como na condução de seus múltiplos teclados. Tendo como atrações extras o baixista William "Bootsy" Collins e o veterano Leroy "Sugarfoot" Bonner nos vocais, este LP traz como destaques o funk rasgado de "Vibe Again" e a revisitação eletrônica de um clássico tema de Herbie ("Maiden Voyage/P Bop"). *C.P.*

NEM NO SARÃO — Rubão Sabino (Retoque)

Reconhecido pela sua experiência como instrumentista, especialmente como integrante da banda de Gilberto Gil, Rubão Sabino optou pelo caminho usual dos baixistas em suas estréias solo: a demonstração de outros talentos ocultos pela dedicação às quatro cordas. Ele não deixa por menos — assina seis composições, sete arranjos e um solo de harmônica —, e dá generoso espaço para os amigos solarem. Mas o repertório é exclusivo para fãs extremados de fusion, com muita técnica aplicada na repetição dos mesmos clichês. *M.S.*

A NEW FLAME — Simply Red (Elektra/WEA)

Se em seus dois primeiros LPs o quinteto inglês, pontificado pela afinadíssima soul voice de Mick Hucknall (um ruivo decididamente negro), conseguiu espelhar alguns sensíveis lampejos de criatividade, nesta "nova chama" nasceu um tanto quanto apagada. A conveniência com acordes pasteurizados, que nos trabalhos anteriores ainda permanecia mais discreta, desta feita despontou de maneira brutal. Embora contando com o peculiar carisma dos vocais e com duas colaborações de Lamont Dozier — além da curiosa participação do guitarrista brasileiro Heitor TP —, as dez faixas desta "chama" soam como cinzas de uma ardente festa de soul e funk. *F.N.*

TOTAL DEVO — Devo (Enigma/SBK Songs)

Ausente por quatro anos, o Devo ressurgiu nos EUA em agosto de 1988 com o LP *Total Devo*. Neste ato, o grupo mudou de baterista (Alan Myers foi substituído pelo ex-Sparks David Kendricks), reciclou seu visual — à custa de uniformes que mais parecem ter saído da série *Perdidos nas Estrelas* —, mas manteve a visão cínica que o consagrou como uma das mais corrosivas formações pop do fim dos anos 70. Aqui, a banda chupa Elvis ("All Shook Up"), tira sarro na onda acid ("Man Turned Inside Out") e recoloca o humor D-evolucionário na ordem do dia. *A.G.C.D.*

CEMITÉRIO DE ELEFANTES

CEMITÉRIO DE ELEFANTES — Vários (Vinil Urbano)

Curitiba finalmente dá as caras. A capital paranaense deve ser a última de nossas grandes cidades a mostrar suas bandas. Beijo AA Força, que se deu bem no Rock Conexão Brasil em 1988, abre os dois lados do LP mas não estimula ninguém a ouvir as outras faixas. Cada lado do disco, talvez por sorteio, repete a mesma sequência de bandas — após o Beijo, entram Ídolos de Matinée (sem dúvida os piores), Boris Garotos Vão Para o Inferno, Pós Meridion e Tessália. Pelo jeito são todos para o céu, pois os garotos não são bons em nada. A exceção fica por conta do Pós Meridion em "Saudade", que mostra uma guitarra pesada e percussões criativas. Mas nenhuma dessas bandas contribuiu para que Curitiba entrasse no mapa. *C.M.*

THE TRINITY SESSION — Cowboy Junkies (RCA/BMG-Ariola)

Não bastassem o próprio Lou Reed ter louvado incondicionalmente a versão de sua "Sweet Jane" feita por este quarteto canadense e a aclamação unânime da imprensa musical em torno da estréia em vinil do grupo, ainda há outras surpresas em relação a *The Trinity Session*. Trata-se de um cassete editado pelo obscuro selo canadense Latente que foi lançado como um LP pela RCA ao contratar o grupo. Ao custo de duzentos dólares, a gravação foi feita em uma única sessão de quatorze horas, na igreja de Holy Trinity em Toronto. Além dos Junkies — o guitarrista Michael Timmins, sua irmã Margo nos vocais e o irmão Peter na bateria, e o velho amigo Alan Anton no baixo —, a sessão também contou com músicos convidados na *pedal steel*, *slide guitar*, *fiddle*, gaita, acordeão e outros instrumentos. O resultado, realçado pela acústica ímpar do local de gravação, não poderia refletir de maneira mais fiel toda a suavidade do country blues minimal praticado pelos Junkies. Tendo à frente a voz límpida de Margo e as esparsas frases de guitarra e composições fortes de Michael (três em co-autoria com a irmã), eles emocionam não só com seu próprio material como também quando partem para as versões, dentre as quais se destaca — além da já citada "Sweet Jane" — a sensacional releitura de "I'm So Lonesome I Could Cry", de Hank Williams. *C.P.*

WHAT'S THAT NOISE — Coldcut (Big Life/Stiletto)/**ORIGINAL SOUNDTRACK — S'Express** (Rhythm King/Stiletto)/**FRONT BY FRONT — Front 242** (RRE/Stiletto)

De acordo com Matt Black, que, com Jonathan Moore, forma o Coldcut, *acid house* é uma linha de baixo de um sintetizador Roland. A dupla de DJs — que ganhou notoriedade por seus remixes de Yazz, James Brown e Eric B & Rakim, introduziu no mundo a Ofra Haza e lançou clichês como "This is a Journey Into Sound", — é expert em mixar sucesso com experimentação. Sua parafernália é baratíssima: velhos sintetizadores e os ubíquos gravadores Technics 1200. Mas o resultado é chapante. *What's That Noise*, seu segundo LP (contando *Out of Lunch*, uma coletânea de singles), é um caleidoscópio de samplers: da voz do Capitão da Enterprise de *Next Generation* aos gritos de Tarzan. "Stop this Thing" é a dinamite do LP, uma mistura de go-go e reggae, com vocal de Junior Reid, do Black Uhuru. Há ainda um remix de "Doctorin' the House", com Yazz, barulhinhos à Kraftwerk, funks pesados e uma incursão eletrônica pela voz envenenada de Mark E. Smith, líder do Fall, quem diria...

S'Express, a articulação do DJ londrino Mark Moore, é bem acessível. *Original Soundtrack*, seu LP de estréia, inclui os hits da redenção *acid*: "Theme from S'Express", com gemidinhos "fuck me off" sampleados do trio de *babes* que acompanha Mark, e "Superfly Guy", as melhores polegadas de vinil prensadas pelo grupo. O embalo é uma sucessão de clichês dos anos 70, redimidos historicamente como fontes de raros *grooves*.

Electronic bodymusic designa um estilo musical que o Front 242 realiza há seis anos, mas que só agora ganhou projeção. A música é mais atmosférica, uma sucessão de samplers, sem introdução, refrão marcado ou *breaks*. *Front by Front*, o novo e mais "pop" LP dos bastardos belgas, também traz ecos de *house* e *new beat* (a oscilação lentíssima de acordes graves que tomou a Europa). "Headmaster" é essencial, uma das dez mais dançantes dos *outsiders* permanentes, com direito a óculos escuros e porões com luzes estroboscópicas.

Esqueça que "discoteca" ganhou conotação de nome feio, ok? Estamos nos últimos minutos dos anos 80 e a música underground representativa deste final de década habita as crateras das pistas de dança. Então, abra as pernas e dance.

Marcel Plasse

D I S C O S

HOMELANDS — Ellis, Beggs & Howard (RCA BMG-Ariola)

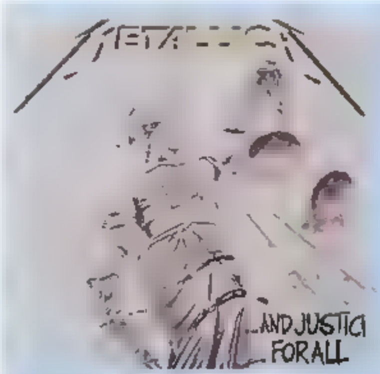
Apesar do nome lembrar um daqueles supergrupos dos anos 70, a sonoridade deste novo trio oriundo do norte de Londres está bem mais próxima de Prince e de toda sua escola funk-soul-rock da atualidade. Na esteira de seu último EP *Big Bubbles, No Trouble*, o EB&H gravou este LP no final do ano passado, onde rarefeitas ambiências criadas pelos teclados, um stick Chapman superswingado e a maleabilidade da voz "café-com-leite" do jamaicano Austin Howard, deixam claro quais são as maiores qualidades da banda. Por outro lado, arranjos previsíveis e a falta de material à altura de *Bubbles*... mostram que o EB&H ainda não deixou de ser só uma promessa. *A.G.C.D.*

INIMIGOS DO REI (Epic-CBS)

Socorro!" Depois do hit "Uma Barata Chamada Kafka" eis que surgem mais nove razões para que nem o velho Franz em sua cova nem nossos ouvidos possam descansar em paz. É a dezena de faixas do LP de estreia do grupo (?) carioca Inimigos do Rei, um amontoado de clichês musicais, trocadilhos idiotas e músicas com personagens não menos imbecis como "Mãe Vagabunda", "Apocalipse Joe" e "Suzy Intlavel" quando não descambam para a xerox descarada (como em "São Business", idêntica a "Nome aos Bois", dos Titãs. Como se não bastasse, ainda há uma versão de "You'll Be Illin, do Run D.M.C., intitulada "Adelante", com pérolas como "Adelante, minha ama paraguaia... Soltaste aquele 'pum' no elevador". É dose... *C.P.*

ANCIENT HEART — Tanita Tikaram (WEA)

Em termos de *new women* no pop, atualmente a coisa se processa da seguinte forma: se vem de selos *indie*, é quase certeza de qualidade, mas se despontam nas multis são sempre duvidosas. O caso de Tanita Tikaram fica exatamente no meio. Por um lado demonstra talento como letrista e, por outro, fica confinada a uma produção semipasteurizada, que depois de tantas Chapmans e Etheridges já tornou-se cansativa. Se ela dissipasse este ranço e ficasse, digamos, apenas com um violão, ou descolasse uma banda mais crua, poderia render muito mais. De qualquer forma, as onze composições do LP, plenas de influências de Van Morrison e Waterboys, são dignas de um certo respeito. *F.A.*



...AND JUSTICE FOR ALL — Metallica (Vertigo-PolyGram)

É o sétimo trabalho do Metallica (se contarmos os três LPs e os três EPs anteriores), tido como uma das mais fortes criações *power-thrash* (e derivados) vindas do oeste americano. Um petardo duplo, nove longos temas com muita garra e apuro. Nada de truques, concessões ao comercialismo ou muita pretensão.

Se, no LP anterior, *Master of Puppets*, a banda atacava traficantes e as ilusões da vida rock, aqui as letras debocham dos poderes existentes como já pode ser notado logo na capa onde Dona Justiça aparece toda atada e sendo arrancada de seu pedestal, enquanto muito dinheiro despenca da sua balança. A mentira, a hipocrisia e a descrença podem levar a humanidade ao fim na poderosa "Blackened". Na faixa título (e em quase todo conteúdo do álbum) a Justiça tarda e falha para os mais fracos ou sem poderes. A desonra e a discriminação estão em "The Shortest Straw". "Dyers Eve" aborda as censuras por que passa uma pessoa para ser moldada conforme quer uma sociedade, enquanto "One" é o melhor momento instrumental do álbum.

O falecido baixista Cliff Burton fez a letra de "To Love Is To Die" talvez prevendo o que lhe aconteceria. E assim, tema por tema, a banda trata de uma vivência agressiva e o som imposto pelo quarteto não deixa por menos, é tão agressivo quanto ela. Lars Ulrich está muito bem nos bumbos, com uma porrada firme, viradas e contratempos precisos. Kirk Hammett distorce, força e recorta os andamentos com seus solos de guitarra, sem se preocupar com rapidez ou com estilos predeterminados. Hetfield tem muito feeling em suas interpretações arrancadas do fundo da garganta de forma original para o tipo de letras que ele mesmo compõe quase todas para o grupo. Apenas o trabalho do baixista Newsted aparece menos, o que não diminui em nada a eficiência da banda.

Enfim, nada de comercialismo num LP tido como o menos acessível de sua carreira, mas que os leva cada vez mais perto do que pretendem. Os *bangers* deverão ouvir muito porque a peteca não caiu, o sucesso não lhes subiu à cabeça apesar dos problemas por que têm passado. Nada parece, por enquanto, derrubar o Metallica. Ainda bem. *Leopoldo Rey*

JUST BETWEEN US — Ray Charles (CBS)

Aos 58 anos de idade a voz do "pai do soul" envelheceu como um bom vinho, adquirindo timbres e matizes que todo cantor sonharia em possuir. Com este disco, ele retorna à sua forma, fiel ao que sempre fez. Sempre eclético na escolha de seu repertório, Ray Charles passeia com sua habitual desenvoltura por um repertório que engloba desde as raízes mais negras às mais brancas: blues, gospel, rhythm n'blues, country e baladas. O álbum não poderia começar melhor, com "Nothing Like a Hundred Miles", *soul ballad* de James Taylor, acompanhada pela guitarra de B.B. King e um coro gospel. A partir daí, segue-se um repertório que alterna o novo e o antigo, sempre com muita elegância. *J.F.N.*

A SALT WITH A DEADLY PEPA — Salt'n'Pepa (London-PolyGram)

Ao contrário de suas rivais britânicas Wee Papa Girl Rappers e Cookie Crew, o Salt'n'Pepa não faz concessões ao house. Nem precisam, tendo um hit como "Twist and Shout" prensado com chupões nas guitarras de Lennon e Harrison. Morram de inveja, Fat Boys! Elas têm *bass*, balanço e uma DJ mortal, Spinderella. Chupam Public Enemy ("I Like It Like That"), imitam Beastie Boys ("I Gotcha") e se divertem a valer. Sou o melhor grupo feminino de rap e não devem faltar em nenhuma festa. *M.P.*

LAND OF DREAMS — Randy Newman (Reprise-WEA)

Este compositor de Nova Orleans despontou como figura *cult* em idos de 1968, tendo ao longo de duas décadas erigido uma discografia menor mas realçada pela força de suas composições. Agora ele ressurge, depois de três anos de inatividade por motivos de saúde, neste irregular LP cujo mérito reside nas sete das doze faixas produzidas por Mark Knopfler. Mas, mesmo assim, sem o mesmo carisma de outrora. *C.P.*

MORE SONGS ABOUT BUILDINGS AND FOOD — Talking Heads (WEA)

Com o lançamento de seu segundo LP, a coleção de títulos disponíveis dos Heads no Brasil fica completa. Apesar de onze (!) anos de atraso, o disco conserva seu caráter inovador quase que inalterado. É o primeiro da produtiva colaboração entre Brian Eno e os Talking Heads, que ainda renderia mais dois trabalhos igualmente fundamentais, *Fear of Music* (1979) e *Remain in Light* (1980). *More Songs...* faz justamente a transição entre o rock sofisticado e inclassificável de '77 e a viagem rítmica pelo terceiro mundo do terceiro e quarto LPs.

Já se tornou o clichê dos clichês dizer que o som dos Heads é feito para a cabeça e para os pés. O diabo é que não existe definição melhor para uma música que é, ao mesmo tempo, cerebral e dançante. Cada vez mais, eles incorporam elementos decididamente funkies que servem de contraponto perfeito para o refinamento dos arranjos e da produção de Eno. Ainda que a experimentação com os ritmos tenha ousado mais nos discos subsequentes, aqui o estilo se delineia. Os vocais nervosos e algo hesitantes de Byrne contrastam com a exuberância percussiva, criando uma sonoridade única, estranha e pop que extrapola a economia musical do primeiro álbum dos Heads, lançando a música do grupo para outras paisagens musicais.

A capacidade de soar simultaneamente elaborado e simples, acessível mas cheio de sutilezas para os ouvidos atentos, criaram um lugar especialíssimo para a banda novaiorquina no mundo pop. Assim, o primeiro indício de que um grupo tão peculiar poderia se transformar em um produto consumível foi o sucesso alcançado por sua homenagem à música negra incluída neste disco: a versão de "Take Me to The River", de Al Green.

As letras aparentemente simples escondem observações agudas e críticas sobre a arte, o amor e o mundo. Ponto negativo para a WEA, que não incluiu o encarte na edição brasileira, que, além das letras, traz uma extensa explicação sobre a capa. Em "Artists Only", Byrne diz que "eu não preciso provar que eu sou criativo". De fato, ele e sua banda não precisaram provar nada — simplesmente fizeram quatro discos geniais.

Ana Abramo

DON'T TELL A SOUL — The Replacements (Sire-WEA)

Já dizia o velho ditado: "A mão que afaga é a mesma que apedreja". Desde que assinaram com uma gravadora multinacional em 1985, os Replacements têm sido vítimas de uma perversa campanha difamatória que, curiosamente, foi promovida pelas mesmas pessoas que num passado recente viam o grupo como um dos mais instigantes do rock *underground*. Aliás, acusações de "traição" não são novas no meio musical, que o digam R.E.M., Husker Dus, Cabaret Voltaire e outros que algum dia tiveram a chance de fazer um bom contrato e deixar a cena independente.

Agora nem mesmo esses "apóstolos" podem negar — se é que têm ouvidos — que *Don't Tell a Soul* é um dos mais consistentes LPs que o grupo já fez, com o *band leader* Paul Westerberg mostrando ser capaz de conciliar o ataque e a virulência dos velhos tempos a composições com uma invejável finesse pop. Assim, que venha o sucesso. Os Replacements merecem. *A.G.C.D.*

EDGE OF INSANITY — Tony Macalpine/DRAGON'S KISS — Marty Friedman/GREG HOWE (Roadrunner-Eldorado)

Começam a chegar ao Brasil os discos dos novos heróis da guitarra metálica. São álbuns totalmente instrumentais, nos quais esses músicos mostram todas as suas influências e técnicas, que têm como origem comum o G.I.T. (Guitarra Institute of Technology), por onde todos eles passaram. Isso os torna parecidos em termos de estilo, uma impressão que fica ainda mais acentuada por se tratar do mesmo produtor: Mike Varney (no de Friedman, apenas na produção executiva). Macalpine tem um lado mais clássico e também toca baixo e piano, chegando até a interpretar "Prelude 16, Opus 28", de Chopin. Outros destaques ficam por conta de "Wheel of Fortune" e "Quarter to Midnight" (um solo ao vivo). Friedman também ataca no baixo, e na guitarra mostra uma rapidez impressionante em temas como "Saturation Point" e "Jewel", nos quais também conta com a presença de outros candidatos a *guitar hero*, Jason Becker. Howe, por sua vez, mescla seus solos com um bom trabalho rítmico e seus melhores momentos estão em "Kick it All Over" e "Little Rose". *L.R.*

WHOOPS! THERE GOES THE NEIGHBOURHOOD — The Blow Monkeys (RCA BMG-Ariola)

Ainda sob os cuidados do vocalista e guitarrista Dr. Robert, este grupo — que existe desde 1983 e gravou apenas dois LPs — retorna de forma apática. Ainda seguem a linha do funk/soul/pop, mas sem nenhuma originalidade. Nem mesmo as duas faixas produzidas pelo badalado Stephen Hague conseguem acrescentar alguma coisa. A novidade é uma vulgar inclinação à disco music, em faixas insípidas e sem graça, igual a grupos que sem qualquer talento ambicionam o sucesso. Os Blow Monkeys até tinham mas não souberam desenvolver. *F.N.*

O multiinstrumentista **Joe Jackson** surgiu como um dos expoentes do pos-punk britanico, gravando três albuns. *Look Sharp!*, *I'm the Man* (ambos de 1979) e *Beat Crazy* (1980). A partir de seu quarto LP — *Jumpin' Jive* (1981) — Jackson gradativamente se afastaria do rock para enveredar pelo jazz dos anos 40 e 50, trilhas sonoras e ritmos latinos. Da junçao das duas primeiras paixoes parece ter nascido a inspirada musica que fez para **TUCKER — THE MAN AND HIS DREAM** (A&M/PolyGram), de Francis Ford Coppola, em que Jackson passeia com desenvoltura pelo blues, ragtime, swing e bebop. Ainda em termos de trilhas sonoras, vale a pena dar uma conferida na de **1969** (Polydor/PolyGram), que reune **Jimi Hendrix**, **Cream**, **Animals**, **Creedence**, **Canned Heat** e **Blind Faith** entre outros, alem dos **Pretenders** em uma versão de "Windows of the World", de Burt Bacharach. Voltando a area do jazz, o PolyGram lança tres peliscas antologicos. **IRVING BERLIN ALWAYS**, com gravaçoes do pianista ao lado de nomes como **Billie Holiday**, **Ella Fitzgerald**, **Bing Crosby**, **Sarah Vaughan** e **Louis Armstrong** realizadas entre 1925 e 1946, **SIDE BY SIDE**, disco que reune o piano de **Duke Ellington** ao sax alto de **Johnny Hodges** e outros musicos, em duas sessões de estúdio (1958 e 59) e ainda **THE GENIUS OF COLEMAN HAWKINS**, em que o saxofonista e banda (que inclui o piano de Oscar Peterson) executam doze temas registrados em 1957. O destaque nacional fica por conta do relançamento do importante LP **REVOLVER** (vide *Discoteca Basica* BIZZ 33) pelo Phonodisc/Continental. Um disco gravado por **Walter Franco** em 1975 e que mesclava com raro maestria MPB, rock e experimentalismos diversos. Outro resgate oportuno foi o do selo independente Memória, ao lançar **RIO ACIMA**, LP que **Marlui Miranda** gravou em 1986 e ainda não havia sido editado. Bons arranjos e interpretações num repertorio que ora em de composiçoes proprias inclui Luis Vieira, Joras Macale e Jararaca, com um único senao para o pop infantil "Tininim", parceria de Marlui com Zeraldo capaz de apavorar qualquer criancinha. Por outro lado, o novo LP de **Wanderléa** (3M) mostra que a "Ternurinha" precisa dar uma recauchutada em seu repertorio e arranjar um acompanhamento menos sombrio. Na area de musica instrumental brasileira, a Eldorado lança os LPs **FAFÁ & CAROLINA**, onde respectivamente ao violino e ao piano, estes dois nomes antologicos do passado musical nacional mostram que estão em plena forma em composições proprias e classicos da MPB e **VIOLÃO E OUTRAS COISAS**, de **Nelson Angelo**, que traz o violonista — mais conhecido como parceiro de Joyce — acompanhado em outros instrumentos por amigos como Egberto, Mauro Senise e Jacques Morelembaum. Por fim, a SBK Songs traz ainda de seu primeiro pacote do selo independente Enigma (espera-se que nao seja o ultimo) o heavy cristão do **Stryper** em **IN GOD WE TRUST** — uma penitência para os ouvidos — e os usuais canções pop facilmente digeriveis de **Al Stewart** no LP **LAST DAYS OF THE CENTURY**.

O DICIONÁRIO DO VÍDEO!

Vídeos, há muitos. E porque existem muitos vídeos, é que existe 1000 VÍDEOS: uma ampla seleção com o que há de melhor por aí, em todos os gêneros, organizada em verbetes, com dados sobre cada filme. Além de endereços de distribuidoras de fitas e de assistência técnica. Quer dizer: uma verdadeira videoteca em suas mãos.

Na verdade, existem pelo menos mil motivos para se ter 1000 VÍDEOS. Mas basta um: é a maneira mais rapida de atualizar e ampliar qualquer coleção. E de se informar, é claro.

Tão indispensavel, em casa ou nas videolocadoras, quanto um videocassete.

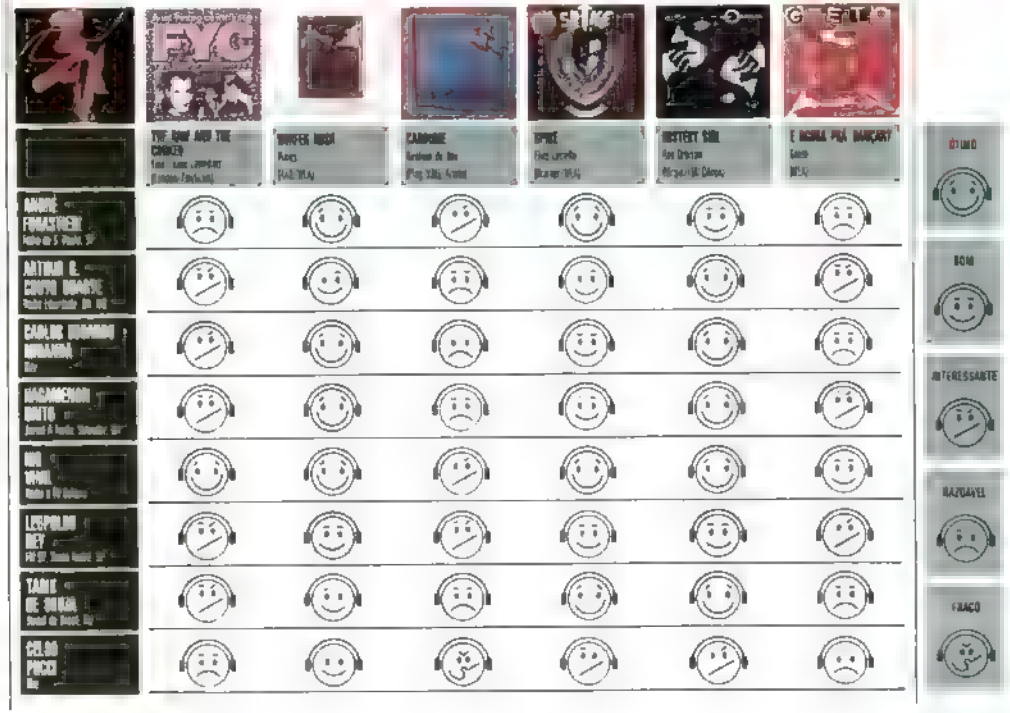
EDITORA AZUL

COMPACTO DISCO

Desta feita, as bolachinhas mais finas desta seção ficam por conta de quatro lançamentos pela EMI-Odeon da grande safra do **Pink Floyd:** os imprescindíveis dois primeiros álbuns do grupo — **THE PIPER AT THE GATES OF DAWN** (1967) e **A SAUCERFUL OF SECRETS** (1968) — ainda com a presença genial de Syd Barrett e duas das trilhas sonoras compostas para o cinema: **MORE** (1969) e **OBSCURED BY CLOUDS** (1972). Ainda oportuno resgate ocorre com o pop inspirado de Paul McCartney and the Wings em seu **BAND ON THE RUN** (1973), pela Parlophone/EMI-Odeon. No departamento dos dinossauros redivivos, eis que surge **David Crosby** com **OH YES I CAN** (A&M/PolyGram), realmente bem mais convincente do que a volta da CSN&Y em conjunto, enquanto que dois expoentes da fradda new wave também marcam presença: os **Talking Heads** com **LITTLE CREATURES** (1985), pela EMI-Odeon, e o **Police** em dose dupla com **GHOST IN THE MACHINE** (1981) e **SYNCHRONICITY** (1983), além de **Sting** em seu **BRING ON THE NIGHT** (1986). Na área nacional, o brilho ofuscante de **Paulinho da Viola** em sua volta magistral depois de cinco anos de ausência em **EU CANTO SAMBA** (RCA/BMG-Ariola). Uma boa pedida seria o lançamento de alguns de seus álbuns anteriores em CD.

GRAVADORAS INDEPENDENTES: *Memória — R. Santos 2.500 São Paulo SP 01401-000 Retoque — R. São Clemente 84 Rio de Janeiro RJ 22260-000 Songs — R. da Glória 290 7º andar Rio de Janeiro RJ 20241-180 Vinil Urbano — Cx. Postal 8446 São Paulo SP 01065-970 Curitiba PR 80420-240*

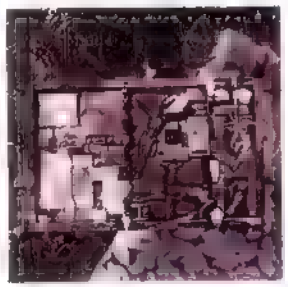
BOLSA DE DISCOS



Baixo, violino e uma guitarra acústica intermitente. Para um grupo duo de rock n'roll tais instrumentação é, no mínimo, atípica. Mas no caso do nova-iorquino **Hugo Largo,** rock n'roll é sinônimo de destruição. Uma metáfora consumada de silêncio minimalista ancorada e sonhos de ozônio. Descoberto há cerca de dois anos por Michael Stipe, do R.E.M., ele tornou-se um *instant cult* em 1988 com *DRLM*, seu primeiro LP para a gravadora independente Relativity. Agora, sob os auspícios do selo Opal, a banda lança **METTLE,** onde mais uma vez se sobressai o trabalho da vocalista Mimi Goese. Inequívoco centro nevrálgico do Hugo Largo, Goese evoca a mesma profundidade abissal de Liz Fraser (Cocteau Twins) e Lisa Gerrars (Dead Can Dance). Sem dúvida, este é um talento único no cenário pop de 1989.

◆

Estreia exemplar da psicodelia terminal, o cantor **Robyn Hitchcock** reaparece pela A&M com o LP **QUEEN ELVIS,** coadjuvado pelo guitarrista Peter Buck (R.E.M.) e por Andy Metcalfe (ex- Teardrop Explodes). *That's the real acid!*



Durante oito anos (de 1979 a 1987, como membro do Husker Du, ele criou inspiradas composições que iam do hardrock à mais cáustica avalanche da psicodelia. Hoje, o pacato vocalista e guitarrista Bob Mould é o primeiro ex-Husker a estrear como solista em LP. **WORkBOOK** (Virgin) é a sua pedra fundamental. As canções se parecem com rochas vulcânicas donde escorrem lascas de rock n'roll, psicodelia, country-rock e heavy. Pouco senso melódico, ínfimo caráter pop, aromas de esquizofrenia, violões celestiais e guitarras torpes. Algo definitivamente *stoned* como comprova a canção "Brasília Crossed with Trenton", onde imagina Brasília cruzando sua fazenda em Trenton.

◆

Após sete anos de estrada, o excelente **Dream Syndicate** acabou. A despedida, via Enigma, é o LP **GHOST STORIES.** Os precursores do Paisley Underground e responsáveis pela recuperação da onda folk-psicodélica nos EUA realizaram um genial epitáfio à base de blues, psicodelia e rock n'roll.

A nova geração do hip hop nova-iorquino é pacífica (usa símbolos hippies) e muito engraçada. O melhor representante dessa mudança de comportamento é o **De La Soul.** Os membros desse trio, que tem todos 19 anos de idade — fizeram das 23 faixas de seu álbum de estréia, **3 FEET HIGH AND RISING** (Tommy Boy), um petardo onde estão prensadas dezenas de amostras de clássicos do rock e do soul, utilizadas para compor músicas novas. Resultado: o mais completo delírio (entre Frank Zappa e os Residents, que remete diretamente à espontaneidade dos anos 60.

ELVIS COSTELLO

VERONICA

(DECLAN MACMANUS/PAUL MCCARTNEY)

Is it all in that pretty little head of yours?
what goes on in that place in the dark?
well, I used to know girl and I would have sworn
that her name was Veronica
well, she used to have a carefree mind of her own
and a delicate look in her eye
these days I'm afraid she's not even sure
if her name is Veronica

(refrão)
Do you suppose, that waiting hands on eyes,
Veronica has gone to hide?
and all the time she laughs at those
who shout her name and steal her clothes
Veronica...

Did the days drag by? Did the favours wane?
did he roam down the town all the time?
will you wake from your, with a wolf at the door,
reaching out for Veronica?
well, it was all of sixty-five years ago
when the world was the street where she lived
and a young man sailed on a ship in the sea
with a picture of Veronica

On the "Empress of India"
and as she closed her eyes upon the world
and picked upon the bones of last week's news
she spoke his name outloud again

(repete refrão)

Veronica sits in her favourite chair
and she sits very quiet and still
and they call her a name that they never get right
and if they don't then nobody else will
but she used to have a carefree mind of her own
with a devilish look in her eye
saying "you can call me anything you like
but my name is Veronica"
(repete refrão)

VERONICA

Será que tudo isso está dentro de sua linda cabecinha?
o que será que acontece naquele lugar, no escuro?
bem, eu costumava conhecer uma garota e juraria
que o nome dela era Veronica
bem, ela costumava ter uma mente despreocupada só dela
e um jeito delicado no olhar
hoje em dia eu temo que ela não tenha nem certeza
de que seu nome seja Veronica

(refrão)
Você supõe que, com as mãos que esperam sobre os olhos,
Veronica sumiu para se esconder?
e o tempo todo ela ri daqueles
que gritam seu nome e roubam suas roupas
Veronica...

Será que os dias se arrastaram, lentos? Será que os favores se perderam?
será que ele perambulou pela cidade o tempo todo?
será que você vai despertar do seu sonho, com um lobo na porta,
tentando alcançar Veronica?
bem, isso foi há sessenta e cinco longos anos
quando o mundo era a rua onde ela morava
e um jovem embarcou num navio para o mar
com um retrato de Veronica

No "Imperadora da India"
e enquanto ela fechava seus olhos para o mundo
e recolhia os ossos das notícias da semana passada
ela gritou seu nome outra vez

(repete refrão)

Veronica senta-se em sua cadeira favorita
e ela fica sentada muito calma e imóvel
e eles a chamam de um nome que nunca acertam
e se eles não conseguem, ninguém mais acertará
mas ela costumava ter uma mente despreocupada só sua
com um jeito diabólico no olhar
dizendo "você pode me chamar do jeito que quiser
mas meu nome é Veronica"
(repete refrão)

© MPL Communications Ltd./Emi Music/Plangent Visions Music/Emi Music (Emi-Music F.I.E. Ltda.-Divisão Rapoi

Coloque as notas no lugar certo.

Não quebre a cabeça com música

GRUPO ama

ESCOLA DE MÚSICA E ARTE

VIOLÃO
GUITARRA
BAIXO
PIANO (acústico)
PIANO (Fender)
SAXOFONE
BATERIA
CANTO
TECLADO
ÓRGÃO

Rua Gabriel dos Santos, 103
Tel.: 67-4879 - CEP 01231
Santa Cecilia - São Paulo - SP
Próximo a estação do metrô
Marechal Deodoro
NÃO TEMOS FILIAIS

GRANDE VENDA DE INSTRUMENTOS MUSICAIS
Tel.: 67-4879 - das 8:00/21:00
sábados 8:00/18:00

não vale cópia

APRESENTE ESTE CUPOM. COM ELE VOCÊ NÃO PAGA A MATRÍCULA

NA TRINCHEIRA DO KAOS

Estamos escrevendo a vocês pela primeira vez para enviar os nossos parabéns pelo que chamamos de "extraordinário valor", o nível apresentado na BIZZ 45, não querendo, todavia, desmerecer as outras edições, que igualmente estavam muito boas. Entre tudo de valioso que lemos nesta edição, o que mais chamou nossa atenção foi a entrevista intitulada "Três Décadas na Trincheira do Kaos", concedida por Jorge Mautner a Jean Yves de Neufville, uma verdadeira preciosidade de entrevista. (...) Para resumir, deixamos registrado, sobre o que disse Jorge Mautner, que, felizmente, podemos ainda nos orgulhar da existência de pessoas dentro da música brasileira com consciência dos fatos, honestidade, dignidade e uma visão extraordinária de seu tempo, devolvendo a nós (leitores e admiradores da boa música) a certeza de que a música, enquanto arte e difusora de cultura, está salva.

Luiz Fernando e Carlos Augusto Pereira Paz, Bage — RS

E eis que pego a BIZZ 45 e me deparo com oito páginas de Jorge Mautner. Feliz coincidência! Afinal, foi só neste ano que tive a oportunidade (e a sorte) de conhecer o trabalho desse gênio. (...) Na entrevista da BIZZ ele esbofeteia as instituições, os generais, os corruptos, a verdadeira corja brasileira. (...) Tentar definir o gênio eclético de Mautner é querer diminuí-lo; mesmo suas profusas palavras não conseguiriam. Fico pensando em quanta maravilha se esconde naqueles caixotes onde ele diz possuir milhares de páginas. O que as editoras estão esperando?

Margarete de Moraes, Santo André — SP

Escrevo a BIZZ, pela primeira vez, para parabenizá-los pela esplêndida entrevista com o "tovarich" Jorge Mautner, alguém que não deve nada a ninguém e por isso pode dizer o que bem entender. Que pena que tão poucas pessoas tenham o privilégio de conhecer seu trabalho...

Marcos Alves de Olival, São Paulo — SP

Acabo de ler a entrevista com Jorge Mautner na BIZZ de abril. Bato palmas a esta iniciativa. (...) Acredito que uma revista de rock não precisa necessariamente falar apenas sobre cantores de rock — o que comem, o que ouvem etc. —, mesmo porque não é só isso que vem interessando a moçada...

Ana Maria Ghoshi de Moraes, São Paulo — SP

MAESTRO IMPOPULAR

A seção Ouça Essa nos trouxe uma agradável surpresa ao incluir a bombástica afirmação do maestro Júlio Medaglia de que o rock seria a Aids da música atual. Nesse artigo, publicado na *Folha de S. Paulo, Somtrês* e em seu livro *Música Impopular*, o maestro parece não ter assimilado algumas inovações dos anos 60 e 70, como Captain Beefheart, Doors, Velvet Underground, Roxy Music, David Bowie, Brian Eno, Talking Heads e outros. Fora isso, resume a música pop dos anos 80 a Phil Collins e a Fred Mercury, o que, se não por falta de informação, é má-fé evidente. O mais grave é ele não querer entender que o rock e causa (e não consequência) dos males que afetam a criatividade humana em geral, tornando-se uma válvula de escape de boa parte da juventude, cuja falta de caminhos é uma história bem mais complexa do que supõe a lógica chã do maestro em seu quixotesco artigo. Por outro lado, se rock virou sinônimo de palavrão, é porque a maioria não tem paciência de ficar pescando pérolas nesse mar de lodo que é o mercado nacional, onde, para cada The Fall, temos que aturar dezenas de mediocridades (ainda a burrice das gravadoras e das FMs). Se dependesse do maestro, esse mesmo mercado seria invadido por clones de Rick Wakeman e sua gosma erudito-ide... Realmente foi uma péssima jogada do sr. Júlio meter o nariz numa área que não diz respeito à sua sensibilidade. (...) Mas não convenceu, pois a juventude não é tão burra como ele está pensando.

Alfredo J. Albuquerque, Lucena — PB

FÃS-CLUBES

Associação dos leitores de BIZZ A/C Valéria, av. Jurucê, 135, apto. 22, CEP 04080, São Paulo - SP

A-ha *A-ha Oficial Fã-clube* A/C Alessandra, Praça Irmãos Karman, 111, apto. 32-A, CEP 01252, São Paulo — SP

A-ha *Stay on A-ha Fan Club* A/C Simone, r. Santo Antônio, 340, c-1, CEP 25085, Duque de Caxias — RJ

A-ha *Fã-clube do A-ha* r. São José, 662, CEP 64800, Floriano — PI

A-ha *Stay on These Roads With A-ha* A/C Danielle, r. Dr. Pio Borges, 1015, Bl-D, apto. 202, CEP 24400, São Gonçalo — RJ

A-ha *O Fenômeno da Música Pop Fã-clube* A/C Roberta, r. Luís Lorenzon, CEP 17340, Barra Bonita — SP

A-ha *Hunting High and Low* A/C Ângela, r. Fragoso Campos, 178, CEP 05170, São Paulo — SP

A-ha *Stay on This A-ha Fan Club* A/C Kay, r. Coronel Rodovalho, 13, apto. 11, CEP 13100, Campinas — SP

A-ha *A-ha 4-Ever Fan Club* r. Gastão Pache de Faria, 158, CEP 24250, Niterói — RJ

A-ha *Living in A-ha Adventure Tale* r. João Gross, 119, CEP 09725, São Bernardo do Campo — SP

Camisa de Vênus *Fã-clube Duplo Sentido*, Q-2, Cj. G, casa 105, CEP 72400, S/ Norte do Gama — DF

Cazuza *Fã-clube Exagerado*, Caixa Postal 1467, CEP 66001, Belém — PA

Cure *10:15 Saturday Night of the Cure Fan Club* Caixa Postal 23, CEP 29100, Vila Velha — ES

Duran Duran *Duran Boys Fan Club* A/C Luzanêia Marinho Pereira, r. Oceano Ártico, 83, CEP 58033, João Pessoa — PB

Engenheiros do Hawaii *Fã-clube Engenheiros do Hawaii* A/C Andréia, Caixa Postal 180, CEP 89500, Caçador — SC

George Michael *Faith Fan Club* A/C Patrícia, r. Tapajós, 26, apto. 401, CEP 30460, Belo Horizonte — MG

Kraftwerk *Kraft Association* Caixa Postal 26, CEP 83540, Rio Branco do Sul — PR

Led Zeppelin *Kashmir Fã-Clube* A/C Carlos, r. Marcílio Dias, 2059, CEP 96020, Pelotas — RS

Madonna *Fan Club Holidays with Madonna* av. Monte Aprazível, 2645, CEP 15043, São José do Rio Preto — SP

Madonna *Madonna in Memory* A/C Nelson, r. Lins, 7, CEP 01507, São Paulo — SP

Madonna *The Original Fan Club* r. Capitão Senna, 423, Nova Iguaçu — RJ

New Order *Fã-clube New Order Substance* A/C Leandro, r. Apolinário Cunha, 265, CEP 28300, Itaperuna — RJ

Nenhum de Nós *Nenhum de Nós Rock Club* A/C Carmo, r. Quaresmeira, 156, CEP 32310, Contagem — MG

Pet Shop Boys *Introspective Fã-Clube* A/C Andréia, Caixa Postal 180, CEP 89500, Caçador — SC

Police *The Police Around the World* A/C Alex, r. Celta Mello de Abreu, 42, apto. 202, CEP 25255, Santa Cruz da Serra — RJ

Police *Too Much Information* A/C Ricardo, r. Gama Lobo, 510, CEP 04269, São Paulo — SP

Raul Seixas *Try It Again* (novo endereço) Qd. 2, Cj. G, casa 105, Setor Norte, Gama — DF

Smiths *Fã-clube The Smiths* A/C Mário, av. Prof. João Batista Conti, 105, apto. 43, Cohab II, CEP 08200, São Paulo — SP

Titãs *Go Back Fã-clube* A/C Elton, r. São João, 450, CEP 64800, Floriano — PI

TNT *Fã-Clube Gata Maluca* A/C Alda, r. Olinda, 744, CEP 57300, Arapiraca — AL

Yazz *Yazz Fã-clube* A/C Camilo, r. Domingos de Moraes, 1612, apto. 21, CEP 04010, São Paulo — SP

MERCADO PARALELO

Compro as edições da BIZZ do número 0 ao 21. **José Petrônio Souza Silveira, Fazenda Ladeiras, CEP 49950, Japoatã — SE**

Compro BIZZ do número 0 ao 20 e *Revista-Poster* 17-A (U2), 20-A (Cure) e 41-P (New Order). **Cláudio Henrique Andrade, QNG 30, casa 7, Taguatinga, CEP 72130, Brasília — DF**

Compro edições de BIZZ do número 0 ao 14, e do 24 ao 26. **Guilherme Jorge de Resende Brito, Caixa Postal 665, CEP 64000, Teresina — PI**

Compro os exemplares números 1 a 10 da BIZZ, em excelente estado de conservação. **Denise Teixeira de Abreu, r. Tocantinea, 403, CEP 07070, Guarulhos — SP**

Compro qualquer BIZZ anterior à edição 23 que tenha matéria referente ao Renato Russo e Legião Urbana. **Maria Lúcia Santos, r. Irineu Pinheiro, 80, CEP 21830, Rio de Janeiro — RJ**

Compro as edições de BIZZ do número 0 ao 40, exceto a número 30, e também todas a edições de *Letras Traduzidas, Ídolos do Rock, Calendário do Rock, Revista-Poster do Duran Duran e Hollywood Rock*. **Patrícia Bruschi, r. Tapajós, 26/401, CEP 30460, Belo Horizonte — MG**

Vendo edições de BIZZ do número 11 ao 13 e do 18 ao 35. **Valter Gomes da Silva, r. Ana Gertrudes Vieira, 43, CEP 08040, São Paulo — SP**

Vendo BIZZ números 1 a 11, 24, 26, 27, 28 e de 31 a 39. **Andressa Fernandes, al. Mary Ubirajara, 70/403, CEP 29055, Vitória — ES**

Compro todos os exemplares de Letras Traduzidas anteriores ao número 40 que tenham letras do A-ha. **Aline Vaccaro Tako, r. Sebastião Gil, 20, apto. 22, CEP 05421, São Paulo — SP**

Vendo as edições de BIZZ números 18, 20, 21 e 28. **Marcieri de Oliveira Camargo, r. Bertrando Molinari, 262, CEP 12900, Bragança Paulista — SP**

Vendo as edições de BIZZ do número 2 ao 44, todas em ótimo estado de conservação. **Hamilton Teles Barreto, av. Mato Grosso, 173, CEP 78010, Cuiabá — MT**

Compro BIZZ números 8 e 23, *Calendário do Rock* número 28-C e Revista Poster do U2 (17-A). **Marcelo Cônego Sá, r. Amapá, 51, apt. 204 , CEP 52050, Recife — PE**

Compro *Revista-Poster* 23-P (A-ha). **Silmara P. Campos, av. Salles Gomes, 110, CEP 18270, Tatuí — SP**

PISADAS NA BOLA

Ao contrário do informado na seção *Zona Franca* de BIZZ 46 (maio), *Isn't Anything* não é o LP de estréia do My Bloody Valentine, e sim o segundo álbum (precedido pelo LP *Ecstasy*). Na *Discoteca Básica* da mesma edição, sobre o álbum *Willie and the Poor Boys* do Creedence Clearwater Revival, a canção tradicional "Cotton Fields" é, na verdade, de Leadbelly, enquanto "The Midnight Special" (no selo do disco, creditada como tradicional) também é creditada ao mesmo compositor pela *The Rolling Stone Encyclopedia of Rock'n'Roll*.

No **Guia do Rock** que acompanhou a BIZZ 45, a música "O Amor e o Poder", gravada por Rosana, aparece como uma versão feita por Sullivan e Massadas para "The Power of Love", de Jennifer Rush, C. de Rouge, G. Mendes e M. S. Applegate. Na verdade, a versão foi feita por Cláudio Rabello.

Na edição 46, páginas 18 e 19, onde aparecem as fotos dos integrantes do Depeche Mode, os nomes de Andrew Fletcher e Martin Gore estão trocados.

Na edição 47, página 9, a foto dos Paralamas do Sucesso aparece sem crédito para o fotógrafo. O nome omitido foi o de Ivaldo Cavalcanti, do *Jornal de Brasília*.

Aproveitamos a deixa para agradecer a todos os leitores que nos escrevem indicando nossas "pisadas na bola".

ESTUDANDO O SAMBA

TOM ZÉ
ESTUDANDO O SAMBA (1975)

O Brasil é a casa onde os santos menos fazem milagres, uma estranha espécie de Instituto de Pesos e Medidas em que a cultura brasileira é "brega" e qualquer rebotalho estrangeiro é cultuado incondicionalmente. O que menos se macaqueia de fora é a ausência de preconceitos musicais, sendo um belo exemplo disso o nosso amigo David "Talking Heads" Byrne, sempre atento aos sons de todo o planeta, e que não conteve a sua admiração ao conhecer o trabalho de Tom Zé (uma espécie de seu equivalente brasileiro, pois, não tão mal comparando assim, ele poderia ser considerado um "David Byrne que não deu certo", que nunca teve o apoio de uma grande gravadora), mais precisamente a partir deste LP.

Tom Zé, para quem não se lembra, veio da Bahia junto com Caetano, Gal e Gil, sendo tão importante quanto eles, mas não tão famoso, por uma série de fatores: além de sempre ter sido mais "caseiro" — deixando escapar a chance de se projetar em Londres com eles, e se fixando em São Paulo numa época em que tudo parecia acontecer no Rio —, Tom Zé nunca sofreu a compulsão de se curvar perante os modismos ou pendurar melancia no pescoço para aparecer. Além disso, ele sempre gravou por selos menos fortes que as gravadoras multinacionais (Rozembli, RGE, Continental, exceto um obscuro primeiro compacto e algumas faixas inéditas pela RCA, em 1965), conseguindo fazer apenas sete LPs durante dezesseis anos, quase todos grandes raridades. E este, *Estudando o Samba* é o menos comercial deles.

Tom Zé — normalmente eclético e flertando com diversos gêneros de música popular — fez deste LP um verdadeiro curso de samba, em todos os seus andamentos, estilos e épocas, sempre filtrando-os por sua ótica pessoal: o samba de morro (na faixa "Se"), o samba amaxixado do início do século ("Você Inventa") e o sambão ("Tô"). Mas ele também enveredou pela bossa nova em "A Felicidade", de Tom e Vinicius — a única faixa do LP não composta por Tom Zé e transformada em uma "bossa-valsa"! —, e até pelo minimalismo com um pé no rock e outro nas ladainhas do Norte/Nordeste (não fosse Tom Zé um bom baiano), como demonstrou em "Má", a música que inclui os famosos cavaquinhos em afinações estranhas, marcando obsessivamente o ritmo.

Em seu estudo do samba, Tom Zé se revelou um aluno exemplar. Aquele que até chega a ensinar algo aos mestres, alguns dos quais, por sinal, participam do disco: Heraldo do Monte, no violão e guitarra, o maestro José Briamonte, nos arranjos orquestrais, o sambista Elton Medeiros, na parceria em duas faixas ("Tô" e "Mãe Solteira"), e o percussionista Téo da Cuíca (tocando tambor d'água e outros instrumentos de sua invenção).

Já as letras de Tom Zé formaram um capítulo à parte, em que ele esbanjou sua ironia, provocação e irreverência, como em "Tô" ("Tô te explicando pra te confundir / Tô te confundindo pra te esclarecer"), "Se" ("Ah! Se maldade vendesse na farmácia / Que bela fortuna você faria... Me contem / Como escrever de novo / Um jornal de ontem"), "Você Inventa" ("Você inventa Deus e eu invento a fé / Você inventa o pecado e eu fico no inferno") e até mesmo os momentos mais líricos, como "Mãe Solteira" ("Dorme, dorme meu pecado / Minha culpa, minha salvação").

O próprio Tom Zé iria relembrar posteriormente que, na época, Heraldo do Monte não conteve uma expressão de espanto semelhante à feita por David Byrne, doze anos depois, ao conhecer a originalidade de seu trabalho. Pois bem, quem se dispuser a estudar o samba, tem que obrigatoriamente consultar este LP, no qual Tom Zé defendeu brilhantemente a sua tese sobre a versatilidade, energia e eternidade do gênero.

AYRTON MUGNAINI JR.

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

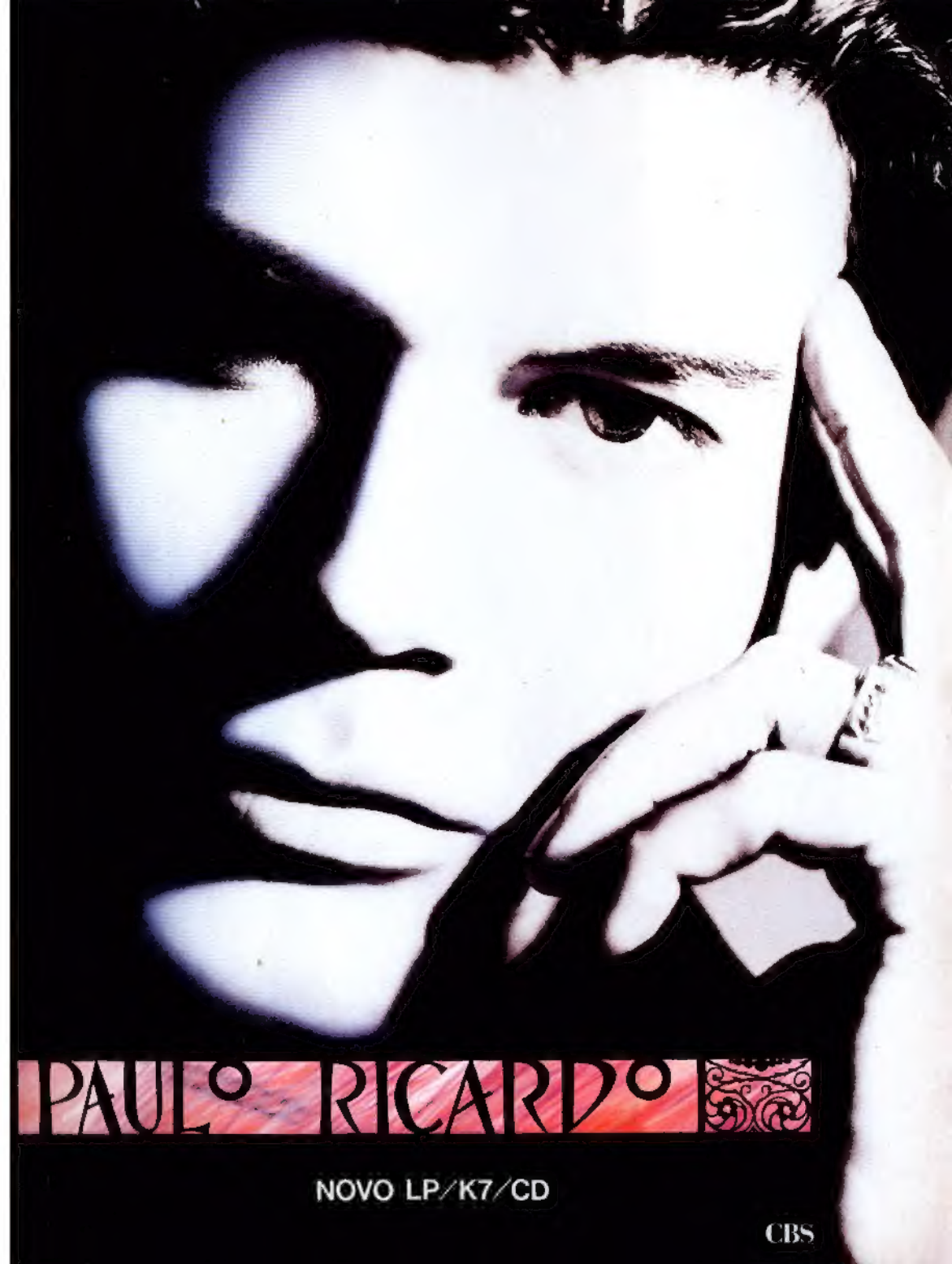
Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

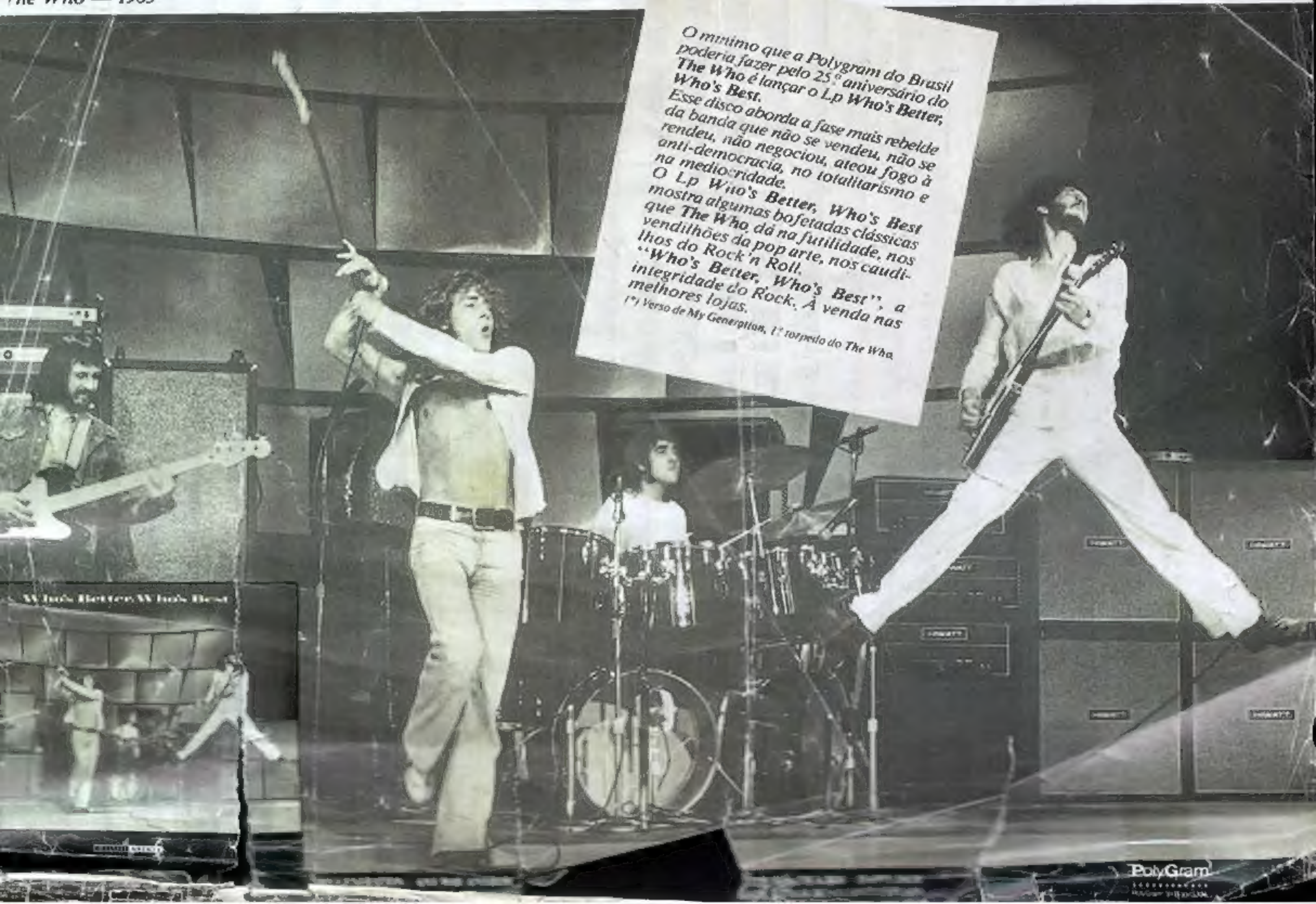
REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Augusto Lemos
Editores-Assistentes: Bia Abramo (Vitrine Viva e Ao Vivo), Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adan Gil (Showbizz), Lorena Calabria (Rio de Janeiro), Sônia Maia (Conexão Brasil)
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan
ARTE
Editora: Dorse Britnes
Diagramação: Angelo Asson, Itzau Norbertino, Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Arquivo e Pesquisa de fotos: Cidval Heredia
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Anamaria G. de Lemos (Londres), Alexandr Palmarca (Nova York)
Colaboradores
Texto: Arthur G. Couto Duarte (BH), Ayrton Mugnaini Jr., Carlos Eduardo Miranda, Fernando Naporano, Fernando Tupã (Cur), Hagamenom Brito (SAL), Jean-Yves De Neufville, Leopoldo Rey, Marcel Plasse, Marcos Campolim, Renato Nogueira Neto (RJ), Rodrigo-Lebão (BSB), Thomas Pappon
Arte: Antonio Fernando Moura
Fotos: Aline Bindilatti, Gladstone Mendes Campos, Beti Niemeyer, Helena B. Nunes, Joaquim Vigiano, Ludmila Pelinllo, Luis R. Stavale, Mauricio Valadares, Mila Maluhy, Sérgio Guerra
Revisão de Texto: Thais Helena de Souza Juarez
Diretora Responsável: Lilige de Uma Dória Castelli
PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
SP-Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Arthur de Oliveira Neto, Antonio Xavier de Aguiar
RJ-Gerente: Maria Fernanda Jorge
Contato: Eduardo Barros
PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edina K. Bungo
Coordenadora: Sandra C. Botelho
REPRESENTANTES
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: 3R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 22-6591 - **Porto Alegre** - RS Centro-Oeste: Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 - **Brasília** - DF SP 2: Intermidia Repres. e Public. e Public. S/C Ltda. Fones: (018) 623-4262-623-4291 - **Ribeirão Preto** - SP
SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165, Phone: (0012121) 557-5990-5993, Telex: 237670, Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex: 660731 ABRILPA, Fax: (00331) 42661399.
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Suzana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Pinotti Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Valdo Castro Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 177, tel. (011) 876-6777, CEP 01139, Caixa Postal 6008, CEP 05096, Telex (011) 26570. **Telegramas:** Editorial-Abripress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674, Telegramas: Editorial-Abripress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Paz Verde, Alvehaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** NCr$ 72.00 à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal a Editora Abril S/A. A Editora Azul garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente pago, correspondente aos exemplares que não foram entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 3. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuição com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações São Paulo

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.



Quero morrer antes de ficar velho*

The Who — 1965